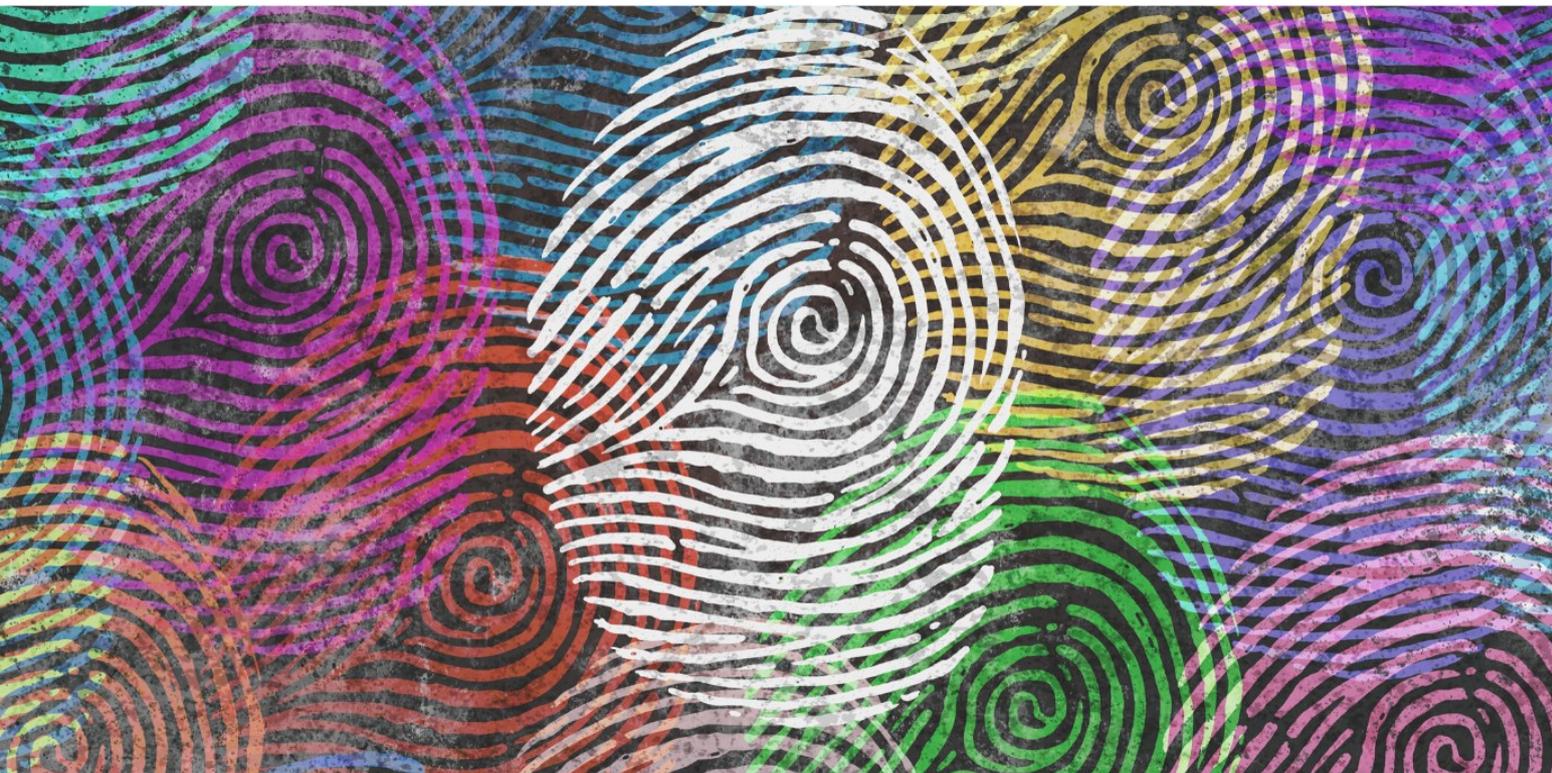




Cadernos de estágio

Saberes em diálogo



EDITORIAL

Organizar a experiência vivida por meio da escrita é criar espaço para torná-la passível de reflexão e de crítica.

Esse foi o objetivo das professoras e professores em formação que dão cor às páginas dessa edição da revista *Cadernos de Estágio*: escrever de si e sobre si tecendo pontos sobre o que viveram e experimentaram no Estágio Supervisionado de Formação de Professores, cada um e cada uma, a seu tempo.

Essa edição traz consigo a marca da diversidade, sendo povoada por múltiplos pertencimentos e múltiplas áreas do conhecimento. Nas páginas a seguir, há experiências de estudantes das licenciaturas em Ciências Biológicas, Geografia e Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

As experiências foram gestadas em espaços educacionais e em tempos formativos distintos – do Ensino Fundamental ao Ensino Médio.

Essa edição inaugura, também, a primeira metamorfose sofrida pelos *Cadernos de Estágio*, que deixam de ser uma produção exclusivamente individual para configurar-se como um espaço coletivo para pensar e ressignificar os Estágios. A todos/as os/as colegas que apoiaram e deram força vital à proposta: muito obrigado!

As experiências a seguir são doadoras de tensões, como provoca Jorge Larrosa: narrativas pessoais, inacabadas e em construção, portanto, vivas – apresentadas aqui com suas marcas e características inalteradas. *Bons diálogos!*



Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo
Departamento de Práticas Educacionais e Currículo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SOBRE A REVISTA

Cadernos de Estágio é uma produção coletiva, colaborativa e independente, portanto, livre em sua natureza. A revista nasce como proposta pedagógica e atitude ética frente às relações, experiências e conhecimentos construídos ao longo do Estágio Supervisionado de Formação de Professores. Essa proposta foi orquestrada por um coletivo de professores e professoras em formação do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus Natal, orientada por mim ao longo do primeiro semestre de 2019. No mesmo ano, ampliou-se para o coletivo de professores e professoras de estágio que significaram este espaço como fecundo para pensar sobre as relações Universidade-Escola.

A proposta da revista é transformar as experiências pessoais dos estagiários em um diálogo aberto, que não se feche em cifras restritas à academia. Os escritos têm a marca da personalidade e reverberam reflexões importantes sobre o ato de estagiar, para todos os sujeitos envolvidos: licenciandos(as), professores(as) supervisores(as), orientadores(as) de estágio, gestores(as) escolares e estudantes.

Sumário

1- O temido Ensino Médio	5
2- Início de um novo começo	8
3- Reinventar-se	10
4- Oportunidade para ultrapassar meus obstáculos	12
5- O teu exemplo pode mudar o mundo	15
6- Uma surpresa agradável	18
7- Professor para quê?	20
8- O nascimento de uma professora	22
9- Um pouco do meu eu professor	24
10- Através da paixão, ganho força	27
11- Respire... e inspire!	30
12- Sobre me apaixonar por algo que tinha dúvidas	32
13- Algo concreto	34
14- Mal bendito ou bem maldito?	36
15- Frankenstein: entre a ficção e a realidade	38
16- 03 razões porquê – Pesares de um futuro professor	41
17- Perplexa com as dificuldades, mas não desanimada	44
18- O estágio na formação do professor de geografia	46
19- A rotina do professor inicia antes mesmo do toque da primeira aula	48
20- Hora de falar das “coisas do céu”	50
21- O destino de adversidades	53

Sumário

22-	Vivências que amadurecem a prática docente	56
23-	Não quero ser assim, não posso ser. Não irei ser assim!	58
24-	Os sentimentos também importam!	61
25-	O Professor que quero ser	63
26-	Monólito	65
27-	Reciprocidade	68
28-	Como a sala de aula deveria ser	70
29-	Tempo de refinar-se: amadurecimento e mudança	73
30-	A ansiedade me enganou	75
31-	Passiflora foetida L., para os íntimos, maracujá do mato	77
32-	Quebrando tabus	80
33-	Girassol: focando no lado iluminado das coisas	83
34-	Convicções, saberes e limitações: onde mora o belo da docência?	86
35-	Ouçá seus alunos	89
36-	O universo numa casca de (nós)	92
37-	Carta aos futuros estagiários	95
38-	Criança não, professora! Pré-adolescente	97
39-	É sobre regar e não podar	99
40-	Sobre ser resiliente	101
41-	Sobre crescer e se reinventar	102
42-	O estagiário como estrangeiro: alguns estranhamentos que podem guiar o futuro professor “de volta” à escola	105



O temido Ensino Médio

Mais um estágio se iniciava e com ele mais um medo surgia: o medo do ensino médio. É, acho que sou uma pessoa um pouco medrosa. Durante o meu período escolar, eu pude ver o quanto os meus professores do ensino médio "sofreram" para controlarem a turma e ter a atenção da turma durante a aula e essas lembranças sempre me acompanharam, mesmo antes de entrar na licenciatura. Sendo assim, comecei a criar na minha cabeça o monstro do Ensino Médio. Esse monstro surgiu pequeno, inofensivo e não me causava nenhuma preocupação. Porém, com o passar do tempo no curso ele foi crescendo, ficou mais forte, me trouxe preocupações, ansiedade e meu medo de enfrentá-lo só aumentava e chegou numa etapa que eu não sabia se conseguiria detê-lo. Esse dia chegou. Meu nome é Arielly Chanttal, sou estudante do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Decidi continuar meu estágio supervisionado para o ensino médio na mesma escola em que fiz o do ensino fundamental, na escola estadual Santos Dumont, que fica localizada no bairro Jardim Planalto, em Parnamirim/RN.

Essa escola, além de ficar próximo de onde moro, foi onde fiz parte do meu Ensino Fundamental II, sendo esses dois fatos decisivos para a minha escolha de continuar meu estágio lá. Nesta escola, os níveis de ensino são separados por turno, sendo o Ensino Fundamental pela manhã e o Ensino Médio pela tarde. Conversando com o meu supervisor do estágio anterior, ele me informou que a coordenação era diferente, como também a maioria do corpo docente. Ou seja, eu não veria tantos rostos conhecidos pela tarde. Sendo assim, pedi uma indicação para ele de supervisores para o estágio e ele me indicou a minha supervisora. Entrei em contato com ela e já marcamos nosso primeiro encontro. Assim que cheguei na escola, já pude perceber algumas diferenças entre os alunos da manhã e da tarde. Observei que uma parte dos estudantes quase não usavam o uniforme completo, algo que era raro durante a manhã. Outra diferença que percebi, enquanto eu esperava a professora, era que apesar de um grande número de alunos fora das salas de aula, o ambiente não era tão barulhento.



Arielly Chanttal

Sou aluna da licenciatura do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Sou uma apaixonada pelos anos 80, em especial por suas músicas e filmes, viciada em séries, algumas, e louca por videogame.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Os alunos que estavam pelo corredores ficavam apenas conversando, diferente dos alunos da manhã que, devido a idade, ficavam brincando e gritando pelo corredores, o que dificultava e muito o andamento das aulas. Após esses momentos de observações, encontrei a professora, conversamos um pouco e ela mostrou as turmas. Pelo horário que encaixava melhor no meu, decidi ficar com uma turma do 1º ano. Após essas primeiras definições, fui para casa e já comecei a planejar as minhas aulas. Nessa mesma semana, comecei as observações e fui apresentada ao terrível monstro que eu tanto temia: os alunos. Cheguei na sala e percebi os olhares curiosos, alguns cochichos sobre quem era aquela pessoa estranha junto da professora. Pelo que percebi, não é comum essa escola receber estagiários, então eu sempre chamava um pouco de atenção pelos corredores. Assim que a professora se organizou, ela me apresentou para a turma e me deu um espaço para falar um pouco sobre mim. Me apresentei, falei sobre meu curso e sobre a época que estudei por lá. Numa primeira impressão, os alunos pareceram se interessar por essa nova experiência e me receberam bem. Após isso, me sentei e comecei a observação que se seguiria por três semanas. Para resumir esse período, o que mais me chamou atenção foi que, apesar dos alunos respeitarem a professora, a maioria não prestava atenção na aula, muitos dormiam, outros mantinham conversas paralelas e alguns, escondidos, mexiam nos celulares.

Pude ouvir algumas vezes alunos questionando o objetivo de aprenderem aquilo se eles nunca usariam para nada. Aquilo mexeu comigo e percebi que queria tornar a biologia mais próxima do cotidiano deles e mais acessível. Fui percebendo que o monstro não era tão assustador assim. Comecei o meu planejamento depois que foi definido que os conteúdos que eu ficaria responsável seriam fotossíntese, quimiossíntese e respiração celular. Tentei montar minhas aulas de forma que pudesse integrar um assunto ao outro e assim mostrar para eles que na biologia tudo está relacionado e que os conteúdos estudados na sala de aula estão presentes na vida deles. Minha preocupação era que, diferente do Ensino Fundamental, no Ensino Médio os professores de biologia só tem dois horários por turma na semana e além disso, os horários da minha turma eram quebrados, sendo um na quarta e outro na sexta. Fiquei pensando como seria complicado executar uma aula prática apenas em um horário numa turma de 32 alunos. Porém, fiz meu planejamento e me organizei inteira para a minha primeira aula. Chegou o dia que eu finalmente enfrentaria o temido monstro. Peguei meus materiais e fui em direção a sala. Durante esse percurso, ia repassando todos os conteúdos na minha cabeça, lembrando cada conceito e relação com o cotidiano dos alunos.



“Fui percebendo que o monstro não era tão assustador assim”

Cheguei na sala. Montei tudo, me coloquei na frente, me apresentei novamente e comecei minha aula. Sempre começo com algumas perguntas e notei que a turma era bem tímida para respondê-las. Os incentivei a participar mas apenas três alunos estavam respondendo. Segui em frente. O andamento da aula foi extremamente tranquilo, a grande maioria estava prestando atenção mas só alguns interagiam. A aula chegou ao fim. Ao sair, ouvi muitos alunos elogiando minha aula e alguns vieram me fazer perguntas sobre o conteúdo. Fiquei feliz e isso me deu mais motivação para as aulas seguintes. As minhas aulas seguintes correram bem mas em um dia de planejamento minha supervisora avisou que eu teria que finalizar os conteúdos que fiquei responsável antes da prova, que seria na semana seguinte.

Ou seja, os conteúdos que eu ministraria durante todo o meu estágio, foram reduzidos a apenas duas semanas. Eu surtei. Como eu daria respiração celular numa aula de apenas 50 minutos? Nas aulas de estágio, conversei com o professor Thiago e com meus colegas de turma sobre o que eu poderia fazer. Recebi algumas orientações e algumas opiniões sobre como me contornar essa situação. Isso me acalmou e permitiu adaptar minhas aulas.

No dia da aula, a única coisa que eu percebia nos rostos dos alunos era uma grande interrogação. Nunca tinha visto uma turma tão desanimada e desatenta. Eu não os culpava. Era um assunto extremamente denso e complexo sendo dado numa aula de 50 minutos. Houve momentos em que apenas quatro alunos olhavam para o quadro. Eu estava decepcionada comigo por não saber o que fazer para chamar a atenção deles. Quase chorei mas respirei e segui em frente. Após essa semana, meu planejamento no estágio ficou extremamente confuso e eu estava totalmente perdida sobre o que fazer em seguida. Pensei que tudo estava dando errado, contudo essa situação fez eu me aproximar mais dos alunos. Após as provas, juntamente com a minha supervisora, elaboramos algumas atividades práticas para reforçar os conteúdos vistos anteriormente e isso permitiu que eu trabalhasse mais de perto com a turma. Fui observando que, alguns alunos que antes pensei não gostarem de mim, se abriram mais, alguns, antes calados, começaram a interagir mais e os falantes se tornaram destaques nas atividades em grupo.

Durante essa jornada percebi que, na verdade, o monstro que pensei ter enfrentado e vencido, na verdade nunca existiu. O medo que eu tinha sobre o Ensino Médio foi criado por ouvir relatos sobre situações vividas. Ao chegar na escola, pensei que encontraria bagunceiros e desordeiros. Todavia, o que encontrei foi uma turma curiosa, receptiva e disposta a aprender. Serei sempre grata a eles pois foi com essa turma que desfiz um grande preconceito que possuía. Minha experiência foi extremamente gratificante e só fez eu me apaixonar ainda mais pela docência. Admito que ainda tenho medo de estar a frente de uma sala de aula mas hoje sei que estou mais capacitada para enfrentar as possíveis adversidades e dar sempre o meu melhor. Finalizo essa saga por longos quatro estágios grata pelas experiências, pelos amigos feitos, por conhecer alunos incríveis, supervisores inspiradores e um orientador sem defeitos.

“Minha experiência foi extremamente gratificante e só fez eu me apaixonar ainda mais pela docência”





Início de um novo começo

Se você já ouviu falar sobre Rosalind Franklin acredito que faça parte de um grupo privilegiado. Existe um crédito histórico no que diz respeito ao espaço das mulheres nos resultados científicos conhecidos, acho que uma boa medição são diversas aulas de genética que atribuem a Watson e Crick a descoberta da fita de dupla hélice que o DNA é formado, descoberta embasada em dados da Rosalind. O fato é que ela é apenas uma das inúmeras mulheres que até hoje permanecem no anonimato das pesquisas científicas, e não por desejo próprio.

Eu mesma conheci a querida Rosalind apenas na graduação. No ensino médio conheci somente aqueles que levaram o Nobel por sua descoberta. A inquietação faz com que nos mexamos, não podemos mudar e apresentá-la para todos aqueles que já conheceram a dupla vencedora, mas podemos apresentá-la, e tantas outras mulheres, para aquela sala de aula que vamos ter um ano, bimestres ou poucos meses de contato.

E esse foi o desafio. Em agosto de 2019 iniciei meu estágio à docência no IFRN, Campus Ceará-Mirim/RN.

Fiz meu ensino médio em outro campus, porém também no IFRN, assim, busquei no que aprendi uma base para ensinar e meu primeiro passo foi perguntar nomes de cientistas. Quando disse que se você conhece a Rosalind você faz parte de um grupo privilegiado é justamente por não ter obtido seu nome em resposta a minha pergunta. Disseram-me o nome de dez cientistas, dentre eles uma mulher, Marie Curie. Glória! Conheciam! Mas e o que ela fez? Discutimos. E então agora acredito, e espero, que conheçam a Marie, a Rosalind, Lynn...

Se você já tentou explicar para um grupo de adolescentes, que estudam há três anos programação, algum conceito de área que eles não veem tanta aplicação, podem imaginar o frio na barriga que dá. Mas uma coisa é fato: se você encontrar algo que, mesmo cansado de anos estudando, se empolga ao ensinar, você vai entender onde quero chegar.

Muitas vezes o conhecimento sobre a biologia é algo limitado ao estereótipo de disciplina que decoramos e então passamos. Fora isso a biologia remete a nome de homens e, para fechar a percepção dessa área, é algo que é determinístico, não discutimos sobre.



Aléxia Micaella

Graduanda em Ciências Biológicas pela UFRN, no módulo licenciatura. Faço parte do Laboratório de Neurobiologia Celular e Molecular do Instituto do Cérebro (ICe-UFRN). Suspeita para falar da ciência quando sou uma das pessoas que mais se encanta com ela sempre que a conhece mais. Cada vez me descubro mais encantada também por fazer outras pessoas se apaixonarem, como eu, por ela. Essa relação não precisa ser monogâmica, seja bem-vindo a participar dela também! Interesses: Ciências, divulgação científica, neurociências, poesia, música, arte, natureza.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Mas a inquietação faz com que queiramos fazer mais, e fiz. De início todo conteúdo de organelas era trabalhado relacionando as funções destas com características mais conhecidas do corpo, ou com atividades do dia-a-dia. Um exemplo foi quando ao falar do peroxissomos discutimos sobre por que não beber, e qual a função dessa organela quando fazemos isso. Mas lembrem-se, não exijam tanto do seu corpo assim, modere na bebida!

Outra situação muito divertida foi contar a história das organelas, dar nomes para os que descobriram, e infelizmente, os nomes de muitos homens. Mas construir a ideia de que experimentos são necessários, que o resultado não aparece de uma hora para a outra e justificar o porquê daquela pesquisa faz com que o aluno entenda que, mesmo não tendo muito a ver com seu curso técnico em informática, biologia tem tudo a ver com a vida.

Dessa forma trabalhamos quais as influências desses estudos no nosso dia-a-dia. E debater sobre isso nos fez chegar ao fim do meu período com eles com lágrimas nos olhos.

Se você já aprendeu biologia com alguém apaixonado por ela, imagina como eu estava ministrando essas aulas, mas para mim o melhor foi quando eles mostraram o que sabiam. Eles debateram sobre o caso da Henrietta Lacks: o direito da família sobre as células de um ente já falecido, o qual teve e tem suas células usadas em experimentos mundo afora.

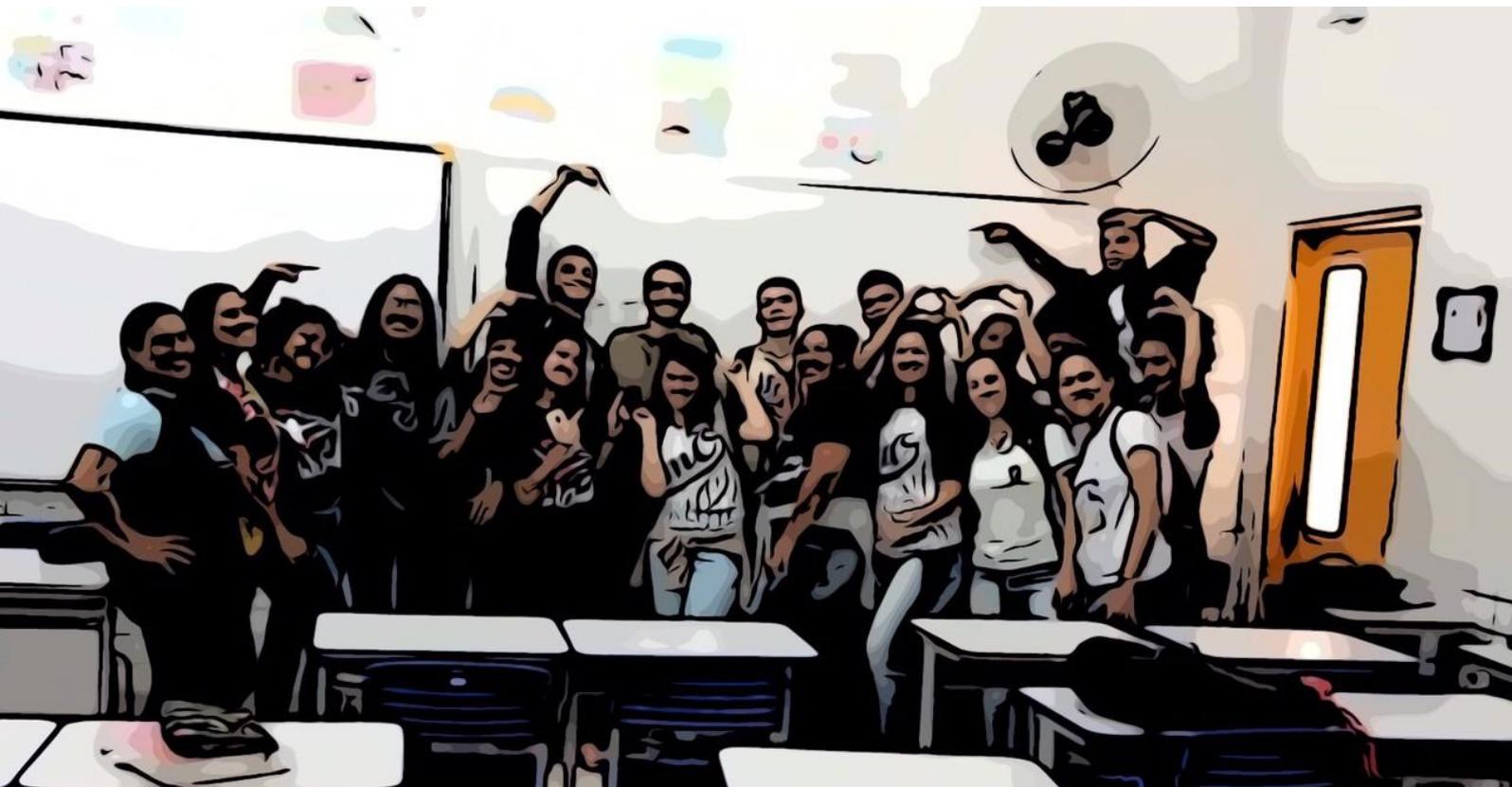
Além disso, outros debateram sobre a paternidade de um pai sobre um clone que ele não conhecia de seu filho falecido, o caso representado na novela "O clone", exibida pela rede Globo no ano de 2001. Os argumentos fariam qualquer professor de biologia se emocionar com a capacidade deles de transformarem o conteúdo aprendido e inserirem ele na nossa vida social na perspectiva da ética. Argumentos como "nossas células possuem 46 cromossomos, cada um com milhares de genes, o DNA mitocondrial possui apenas 36", ou até mesmo "até que ponto o DNA define quem somos?", me deixaram impressionada com a capacidade de assimilação de conteúdo e interpretação deste. Outros argumentos que retomavam aulas de filosofia ou que vieram do livro sobre a vida da própria Henrietta me fizeram perceber que nem sempre vamos conseguir fazer com que a turma saiba de trás para frente ou de frente para trás como pode ocorrer a síntese proteica na célula, mas se a gente chegar bem perto da realidade, de como essa biologia densa pode aproximar-se do nosso dia-a-dia, digo que eles vão saber o que aquela síntese proteica significa.

Ao fim de meu período me formo bióloga licenciada, com pesquisas realizadas. A licenciatura é a cereja do bolo, que me fez e faz espalhar a ciência. Dentro do laboratório eu sou uma, fora dele, falando de ciência somos milhares.

"Se você não lembrar do que te apaixonou fica muito fácil desistir"

Obrigada a todos e todas. Espero encontrá-los nos corredores da universidade ou da vida, quem sabe até no próprio centro de biociências, serão muito bem-vindos! Você que está lendo pode não saber quem são, mas acredite, se hoje posso ser uma professora melhor, e até mesmo pesquisadora, é graças a eles. Agradeço a professora Lilian Vieira pelo apoio durante todo o estágio, e ao professor Thiago Severo, além de todo apoio, pela frase "se você não lembrar do que te apaixonou fica muito fácil desistir"; finalizo usando da frase para lembrar com carinho do gostoso que é descobrir, e ainda mais ser curioso. Seja!

Ps.: O título foi criado pelos próprios alunos, por isso, mais uma vez obrigada!



Reinventar-se

Me chamo Igor, atualmente sou graduando em Ciências Biológicas - Licenciatura, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cursando o último período de um ciclo de quatro anos e meio. Ao longo desse tempo me deparei incessantemente com a dual escolha entre seguir ou não na profissão como professor caso viesse a concluir o curso. Ao término desse emaranhado de disciplinas, experiências, conhecimentos e vivências, tive o prazer de experimentar a arte de lecionar e escolher seguir nessa tão complexa e apaixonante profissão de compartilhar e construir o conhecimento com os alunos que tive o prazer de ensinar.

Durante as primeiras aulas da disciplina Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Médio me questionei por vezes onde realizaria o estágio. Após alguns dias decidi ir a uma escola que remetesse a cidade onde eu estava inserido, para que assim pudesse conhecer um pouco mais sobre a comunidade escolar. A Escola Estadual em Tempo Integral Vereador José Moacir de Oliveira, onde o estágio se deu, fica localizada em São Gonçalo do Amarante, município da Região Metropolitana de Natal, no estado do Rio Grande do Norte. A escola funciona em tempo integral e atualmente abraça aproximadamente 326 sonhos.

A primeira visita à escola foi destinada a aceitação e formalização do estágio. Nesse dia pude ter o prazer de conhecer quem me orientou durante as semanas de observação e regência, também formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Durante o estágio nossa interação foi bastante ativa, flexível e satisfatória, de forma que sempre conversamos e planejamos as atividades que viriam a ser desenvolvidas. Gostaria de destacar a importante participação do Prof. Thiago Emmanuel Araújo Severo, orientador da disciplina de estágio, que ressignificou, ao longo de suas aulas, a paixão que é lecionar. No dia 20 de agosto de 2019 estive pela primeira vez oficialmente na escola para o início do estágio. Como os horários de planejamento e regência eram no mesmo dia, ao chegar à escola sempre me direcionava a sala dos professores, primeiro local de observação: eis que surgem as primeiras impressões de um local pacífico, harmonioso e literalmente sociável, como assim foi durante as nove semanas seguintes. Nos corredores da escola me deparei com duas atividades desenvolvidas que me chamaram atenção:



Igor Lima Dantas

Graduando em Ciências Biológicas, licenciatura - UFRN, último período. Vinte e três anos, Potiguar, Biologia, Filmes e Games, Silêncio, Calmaria.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

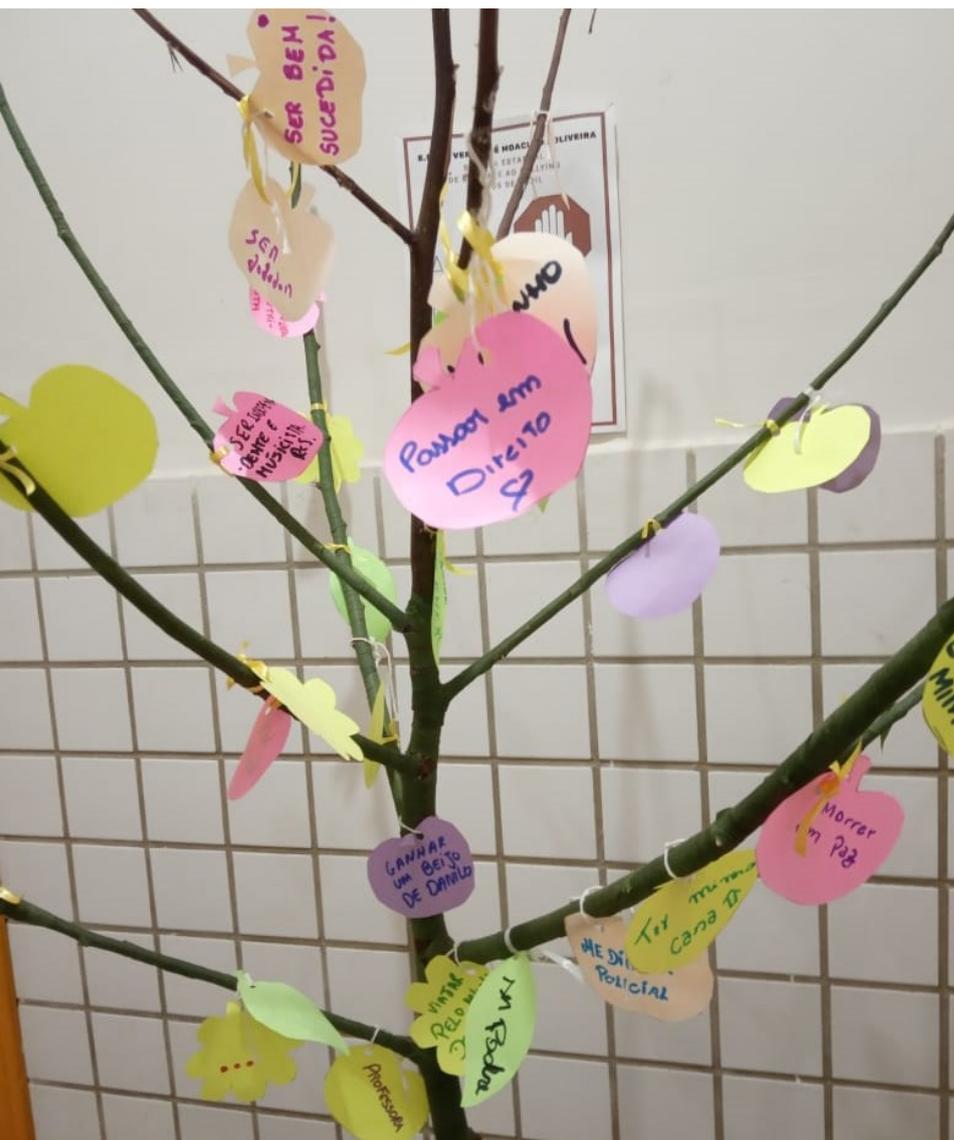
a primeira tratava de cartazes que abordavam o bullying e a segunda, a "árvore dos sonhos", uma árvore artificial onde os alunos colocavam as respectivas profissões que gostariam de seguir após concluir o Ensino Médio. No mesmo dia tive o primeiro contato com a turma do Terceiro Ano! Os alunos foram bastante participativos e comunicativos, características que permaneceram ao longo dos encontros. Uma das questões inquietantes seria a aceitação da turma com alguém que chegou a pouco tempo e já estaria a sua frente. Surpresa! O relacionamento que tivemos foi intenso e íntegro; respeito e entrega de ambas as partes puderam ser vistos a cada passo e conteúdo ministrado. O estágio pôde então acontecer da melhor maneira possível!

O conteúdo ministrado foi desenvolvido em continuação ao planejamento feito pela professora no início do ano. Fiquei responsável por ministrar as aulas sobre "O reino animal", com o direcionamento para os Invertebrados. Durante as três primeiras semanas na escola observei as aulas, os alunos e me perguntei como trabalhar cada tema. Nesse momento fugir da aula tradicional foi um grande desafio. Durante as aulas busquei favorecer uma melhor interação entre os próprios alunos a partir das atividades desenvolvidas, como as rodas de discussões, palavras cruzadas e montagem de uma árvore filogenética (esboço de uma árvore que mostra o grau de parentesco evolutivo entre as espécies).

Associado a isso sempre mostrava as curiosidades e a importância sobre cada tema trabalhado, favorecendo uma melhor aprendizagem que em momento algum desfavoreceu o conteúdo, sua interpretação e associação ao cotidiano. Das atividades desenvolvidas na escola que mais me chamaram atenção foi a Semana da Ciência, em que pude, assim como os demais professores, participar ativamente na avaliação dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos.

Gostaria de destacar uma das mais importantes observações feitas ao longo das aulas: possibilitar a fala ao aluno; que este possa se expressar, mostrar o que sabe e como sabe, para que possamos assim desenvolver uma aprendizagem sólida e relevante.

Ao longo das semanas me deparei com alterações no cronograma do estágio, visto que a escola sempre desenvolvia atividades nos dias em que tínhamos aula. Além disso, por diversos fatores, alguns conteúdos destinados a algumas aulas tinham que ser finalizados em outras. Podemos observar nesse momento algo que não só eu, mas que muitos professores vivenciam todo o tempo: as mudanças nos planos de ensino e nos planos de aula. Nesse quesito desenvolvi flexibilidade para alterar as aulas e entender a importância do planejamento, que poderá ser alterado ao longo do caminho e cabe a nós a maturidade, a aceitação e o discernimento para nos reinventar ao longo dessa jornada.



“Que possamos (...) plantar sonhos ou ajudar a regá-los”

Que possamos sempre buscar o aperfeiçoamento, que possamos sempre nos atualizar e oferecer o melhor. Que possamos nos redescobrir como pessoa e profissional, e que, assim como em outras profissões, plantar sonhos ou ajudar a regá-los.

Em menção a Tainá Souza Araújo, companheira de profissão, meus sinceros agradecimentos pela sua contribuição ao relatar suas experiências no caderno de estágio do semestre anterior. Que os dias possam ser sempre felizes como frisou no título do seu texto na primeira edição da Revista Caderno de Estágio e que sejamos o professor que gostaríamos de ter (Serrano Freire, 2010).



Oportunidade para ultrapassar meus obstáculos

Olá, me chamo Maria Luísa, mas podem me chamar de Malu. Aqui irei contar sobre minha experiência no meu Estágio Supervisionado de Formação De Professores para o Ensino Médio (Ciências Biológicas), orientado pelo professor Thiago Emmanuel Araújo Severo. Meu estágio se deu na Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti - FLOCA, Natal (Rio Grande do Norte). No começo da minha graduação não tinha certeza sobre ser professora, tinha uma visão muito distante sobre a profissão e não me enxergava cabendo nela, pois sempre a vi com muita admiração e temor, então tinha minhas incertezas se eu me encaixaria. Adianto que, não superei/venci todas as minhas incertezas ou que já vislumbro todo trajeto da minha vida profissional, mas que aprendi a ver as dúvidas como o impulso necessário para desvendar mais um pedaço de quem sou e para onde quero ir. Os quatro estágios que compuseram minha graduação me mostraram isso, e me propuseram a sentir prazer em me desafiar a enfrentar e conhecer, ao invés de só ficar entre os rabiscos da minha mente de como poderia ser.

Apesar de estar escrevendo isto, todas as terças que eu ia ministrar aula, sempre me envolvia numa ansiedade sem fim, sendo assim o maior e primeiro obstáculo que tive que me desafiar a enfrentar foi o da ansiedade e medo. A professora e eu chegamos ao acordo de que ficaria com o 2º D. Gostei da turma, não cheguei a ter conflitos ou problemas com eles. A única dificuldade que tive foi a ausência em sala de aula de alguns alunos, que vinham vez ou outra, o que me dava a necessidade de tentar resumir brevemente o que vimos nas aulas anteriores, para ao menos dar um "contexto", por assim dizer. Então tinha dias que tinha 20 alunos ou menos na sala, e o FLOCA normalmente possui classes com pelo menos 30 alunos, pelo que já tinha ouvido de outros estagiários. Partindo disso, comecei a me culpar, porque querendo ou não eu tenho responsabilidade com eles, e provavelmente minha insegurança inicial pode ter feito com que eles não vissem importância, ou produtividade nas minhas aulas. Infelizmente isso levou a algumas consequências mais para frente no meu planejamento, atrasando-o, mais do que gostaria.



Maria Luísa de Medeiros Falcão

Graduanda em Ciências Biológicas na UFRN, amo animais, em especial mamíferos e reptéis, sou encantada pela nossa Caatinga e seus moradores, faço fotografias amadoras, especialmente de bichos, gosto muito de andar a cavalo e ficar com meus filhos de quatro patas, é minha terapia. Cativar as pessoas com a biologia e suas diversas áreas é algo que sempre exerci, mesmo não sabendo que era isso que eu estava fazendo quando falava apaixonadamente sobre ela. E daqui aproveito para deixar meu amor por minha família, e por meus peludos Francisco e Gracie, a cadela.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Apesar disso, tivemos aulas muito bem aproveitadas, ainda mais com a ajuda da professora. Ela deu uma proposta para ser aplicada antes de começar as aulas, que seria para a turma formar duplas, onde cada um iria pesquisar sobre determinado filo, e na aula seguinte trariam um cartaz para expor aos outros alunos. Mas ao invés de irem lá para frente apresentar, a professora propôs que em cada dupla, um ficaria na carteira a espera do integrante de outra dupla, para que ambos pudessem trocar informações sobre o filo que ficaram responsáveis, enquanto os outros integrantes das duplas saíam da carteira e faziam um rodízio passando nos outros grupos para fazer o mesmo. Isso ajudou bastante a familiariza-los com os termos, e os animais que estudaram, permitindo que na próxima aula a conversa ocorresse de forma mais fluida.

Outra dinâmica que fizemos foi a da elaboração de uma árvore filogenética, sendo construída após termos uma aula só sobre o que é evolução e filogenia, sem entrar muito sobre os filós. Então a turma como um só grupo foi discutindo e conversando sobre quais animais estariam onde e porquê. Quando terminaram de posicioná-los discutimos sobre quais critérios eles utilizaram, como estes os ajudaram a dividi-los, e qual seria a possível função desta organização. Foi uma discussão bem interessante, na qual eles realmente se envolveram.

Fomos reposicionando os animais onde são mais aceitos hoje, filogeneticamente, explicando e conversando sobre o porquê tal posição é a mais aceita na ciência atualmente. Aproveitei para retomar alguns termos usados para caracterizar as espécies, que já tínhamos tratado vagamente nas outras aulas, colocando-os em prática. Para cada filo que passávamos íamos lembrando onde eles estão na árvore e quais características possuem que justificam seu posicionamento.

Porém, chegou um momento que as avaliações estavam se aproximando. O atraso estava ficando mais evidente, fomos procurando alternativas para não os prejudicar, que também permitisse o desenvolvimento de dinâmicas e maior exploração sobre cada ramo da árvore filogenética. Dentre as aulas anteriores a prova, teve um dia que eu não pude estar presente, pois estava de atestado, e a professora Daniella aproveitou e tratou sobre os filós, sua importância, seus pontos mais relevantes, e na aula seguinte fizemos uma revisão. O que além de ajuda-los para avaliação, também solidificou mais a base deles sobre o Reino Animal, permitindo maior facilidade quando fomos tratar sobre os mesmos de forma mais aprofundada.

*“aprendi a ver as
dúvidas como o
impulso necessário
para desvendar
mais um pedaço
de quem sou e
para onde quero ir”*



Nos dias que aconteciam algum imprevisto, a aula começava mais tarde, ou acabava não ocorrendo, tentei procurar alternativas para contornar quaisquer atrasos, uma das ideias, primeiramente, foi de produzir estudos dirigidos para casa, que seriam usados para enriquecer as aulas seguintes, permitindo o uso de mais estratégias. Infelizmente nem sempre deu certo, boa parte dos alunos acabava não fazendo. Tive que pensar em outras ideias, apesar do meu tempo com eles já estar no fim. Algo que deu mais frutos foi elaborar atividades rápidas sobre os assuntos das aulas anteriores e da atual, e fazer em conjunto com eles, como um quiz, focando no que era mais perceptível de dificuldade para eles, baseando-se na prova e na conversa em sala. E para não deixar de aproveitar os estudos dirigidos, ao invés de propor só alguns décimos na nota, sugeri a eles que os usáramos para a realização de alguns jogos na semana seguinte, e isso os animou bem mais.

Para o encerramento da unidade planejei uma aula de revisão com alguns espécimes que vimos, os quais no que for possível, iremos caracteriza-los pelo que se pode visualizar, tratar sobre a ecologia e importância dos mesmos. E para finalizar mais uma construção da árvore filogenética, dessa vez com mais detalhes e com eles explicando como se deu sua elaboração.

Apesar de algumas dificuldades, foi com o passar das regências, que fui conquistando um pouquinho mais de confiança e autonomia sobre mim e minhas aulas. Queria ter sentido isso um pouco antes, pois já faltava somente mais 3 dias de regência para finalizar meu estágio oficialmente, mas mesmo finalizando o estágio no papel, as aulas pendentes eu pretendo usar para finalizar e consolidar o assunto.

Porque uma coisa que eu mais aprendi desse e dos outros estágios é que quanto mais oportunidade de estar em sala de aula, melhor para minha construção de autoconhecimento como possível professora. Conheço minhas barreiras, e foi procurando encará-las de frente a cada dia, o que me permitiu quebrá-las um pouco mais de cada vez. Percebi que esse processo é contínuo, sem fim, sem muito espaço para comodismo, mas com bastante para aprender.

“...quanto mais oportunidade de estar em sala de aula, melhor para minha construção de autoconhecimento”





O teu exemplo pode mudar o mundo

Mais um trecho da jornada foi concluído. O estágio dedicado ao ensino médio, foi uma das últimas etapas da minha carreira acadêmica e, sem dúvidas, recheado de experiências inéditas e lições preciosas. No estágio para o ensino fundamental, pude ter meu primeiro contato com a regência em sala de aula, não esqueço em momento algum da sensação de mediar o conhecimento de uma turma. Todos os meus medos e expectativas estavam ali, bem diante de mim e eu só tinha um caminho a seguir: ir em frente. Com isso em mente, dei o meu melhor para que os estudantes abraçassem o melhor que um professor pode oferecer, e digo com bastante ênfase: foram momentos incríveis. Com expectativas tão grandes quanto, ou até maiores, iniciei o estágio para o ensino médio; já não era a primeira vez com uma turma, porém, se tratava de um outro contexto, novas pessoas e uma nova supervisão. No início encontrei inúmeras dificuldades. Infelizmente, questionei mais uma vez o porquê de ser professor, o porquê de enfrentar tantos desafios; questionei minha paixão por tudo isso.

Desesperei-me diversas vezes me perguntando: como posso sentir um amargo em algo que acreditei amar tanto? Pode parecer exagerado ou, até mesmo, assustador, mas foi uma realidade que eu vivi; foi algo íntimo. Todo esse sentimento não nasceu das algazarras da turma, muito menos da ausência de um ou outro estudante, na realidade, fui vítima de dois grandes obstáculos que levariam qualquer um a questionar essa profissão. O primeiro desafio que, aos meus olhos, foi o mais desestimulador, tratou-se da sobreposição de componentes curriculares por parte dos estudantes, onde as minhas aulas acabavam sendo tomadas por atividades de outras disciplinas. Tentei ser muito criativo, garanto, mas as apunhaladas doíam muito, ao ponto de abalar minhas esperanças e me tornar sujeito ao tradicionalismo. Ao longo de toda a minha carreira no estágio, prezei pela aprendizagem significativa que, para mim, tem um peso muito forte.



Marsílio Secundo Pereira da Rocha

Atualmente realiza estudos em ligados a evolução das espécies. Apaixonado pela natureza e pela biologia, busca incessantemente mais adeptos dessa paixão.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Portanto, sempre trabalhei sob problematizações baseadas em nosso contexto social, de maneira a guiar os estudantes mediante a participação em discussões sobre seu estilo de vida e a significação do conteúdo conceitual ministrado. A avaliação formativa se aproximava e eu preparei questões aplicadas, de abordagem ampla, com o objetivo de garantir que eles teriam todo o arcabouço necessário para discutir tudo o que sabiam a respeito. Dias antes da referida avaliação, preparei uma revisão que consistia na discussão de questões semelhantes às que seriam aplicadas. Quando tentei iniciar, um dos estudantes disse: "professor, não temos tempo agora, pois precisamos estudar para matemática; temos que priorizar o que mais importa". Já imaginou o maior iceberg sobre uma pequena vela? Pois bem, me senti como a humilde vela, que apenas almeja prover luz, mas que foi brutalmente apagada pelo gelo. Eu iria fazer uma atividade dinâmica no dia seguinte, algo bem interativo e divertido, entretanto, perdi minhas forças quando ouvi esse comentário, naquele momento, me rendi ao tradicionalismo durante várias aulas.

O segundo obstáculo é tão desestimulante quanto. Sempre guardei a ideia de nunca me render ao sistema, nunca ser mais um, nunca desistir de um estudante e muito menos deixá-lo para trás; sempre priorizei o aprendizado acima de tudo, independente das circunstâncias.

E, nessa caminhada, diversas vezes fui constrangido a me render a esse sistema falho e deprimente, onde o ensino é fracassado e a aprendizagem mais ainda. Eu escolhi não ser sujeito a isso, escolhi ser um professor diferente, escolhi o meu jeito, não é o melhor, mas é meu; foi construído à luz de grandes profissionais da educação, grandes professores, e grandes alunos também, acredito, com veemência, que cada professor tem sua digital didática, e cada uma delas irá impactar vidas de uma maneira diferente, porém não perdendo a excelência, muito menos a eficiência. Apesar de todos esses obstáculos, consegui olhar para trás e me firmar nos primórdios da minha paixão, pois foi ali, olhando para estudantes agraciados com química orgânica, que me encantei pela docência. Tudo começou com quando me apaixonei pela química pelo fato de um ilustre professor torná-la mágica aos meus olhos, ele simplesmente amava o que fazia e não baixava a cabeça para o sistema educacional tão decadente. Esse grande professor elucidou a beleza da natureza à luz da química, percebi os detalhes da ciência, seu processo de construção e falhas. A paixão foi tão grande, que abracei um projeto de ensino de química e ali conheci a beleza da docência. Ministrei aulas de química orgânica para estudantes de ensino médio. De início foi bem dificultoso e desafiador, porém, no decorrer da prática acabei me encantando com todo o cenário de ensino/aprendizagem.

“acredito (...) que cada professor tem sua digital didática, e cada uma delas irá impactar vidas de uma maneira diferente...”

Foi mergulhando nesse amor que ergui a cabeça e continuei oferecendo meu melhor para os estudantes. Decidi, ao final do período de estágio, elaborar uma atividade dinâmica por meio de um aplicativo dedicado ao ensino (<https://get.plickers.com/>). A referida atividade consistiu em questões a respeito dos conceitos previamente discutidos. Os estudantes possuíam QR Codes específicos para as alternativas de cada questão, de maneira que cada estudante tinha um código específico. Ao longo de cada questão, o aparelho celular utilizado por mim, gravava cada resposta e registrava, e todos tinham acesso a porcentagem de sucesso. Fiquei muito satisfeito com o desempenho dos estudantes, não à luz das notas (que, por sinal, foram muito boas), mas da satisfação e empenho dedicados à atividade. Isso revigorou mais ainda as minhas forças e abasteceu o meu ânimo para a prática docente.



A responsabilidade de mediar o conhecimento bateu em minha porta; decidi deixá-la entrar e a convidei para fazer parte da minha vida. Por mais que todos esses obstáculos tenham me desestimulado algumas vezes ou, até mesmo, me feito abaixar a cabeça e pensar em desistir, estou certo de que dias melhores sempre vêm, dias de glória, dias de paz e satisfação. Com todas essas experiências, concluí que a dor também faz parte de vida e não há como fugir dela. Aprendi que a dor também ensina, ajuda a prosseguir e produz sabedoria. Após toda essa caminhada, entendi que sempre haverá obstáculos e que o professor deve se preparar para lidar com eles, e que são parte integrante da carreira docente. Entendi também que a culpa não é apenas dos estudantes, da escola ou dos professores, pois não se trata de ter culpa ou não, porque não é isso que importa, o que realmente vale a pena é se dedicar à vida em escola, é viver para superar os desafios e buscar um ensino melhor, é deixar de lamentar o passado e construir um novo futuro.

Agradeço a cada um que fez parte dessa história, desde o porteiro que foi gentil ao me receber até a supervisão, que não deixou de me acolher. Agradeço ao grande professor Thiago Emmanuel, pois à luz de seus conselhos pude superar os maiores desafios e crescer como profissional. Agradeço às pessoas que sempre me incentivaram, me deram a mão e nunca desistiram de mim (elas são incríveis). Também agradeço àqueles que jogaram pedras, pois foi com estas que construí a base do meu sucesso (sim, vocês também são incríveis). Agradeço aos meus pais, porque foram os primeiros a confiar em mim e me dar todo o arcabouço para enfrentar a vida. Por último, e muito mais importante, agradeço a DEUS por todas as coisas, desde as mais dolorosas até as mais graciosas.

“ (...) entendi que sempre haverá obstáculos e que o professor deve se preparar para lidar...”





Uma surpresa agradável

Esse estágio de longe foi o mais esperado por mim, porque embora eu já tivesse experiência em ministrar aulas para o Ensino Fundamental na rede privada e pública de ensino, eu nunca tive a oportunidade de assumir uma turma no Ensino Médio. Mas, antes de relatar sobre o estágio, falarei um pouco sobre mim e a escola que escolhi para a realização dessa experiência fantástica.

A ESCOLA

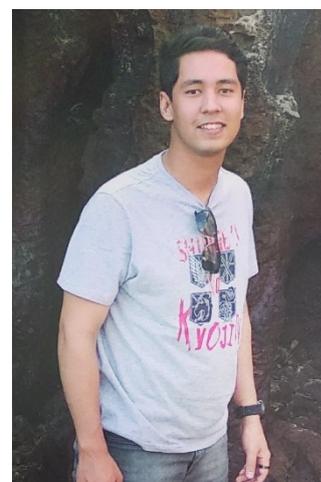
Meu Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Médio foi realizado na Escola Estadual União do Povo de Cidade Nova, localizada no bairro de Cidade Nova em Natal-RN. Por não ser uma escola situada em bairros mais centrais da cidade, ela atende majoritariamente a população local, contendo apenas 12 salas de aulas e com mais de 400 alunos matriculados por turno

EXPECTATIVAS

Como já mencionado, esse estágio foi o mais esperado por mim, a expectativa e ansiedade de realizá-lo estava em mais de oito mil! Referências à parte, a turma que desejei ensinar foi a de terceiro ano. Para quem ministrou muitas aulas para o sexto ano do Ensino Fundamental e nenhuma para o Ensino Médio, optar pelo terceiro ano, muitas vezes chamado de Pré-ENEM, foi um desafio e um contraste grande que eu queria vivenciar.

A PRIMEIRA AULA

A primeira aula é sempre a mais difícil, olhar para aqueles garotos e saber que o professor deles é outro garoto chega a ser cômico. Cheguei a achar que eles pensavam: “o que é que esse boy tá fazendo aí? Sou maior e mais barbudo do que ele”. Enfim, depois de romper a timidez da primeira aula e, com um pouquinho de tempo, quebrar o gelo com meu jeito descontraído, pude ver que assumir uma turma com alunos bem mais velhos não é um bicho de sete cabeças, muito pelo contrário.



Rômulo Albuquerque

Tenho 23 anos, sou cristão, amante de jogos eletrônicos e animes, além de ser apaixonado por cachorros. Atualmente curso Ciências Biológicas/Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e estou no nono período. Dentro do curso, a área que mais me identifiquei foi a de Biologia Molecular, com fascínio especial por Bioquímica.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

DURANTE AS AULAS

Não precisou passar sequer alguns dias de aulas para eu me apegar à turma, a primeira aula já foi suficiente. A atenção e o engajamento deles desde o primeiro dia me deixou muito feliz e motivado. O contraste para o sexto ano é realmente muito grande e assumir essa turma nessa escola foi, digamos, uma surpresa agradável. Talvez seja porque é um ano atípico para eles por causa do ENEM, ou talvez seja porque a turma é simplesmente fantástica por si só e eu tive a sorte de ser premiado para fazer esse estágio com eles.

INTERAÇÃO COM OS ALUNOS

Um dos motivos que me fez gostar mais de ensinar para o Ensino Médio é a identificação que se tem com os alunos, principalmente com o terceiro ano. Em primeiro lugar, eles se parecem muito mais comigo e a maturidade é semelhante, isso torna a prática docente mais agradável ao meu ver. Essa proximidade que o aluno tem do professor é algo muito positivo e reforça os laços de confiança que tentamos construir com eles.

DESFECHO

A experiência desse estágio foi incomparável, através dele pude consolidar ainda mais os pensamentos positivos e motivação que tenho para a prática docente. Ensinar para o Ensino Médio foi de longe a melhor e a mais gratificante experiência que eu tive no decorrer da graduação. E, pelo visto, esse estágio não foi bom somente para mim; segundo as avaliações dos quase 40 alunos, eles também gostaram! Haha.

“Ensinar para o Ensino Médio foi (...) a melhor e a mais gratificante experiência que eu tive no decorrer da graduação”

Pseudônimo: Gemivocley

Como você avaliaria as minhas aulas?

• Comentários positivos

Gostei muito das suas aulas;
Tem uma ótima explicação;
Bom meio de ensino e prático. ex: slides;
Tem paciência e voz suave;
Muito gente boa.

Boa sorte!
Tenha um futuro lindo!



Professor para quê?

Se você é professor e nunca ouviu algo do tipo “por que eu tô estudando isso?” ou “pra que eu vou usar isso na minha vida?”, você deve ser um professor muito bom que consegue fazer seus alunos verem sentido em tudo. Mas se você já ouviu, não se preocupe, eu em minha longa experiência de pouco mais de um ano em sala de aula te digo que isso é normal. É triste, chato, dá raiva as vezes, mas supernormal.

Esse semestre estagiei no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, o IFRN – Campus Natal Central. Foi lá onde cursei o ensino médio juntamente com o curso técnico de Controle Ambiental, por isso estar de volta, agora como estagiária, para mim era como dar retorno à instituição por tudo que ganhei e vivi naquela segunda casa. Acompanhei, com a orientação do professor Thiago Severo, a turma de Mecânica, que apesar de estar no terceiro ano do ensino médio, cursava o primeiro ano da disciplina de Biologia, uma turma majoritariamente masculina e que não fazia muito o tipo “amo biologia”.

Depois de um período de observações e planejamento começou a tão aguardada regência. Eu estava muito ansiosa porque o conteúdo de Biologia celular é bem abstrato e cheio de nomes e processos um tanto complicados, além disso, a professora estava trabalhando em uma linha bem detalhista e me pediu que continuasse dessa maneira. Meu primeiro obstáculo foi logo de cara tentar tornar o conteúdo interessante aos meninos. Fiz toda uma contextualização da célula como uma indústria, composta por várias máquinas e por um comando central de onde partiam todas as informações, o complicado é que até hoje não sei se eles pegaram isso. O segundo problema, e acho que o maior de todos, foi pegar todas aquelas informações e torná-las simples para que as aulas não fossem enfadonhas e todos, inclusive os que nem sabiam direito o que era uma célula (como eu quando cheguei ao IF), pudessem ver sentido naquilo. Na primeira aula comecei às 7:15h com uns 5 alunos em sala.



Illany Rossellini
Bezerra da Silva

Gosto de botânica e ensinar é minha paixão. Tenho um curso técnico em Controle Ambiental e (amém, irmãos) me formo em Ciências Biológicas – Licenciatura esse semestre. Não sei ao certo pra onde vou quando me formar, como será a vida e tal, só sei que quero estar em uma sala de aula com muitos alunos. Quero ter o prazer de abrir olhos e mentes até os últimos dias de minha vida. Quero ver o brilho no olhar por entender, quero gargalhar junto com eles e chorar também como já chorei, de dor, raiva, alegria, por empatia, ou o que for preciso botar pra fora. Ah, eu só quero ser professora.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Todo o planejamento da aula e praticamente de toda a unidade didática estavam indo por água a baixo, porque era naquele momento que eu imaginava que iríamos conversar pra saber em que pé eles estavam na biologia celular, o que gostavam ou não. O restante da turma foi chegando de pingo em pingo até às 8:30 (os males de não ter mais porteiro no bloco) e ver a cara de paisagem ou de “que danado é isso?” deles acabava comigo. A própria professora me chamou atenção quanto ao ocorrido, mas o que eu poderia fazer? Conversei com eles após o intervalo na esperança que realmente me ouvissem, no estágio 3 os alunos raramente ouviam, então 0 expectativas. Na aula seguinte eles estavam lá às 7:00h, mais de 10 pelo menos, e percebi que ali eu tinha voz de verdade e os traumas do estágio passado foram se afastando.

Mas cada estágio tem que deixar sua marca, não é mesmo? A depressão bateu quando em uma das aulas eu me peguei copiando informações e imagens do livro e colando no slide, considerando apenas aquilo a minha aula. O que estava acontecendo comigo? A minha função em sala de aula tinha se resumido à reprodutora de conteúdos que eles poderiam facilmente ler no livro? Eu era apenas uma explicadora que juntava só o que era importante, sistematizava e jogava na cara deles? QUAL ERA A MINHA FUNÇÃO ALI? Onde estava a Illany problematizadora dos semestres anteriores? Eu preciso acordar e preciso acordar eles também.

Vamos fazer uma brincadeira. Foi com essa frase que demos início ao processo de duplicação do DNA. Os alunos eram os nucleotídeos, as proteínas, eles faziam tudo, eu dei as regras e o objetivo do jogo, mas o processo lógico da coisa eles teriam que desvendar sozinhos. Depois de uns 15 minutos eu ouvi um “c***lho, eu sei o que estamos fazendo! A gente tá duplicando o DNA, né prof?”, dei uma risada e continuei com minha cara de quem não sabia de nada, mas eu sabia, ah, agora eu sabia muito bem qual era minha função ali, qual a minha parte na mudança que tanto quero ver no mundo (Oi, Gandhi), que me fez entrar em sala mesmo com a mão quebrada, o que eu sinto que nasci pra fazer desde que sou gente.

Semestre passado, no estágio 3, eu tive alunos que se viam obrigados a ir pra escola e a estar em sala de aula, a escola funcionava sem o luxo de um laboratório de informática, com apenas dois projetores pra todos os professores. Esse semestre os alunos estavam em sala sem que ninguém nem vigiasse os portões do bloco de aula, ou muito menos andasse pelos inúmeros e maravilhosos espaços de convivência da escola que ocupa um quarteirão da região mais movimentada da cidade, os mandando assistir aula, mas o que os dois grupos tinham em comum era a grande montanha de informações em suas mãos, sem saber em que aquilo lhes poderia útil.

“Qual era a minha função ali?”



Tivemos uma roda de conversa agora no encerramento do estágio com um filósofo bem intrigante, o Dr. Jaime Biella. Passei o evento inteiro incomodada pensando “O que eu tenho que os robôs professores do futuro não vão poder substituir?” A resposta me veio logo, não imediatamente, mas veio. Durante meus devaneios ouvi o próprio Jaime falar que os robôs podem até simular um pensamento, mas eles não podem ensinar a pensar. Eu posso. Foi isso que eu descobri no dia da duplicação do DNA, é isso que todos os professores precisam descobrir e redescobrir todas as aulas. Nós estamos em sala de aula pra fazer com que os alunos pensem, peguem aquela montanha de conteúdo, olhem e saibam o que vão fazer com ela, saibam em que aquilo vai servir na vida deles; saibam utilizar o que aprenderam em sala de aula como libertação, um abrir de olhos para não se deixar manipular em uma era em que mentiras e pseudociências estão sendo tidas como verdades incontestáveis. Quem irá os ensinar isso?



O nascimento de uma professora

Esse semestre paguei os dois estágios juntos e isso representou pra mim um grande desafio. Desafio esse que começou na escolha da escola, eu gostaria de uma escola em que eu pudesse conciliar os dois estágios e as demais tarefas, então iniciei a procura.

Entre tantas mudanças nos planos a Escola Estadual Castro Alves me acolheu, o "Castro". A escola foi bem receptiva, mesmo em meio ao caos de uma reforma recente. A escola me cedeu a turma do 3º ano para a realização da regência. Anteriormente vivenciei outros estágios e talvez o diferencial deste seja me proporcionar a experiência de lecionar, palavra que me assustou desde o primeiro momento. Os primeiros dias do estágio são voltados a observação e o primeiro contato com a turma, o que não foi nada fácil. Existia grande resistência de minha parte: muitas barreiras sobre essa nova realidade. Em alguns dias a empolgação me dominava, porém em outros a ideia não era tão confortável.

Um ciclo. Falar sobre o estágio é falar sobre ciclos. A vida é feita de ciclos, chegadas e partidas, começos e fins. Esse estágio representa isso para mim, a chegada de uma nova realidade.

O começo representou o nascimento de uma professora que inicialmente sentia-se insegura ao se deparar com uma turma com alunos mais altos e uma aparência mais adulta que ela. Como então iria conseguir criar algum vínculo com eles? Quando então finalmente chega a hora, ela nasce; ela sou eu. Ao longo desta jornada surgiram inúmeras variáveis (dias sem aula, reuniões inesperadas, tempo curto, mudança de conteúdo, reposições inesperadas) e no fim do caminho consegui ver o quanto cada uma me fortaleceu. Essas variáveis precisavam realmente acontecer para que finalmente pudesse adquirir o 'jogo de cintura' necessário para atuar nessa área. As primeiras aulas foram um pouco estranhas, ainda me habituava ao ambiente, à missão, aos alunos, as decisões, aos planejamentos, as observações. Queria me certificar que estava dando o melhor de mim. Para mim o início foi a parte mais complicada, pois o pensamento que reinava era: "acho melhor adiar a missão", porém sempre aparecem anjos para nos ajudar a continuar, seja com uma mensagem de força ou um ombro amigo para ouvir os desabafos.



Tayani Zaniol

Amo a natureza e tudo que a envolve, não é a toa que escolhi a Biologia como área de atuação profissional e junto a ela veio a experiência da licenciatura em minha vida.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Na metade do estágio já sentia que estava mais habituada e as coisas conseguiram se desenvolver com mais facilidade. O estágio então passou a ser mais empolgante que estressante. Acabei conhecendo a história de vida de alguns alunos: a sala dos professores é um ótimo lugar para isso. Participando de um conselho de classe, percebi que o papel do professor é muito mais profundo do que planejar e executar aulas. Isso me surpreendeu! O contato com minha supervisora me fez ver que coisas simples também são inovações e que uau, como a prática docente é agitada.

No fim, nos tornamos amigos. Já os conhecia pelo nome e espero que tenha feito alguma diferença na vida deles, como fizeram na minha. Espero também que as aulas de conscientização tenham sido eficazes. Espero que tenham captado a minha última mensagem de que “eles são mais que uma prova e que já estava orgulhosa por terem se esforçado”. Espero que a gente se esbarre na rua. Espero que a aluna que disse que mudou de curso através das minhas aulas (no primeiro dia ela queria Direito, no último, Biologia) seja feliz com sua nova escolha, assim como sou com a minha.

Durante todo nosso curso, através de inúmeras disciplinas, vamos gerando uma dualidade entre amor e incerteza por este caminho. Cada disciplina: Didática, Educação Especial, Instrumentação, Estágios, Organização do Ensino Brasileiro e tantas outras, nos formam melhor do que éramos e quando chegamos nos últimos estágios, nascemos. Nasci como professora. A primeira lufada de ar nos pulmões doeu, mas hoje após percorrer esse ciclo e finalizá-lo, vejo como foi fundamental cada momento. Amei a experiência e estou empolgada pelos caminhos que virão.

“Nasci como professora. A primeira lufada de ar nos pulmões doeu, mas hoje após percorrer esse ciclo e finalizá-lo, vejo como foi fundamental cada momento”





Um pouco do meu eu professor

Aqui vai a minha tentativa de expressar um pouco do que vivi ao longo de 10 semanas. Antes de mais nada começarei falando um pouco sobre o lugar responsável pela minha construção como futuro professor: O 2º ano da Escola Estadual Edgar Barbosa. Confesso que não fiquei tão ansioso para o início deste estágio. Estava mais ansioso e apreensivo pelo estágio no ensino fundamental. Como muitos dos projetos de extensão, dos quais fiz parte como membro de equipe, foram desenvolvidos em diversas escolas com alunos de ensino médio, acreditei estar “preparado” para essa fase. Eu só havia esquecido que ser professor não é apenas ministrar aulas e pronto, ou melhor, na verdade eu até então não sabia, pois só aprendi mesmo na prática, sendo professor. Escolhi essa escola devido à experiência que tive no estágio II, quando apliquei o projeto com meu grupo nas turmas do professor supervisor. Na época eu já dizia que iria estagiar lá e ser supervisionado pelo mesmo professor devido ao clima maravilhoso que a dinâmica da escola me proporcionou. Organização, equipe de professores bem atenciosos, comunicativos e receptivos comigo (pelo menos os que conheci).

Sem falar que o professor se tornou um exemplo para mim. A forma como ele trabalha e exige dos alunos foram mais que o suficiente para escolher a supervisão dele e do local. Confesso que nas primeiras semanas de observações eu não estava tão ansioso, mas sim impaciente para que a regência começasse logo. Só observar estava ficando meio chato. Ahhh, mas tem um motivo. A turma era muito participativa. Durante as aulas do professor a turma se envolvia de um jeito que eu fiquei muito instigado a participar também, tanto que às vezes o próprio professor me envolvia na discussão. Confesso que eu adorava esses momentos, pois me aproximou demais dos alunos e eu sentia que meu supervisor confiava em mim e na minha postura como futuro professor. Não posso esquecer também de falar que escolhi o 2º ano por ter mais afinidade com o conteúdo e garantir que as aulas seriam as mais dinâmicas possíveis. Foi aí então que veio a minha primeira aula (e a que eu mais estava empolgado): Filo Nematoda. Ora, um amante da área de helmintologia e das doenças parasitárias, o que poderia se esperar, não é?



Jorge Lucas Nascimento Souza

Bacharel em ciências biológicas e agora concluindo a licenciatura. Mais conhecido por Jorginho, 23 anos, amante das doenças infecciosas e parasitárias, seus respectivos agentes e as interações com seus hospedeiros. Faço parte do Laboratório de Helmintologia e realizo alguns experimentos no Laboratório de Biologia Molecular de Doenças Infecciosas e do Câncer no Departamento de Microbiologia e Parasitologia (DMP-UFRN). Interesses em ciências e faminto por toda e qualquer forma de conhecimento e sua divulgação para a comunidade. Não vamos esquecer também dos helmintos, bactérias, protozoários...

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Levei vários exemplares e algumas amostras de sedimento para eles analisarem os ovos dos parasitos. De cara, eles já amaram a aula, e eu mais ainda pela escola dispor de todo material necessário para as aulas que eu estava planejando: Data show, para exibição dos vídeos e animações que eu estava pretendendo trazer e um laboratório todo equipado, inclusive com microscópio.

Uma turma muito participativa e questionadora eram as suas características principais. Essa junção com toda estrutura necessária e um ótimo supervisor, tornou meu estágio bem agradável e sem muitos estresses. As aulas da turma eram quebradas, ou seja, uma na terça e outra na sexta. Além disso, não me atentei para o fato de que aconteceriam muitos feriados e não previa que ocorreriam muitas paralisações, todas acontecendo exatamente nas sextas feiras. Meus estresses basicamente foram com o comprometimento do meu planejamento e isso me ensinou a ver a profissão do professor como algo diferente.

Eu já tinha em mente que nem sempre as coisas ocorrem como planejamos. Porém, sentir na prática o que é ter um planejamento todo estruturado e “perdido” me fez repensar muitas coisas. Uma delas seria como trazer essas informações importantes agora com poucas aulas? Esses contratempos me fizeram exercitar um pouco da arte do “jogo de cintura” que todo professor precisa ter.

Pelo menos, mesmo não seguindo 100% do planejamento inicial, todas as aulas eram novidades diferentes, curiosidades diferentes e, claro, discussões diferentes. Como trabalhei com os alunos toda parte de zoologia dos invertebrados a partir dos nematelmintos, então procurei trazer em todas as aulas aplicações do dia a dia e meio ambiente. Priorizei, além das coisas que estão mais próximas de nós, discutir sobre a importância evolutiva e ecológica para o meio ambiente e a relação com outros grupos. Em todas as aulas eu levava estudos de caso, levantando discussões sobre aquele tema. Todos os momentos foram muito proveitosos porque eu sempre tinha a impressão de que os alunos estudavam antes de ir para aula. Infelizmente as vezes essas discussões eram corridas devido ao tempo. Mas sempre ficava satisfeito com as aulas e o rendimento.

O estágio também me proporcionou momentos fora do que eu esperava, como por exemplo, ser “fiscal do ENEM”. Achei fantástico observar que a escola fazia por ano ao menos um simulado no estilo da prova do ENEM com os conteúdos que os alunos tinham estudado até o presente momento. Dessa forma, os alunos tinham a oportunidade de ir se acostumando com o estilo de prova que eles poderão ou não se submeter a fazer. Ajudei desde a organização dos cadernos a aplicação, e até fiscal do banheiro.

“...contratempos me fizeram exercitar um pouco da arte do “jogo de cintura” que todo professor precisa ter”

Foram 5 horas realmente vendo como funcionava a rotina e observando os alunos em sala por alguns momentos quando o professor precisava sair por alguns instantes e eu precisava assumir a turma. No meu caso eu senti muito tédio, eis aí o problema de ser muito agitado. Basicamente gostei muito da experiência em si, devido a interação maior que tive com os outros professores.

Mas voltando a rotina com a regência, decidi após aplicação das provas, finalizar meu planejamento e trabalhar com eles o que chamei de “integração do conteúdo”. A ideia era retomar, de forma geral, a evolução de todos os grupos de invertebrados que foram trabalhados em sala, só que dessa vez focando mais em aspectos evolutivos e aplicações de situações que acontecem na natureza e como isso pode afetar o nosso dia a dia.



Trouxe para eles as relações ecológicas, como estas estão todas ligadas entre si e que evolução não é algo que acontece do dia para a noite e se transforma. Aproveitei esses momentos para usar como revisão para ver o que os alunos teriam aprendido nos encontros passados (percebi que eles aprenderam mais as aplicações e isso já me deixou muito satisfeito). Alguns alunos ainda conseguiam lembrar de características morfológicas e algumas palavras ligadas a classificação de cada grupo. Para mim, essa semana foi muito proveitosa.

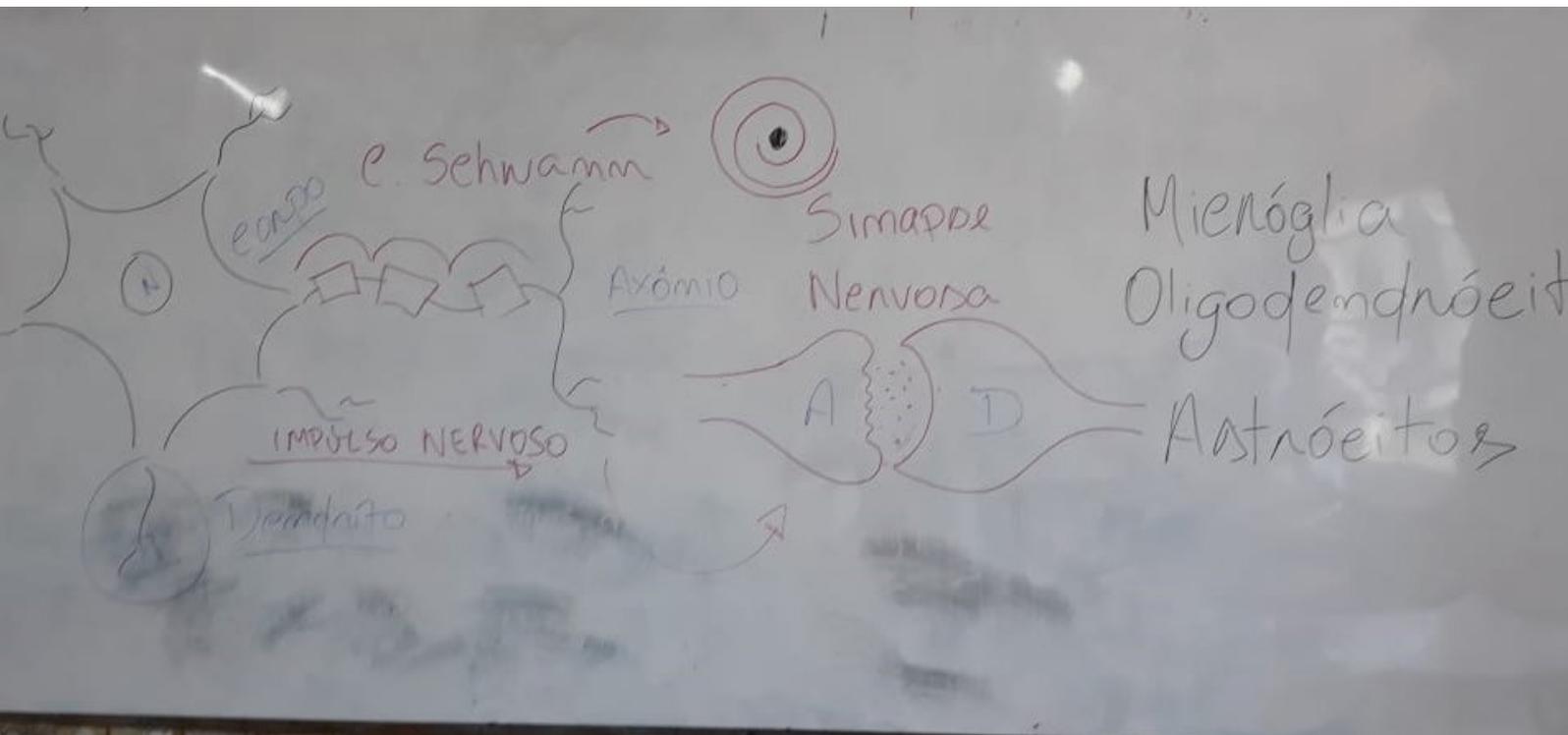
Para comprovar o rendimento dos alunos, solicitei uma atividade para eles. A atividade consistia em construir um modelo de árvore filogenética e apresentar um pouco da evolução dos grupos focando em três filós que cada grupo ficaria responsável por apresentar. Nesse foco deveria conter curiosidades que não foram exploradas em sala de aula. Além disso, solicitei um resumo desse assunto a cada grupo na forma de infográfico. Meu estágio então foi finalizado com a apresentação desses trabalhos. Confesso que esse momento não me agradou muito, pois somente um grupo havia feito tudo conforme o solicitado. Mas como falei, esses momentos foram fundamentais para a construção do meu “ser professor”.

Acredito que esse estágio me proporcionou de tudo um pouco. Aplicação de provas, elaboração, interação com alguns problemas dos alunos, aproximação com a equipe da escola (estava achando o máximo ser chamado de professor até mesmo pelos outros professores) e solicitação de trabalho e avaliação destes e dos grupos (professor pode ter mais dois no grupo? Professor, não deu tempo de fazer não).

Por fim gostaria de deixar registrado a eterna gratidão ao 2º ano. Obrigado pelas discussões, trocas de experiência, momentos de alegria, e, claro, estresse também. Agradeço pela confiança depositada ao esperar as respostas das diversas perguntas que me fizeram. Por ter mais afinidade e experiência com a área de doenças infecciosas e parasitárias, acabei formando sanitaristas com as diversas perguntas de vocês sobre doenças. Obrigado também por me fazerem me sentir muito útil ao perguntar como era o curso de biologia, como era a faculdade ou até mesmo se vocês conseguiriam chegar lá. Não posso esquecer também da paciência e orientações do meu supervisor. Agradeço muito toda paciência e trocas de experiências das conversas que variaram desde a entrada da faculdade ao relato da vida após a graduação. Agradeço a todo esse conjunto de fatores que me mostraram um pouco mais sobre o “ser professor”.

“E assim finalizei meu estágio com a frase: todo mundo dizendo Ascaris!”





Através da paixão, ganho força

Olá querido leitor, seja bem vindo (novamente, caso você já tenha lido meu texto na primeira edição dessa revista) a esse relato sobre minha vivência docente em uma escola. Deixa eu te contar um pouco sobre o mundo de pensamentos que se criou na cabeça dessa professora em formação. Então, para começar, como disse Willy Wonka:

Hold your breath
Make a wish
Count to three

...
Meu quarto Estágio Supervisionado para Formação de Professores (agora no Ensino Médio) se deu na Escola Estadual General Dióscoro Vale, na Zona Norte de Natal, no Potengi. É uma escola de bairro que abrange alunos de Ensino Fundamental (EF), Ensino Médio (EM) e Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos turnos da manhã, tarde e noite. Mesmo não sendo um prédio tão grande, é bem organizado, bem cuidado, com biblioteca, sala de multimídia, laboratório e um grande pátio aberto. Escolhi essa escola por ser perto da minha casa e foi interessante encontrar como alunos pessoas que eu conheço da minha própria vizinhança.

A primeira pessoa com quem tive contato na escola foi a diretora e, sinceramente, eu adoro essa mulher. Muito falante e atenciosa, ela prontamente me aceitou como estagiária e me encaminhou para falar com uma das professoras de biologia. Assim conheci a professora supervisora, veterana na rede pública de ensino e pelo que escutei colecionadora de estagiários na escola. Ela é aquele tipo de professora que te passa alegria e segurança, que mesmo com todos os problemas que rodeiam a educação no país, principalmente nestes tempos mais sombrios, ela tem esperança nos olhos. Esperança que de pouquinho em pouquinho a educação pode mudar a vida de seus alunos. Foi uma inspiração para a professora que timidamente vive dentro de mim. Nesse estágio pude trabalhar com duas turmas de 1º ano. Turmas que se mostraram tão diferentes, mas ao mesmo tempo tão parecidas. Alunos curiosos, agitados, falantes, alegres. Adolescentes de 16 e 17 anos procurando uma razão para estar em sala de aula. Observá-los nesse contexto foi mais interessante do que eu achei que seria.



Ana Beatriz
Lourenço

22 anos, aluna de licenciatura em ciências biológicas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Nas horas vagas uma fã incorrigível de *Star Wars* e apaixonada por leitura e música.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Ver suas relações uns com os outros, com a professora, com outros professores, com a escola e principalmente com as ciências. E a partir, principalmente, desse último ponto, eu comecei a traçar os primórdios do meu plano de ensino para aquelas turmas.

E mais uma vez cheguei ao impasse de “o que fazer e como fazer?”, questão essa que me persegue desde o meu primeiro contato com a educação. Em minhas leituras para a própria disciplina de estágio, deparei-me com a seguinte indagação: “Estamos ensinando ciências para alunos que vão seguir carreira na área ou estamos ensinando para alunos que tem ânsia em responder suas próprias curiosidades?”. Essa frase foi como um estalo para meus planos nesse semestre. Eu queria despertar nos meus alunos a mesma curiosidade e paixão pelas ciências que eu tive durante meu tempo de Ensino Médio, e que me fez seguir o caminho da biologia. Como disse Paulo Freire “um bom professor é aquele que traz o aluno para o interior de seus pensamentos”.

E após três semanas de observação em sala, conversas com a professora, discussão e reflexão em grupo com meus colegas de disciplina, consegui montar um plano de ensino que juntava duas das coisas que eu mais sou apaixonada: ciências e ficção científica.

Como fiquei responsável pelo conteúdo de histologia animal, mais precisamente tecidos nervoso e muscular, propus uma abordagem temática sobre a história do avanço científico em interseção com a ficção, através do filme Victor Frankenstein (2015), que foi usado como base para a avaliação dos alunos no meu tempo de estágio.

Devo dizer que estar diante dos alunos agora não me dá tanto frio na barriga como na primeira vez. Na verdade se tornou algo tão natural que parece até sina. Não sei se estava mais preparada, mas com certeza estava mais confiante. Confiante de que poderia fazer um trabalho significativo, tanto para eles, quanto para mim também. Assim, trouxe para a sala aulas expositivo-dialógicas, discussões sobre o avanço das ciências e sua importância para as vidas dos alunos, além do filme como uma ferramenta de ensino e avaliação, onde os alunos o assistiram em aulas intercaladas com as aulas expositivas e tiveram que produzir um texto sobre o mesmo, fazendo relação com os conteúdos abordados em sala.

Fiquei muito feliz em perceber que com o passar das aulas, os alunos se soltavam cada vez mais e passaram a trazer questões do próprio cotidiano para sala de aula. Mesmo aqueles alunos que pareciam mais calados, passaram a ficar mais confiantes de comentar questões durante a aula e em alguns casos. E em outros alunos me procuravam até fora de sala para conversar sobre ciência.

“Acredito que nós, docentes, estamos em constante mutação, em constante processo de aprendizagem...”



Momentos assim me fizeram sorrir ao imaginar que, talvez, eu estivesse seguindo o caminho certo no meu estágio. E sim, houveram dificuldades e obstáculos, mas eles foram tão ínfimos e efêmeros com relação ao todo que acredito não ser relevante para se listar aqui.

Assim, chego ao final de meu último estágio na graduação. Mas não se engane, querido leitor, não sou uma professora formada. Acredito que nós, docentes, estamos em constante mutação, em constante processo de aprendizagem, seja com os livros, com as nossas vivências e até com os nossos alunos. Até mesmo porque não há docência sem discência. Então veja, eu não estou formada, mas transformada por essa nova experiência.

Este semestre tive a oportunidade de ler Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, e em seu discurso, ele diz “O educador se eterniza em cada ser que educa”. Nesse estágio pude analisar essa frase de dois pontos de vista: como professora, que cria possibilidades para a construção de conhecimento de seus alunos, que dá ferramentas para que eles procurem sua própria liberdade e poder no mundo. Também como aluna, de vários professores que me ensinaram o que fazer e o que não fazer.

Aluna de um professor em especial, que além de mentor, se tornou amigo. Que teve a paciência e humildade de me guiar pelo caminho de tijolos amarelos da educação e me abriu os braços nos momentos de tristeza. Thiago, esse professor que me ajudou a encontrar o ponto de partida para minha própria transformação.

Então talvez eu não tenha despertado todos os sentimentos que eu gostaria em meus alunos, ou pode ser que eu tenha. Não sei e talvez nunca saberei, mas como disse Tainá em seu texto na primeira edição dessa revista “espero eu ter contribuído mesmo que um pouquinho nesse processo da vida deles e ter plantado, talvez, alguma sementinha dessa mudança”.

“Espero eu ter contribuído mesmo que um pouquinho nesse processo da vida deles e ter plantado, talvez, alguma sementinha dessa mudança”





Respire... e inspire!

Mais um — e último — estágio, e eu ainda tô um pouco impressionado com a naturalidade com o ser professor. Me chamo Charles e sou licenciando em Biologia na UFRN, um dos muitos alunos que entraram no curso apavorados com a ideia de ter que lecionar para poder conseguir o diploma. Confesso que às vezes penso em Charles como professor e dou uma risadinha.

A instituição escolhida foi, assim como no estágio anterior, a Escola Estadual Imperial Marinheiro localizada no Bairro Nordeste, que recebe alunos principalmente do próprio bairro e de localidades do entorno, como a Comunidade do Mosquito e do bairro das Quintas. A escolha não poderia ser diferente, depois da ótima recepção que tive da coordenação, da professora supervisora, dos próprios alunos e principalmente do porteiro que estava sempre disposto a me ajudar.

Minha professora supervisora lecionava tanto ciências quanto biologia. Fui à escola fazer a primeira visita, ver se tinha a possibilidade de desenvolver mais um estágio lá, e conversei com ela, que me recebeu com muito afago e falou que sim, eu poderia realizar o estágio lá.

Então ela me recomendou o 1º ano — confesso que chorei um pouco por dentro ao pensar que teria que, por mais um semestre, acordar às cinco da manhã para lecionar — acatei a sugestão, mas ainda assim perguntei sobre as outras turmas: uma já estava com estagiário, o que me surpreendeu, pois não pensava que alguém escolhesse essa escola como local de estágio, pela localização, e até brincamos pois todos os estagiários que passaram por lá durante esses dois semestres cursavam biologia, até os outros professores zoavam falando que Beth era sortuda. E outra turma já possuía um projeto em andamento sobre... PLANTAS! Como botânico, dei outra choradinha interna. Ah, as possibilidades...

Comecei a acompanhar a turma do 1º A quando eles iriam começar a estudar a obtenção de energia pelos seres vivos — fermentação e respiração celular. Química? Sério? Mas vamos que vamos!



**Charles Santana
Torres**

24 anos; graduando em Ciências Biológicas, licenciatura — UFRN; Futuro botânico, artista. Aquarela, Biologia, Plantas, Pokémon, Paleontologia, 8bits, Preto

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

O período de observação não foi tão proveitoso, pois eu estava doente e em duas das três semanas preferi ficar fora da sala de aula, então não consegui observar muito bem a turma antes das aulas.

Bem, finalmente a regência. Eu estava tranquilo até ter que começar a me planejar. Caramba, química! Não sabia por onde começar, não tinha ideia da abordagem, da problematização etc, etc. Findou que no dia anterior decidi começar pela fermentação com o clássico experimento do fermento de padaria: oito e meia da noite estava correndo atrás de bexigas, fermento, termômetro e os outros materiais. Felizmente deu certo. Estava um pouco apreensivo de não conseguir a atenção da turma como aconteceu na minha experiência no Ensino Fundamental, mas, para minha surpresa, ocorreu exatamente o oposto. Dividi os alunos em grupos e consegui atizar a curiosidade deles em querer saber o que estava acontecendo dentro daquele potinho borbulhante. Saí da aula bastante satisfeito com o resultado do meu debut.

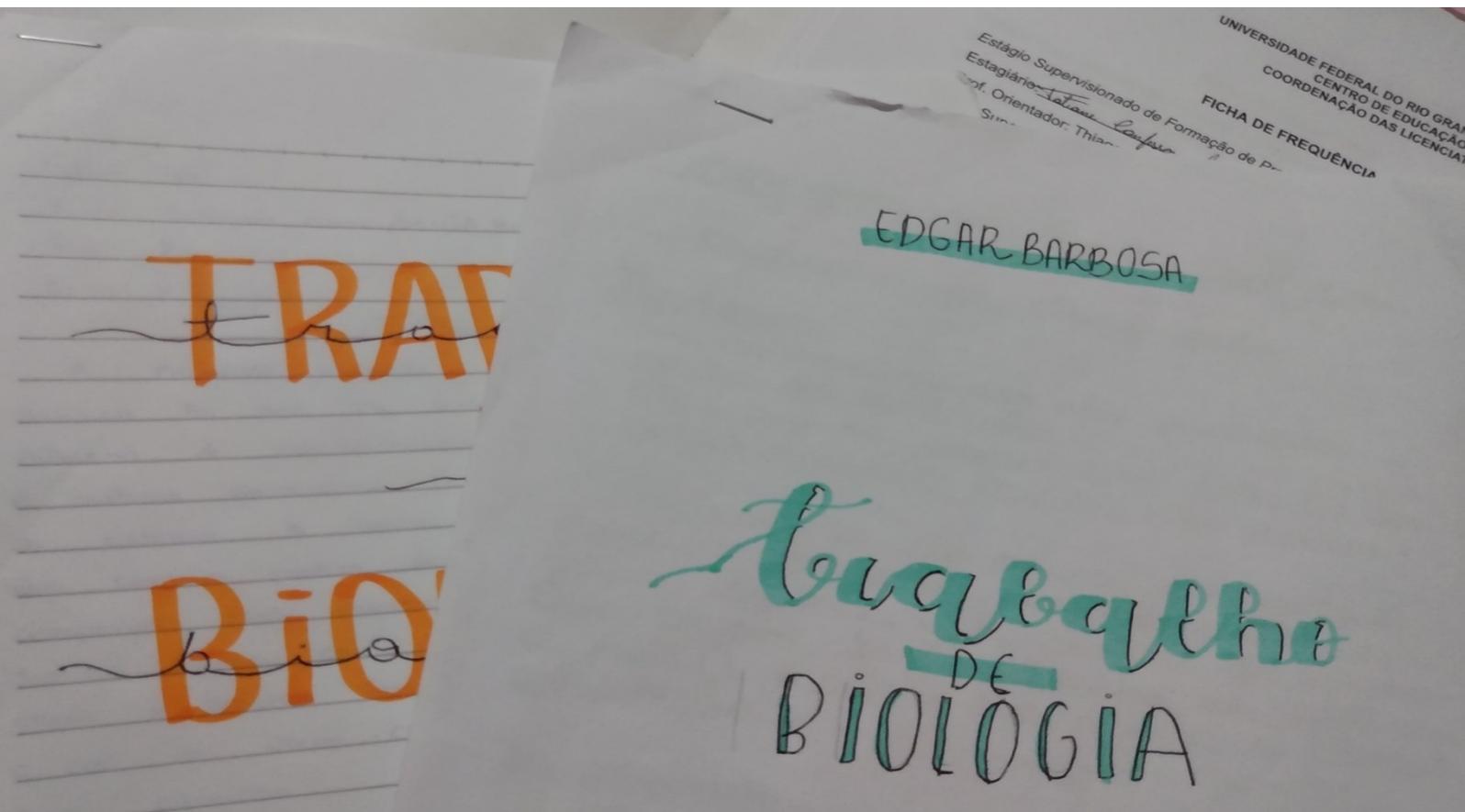
Mas então começou a quebra de rotina e esse foi uma das coisas que mais me frustrou. Eu não conseguia manter uma linearidade: Tínhamos uma aula e na outra era revisão para avaliação, ou a avaliação, ou feriado, ou reunião de professores. Juntando isso com o fato de termos apenas duas aulas por semana... mas só restava aceitar.

Uma ideia bacana que adotei dos meus professores de bioquímica, que adoravam fazer, foi o Team Based Learning (TBL). Decidi fazer um teste na aula seguinte, e levei um prêmio simbólico (paçoquinhas de amendoim) para o grupo ganhador, também receoso de que eles fizessem pouco caso, como aconteceu na turma do fundamental — acho que fiquei traumatizado — mas, de novo, me surpreendi. Foi uma gritaria tremenda, pois todo mundo queria uma paçoquinha. Apesar das disparidades, teve algo semelhante que presenciei nas duas experiências: a militância presente em sala de aula. Certo dia a professora me pediu para passar uma revisão, então não precisei preparar nada para a aula. Ela me passou as questões que serviria como base para a avaliação e eu as apresentei no quadro e fiquei no ócio observando a turma. Logo uma garota se destacava. Eufórica, me olhava de soslaio de vez em quando e esbravejava sobre um caso de injustiça onde uma garota foi morta por um policial no Rio de Janeiro, logo engatava com militância referente a questões feministas e LGBT — sempre me olhando de canto de olho — e eu lá “Caramba!”, meio assustado, meio admirado. Só depois percebi que ela estava me testando, querendo saber minha posição sobre questões sociais. Então, quando passei no teste, fui convidado por ela para se enturmar com seu grupo, que inclusive me lembrou muito do meu Ensino Médio. Conversamos bastante esse dia.

“O que não vale é se deixar levar pela frustração”



Terminada as aulas de fermentação, prestes a iniciar respiração celular, levei um baque: a professora queria mudar o cronograma. Ok, tudo bem. Pelo menos foi o que eu estava tentando me dizer. Não estava tudo bem. Eu estava muito desgastado mentalmente, mas respirei e consegui não desmoronar. Então tive que me reorganizar do princípio e migrar de fermentação para reprodução dos seres vivos. O legal foi que a maior motivação para que eu conseguisse dar continuidade veio da turma, eles mostravam interesse, tinham dúvidas, interagiam comigo — e mais ainda entre si. Apesar dos imprevistos foi melhor do que esperei, e isso graças aos meus alunos. Os dois semestres de estágio com regência me mostraram sem nenhum pudor que o rumo das aulas pode tomar um curso completamente diferente do que foi planejado. O que não é surpresa, afinal, se está lidando com mentes humanas — que estão em constante mudança. O que não vale é se deixar levar pela frustração.



Sobre me apaixonar por algo que tinha dúvidas

Nesse semestre eu fiz os Estágios Supervisionados de Formação de Professores para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio. Neste texto irei falar um pouco sobre como foi a minha experiência com o Ensino Médio. Realizei o estágio na Escola Estadual Professor Edgar Barbosa, com a supervisão do professor de biologia da escola. No meu estágio eu acompanhei o 1º ano, uma turma com 35 alunos com idades entre 14 e 15 anos. Escolhi essa turma por ser a única cujo horário se encaixava com os horários do outro estágio e não me arrependi nenhum pouco por essa escolha. Durante as três primeiras semanas de estágio eu apenas observei as aulas que eram ministradas pelo professor e planejei as que seriam ministradas por mim durante as outras sete semanas de estágio. Durante o período de observação pude notar que a turma era muito participativa e alguns alunos gostavam muito de tirar dúvidas durante a aula. Fiquei maravilhada com eles logo de cara, mas como sou uma pessoa muito ansiosa fiquei logo meio enlouquecida com medo de dar aulas horríveis para essa turma que eu tanto tinha gostado.

Minha ansiedade só foi crescendo nas semanas seguintes, porque estava chegando o dia que eu iria lecionar. Finalmente o grande dia chegou, marcando não apenas minha primeira aula para o Ensino Médio, mas também a primeira aula de minha vida de maneira geral. Devo dizer que foi um completo desastre, já que a ansiedade ganhou a briga com a minha tentativa de ficar calma, fazendo com que eu ensinasse em uma aula o que eu tinha planejado para duas aulas. Acho que os coitados dos meninos devem estar tão traumatizados quanto eu com aquela aula, mas de algum jeito, mesmo eu tendo falado muito e bem rápido com eles sobre o conteúdo de desenvolvimento embrionário, eles conseguiram compreender o que eu estava tentando explicar. Ao final da aula alguns alunos até vieram falar comigo para tentar me acalmar, porque sabiam que estava nervosa, me disseram que ia dar tudo certo e eu só precisaria respirar e me acalmar se ficasse nervosa na próxima aula. Mais uma vez me apaixonei pela turma.



Tatiane Confessor de Lima

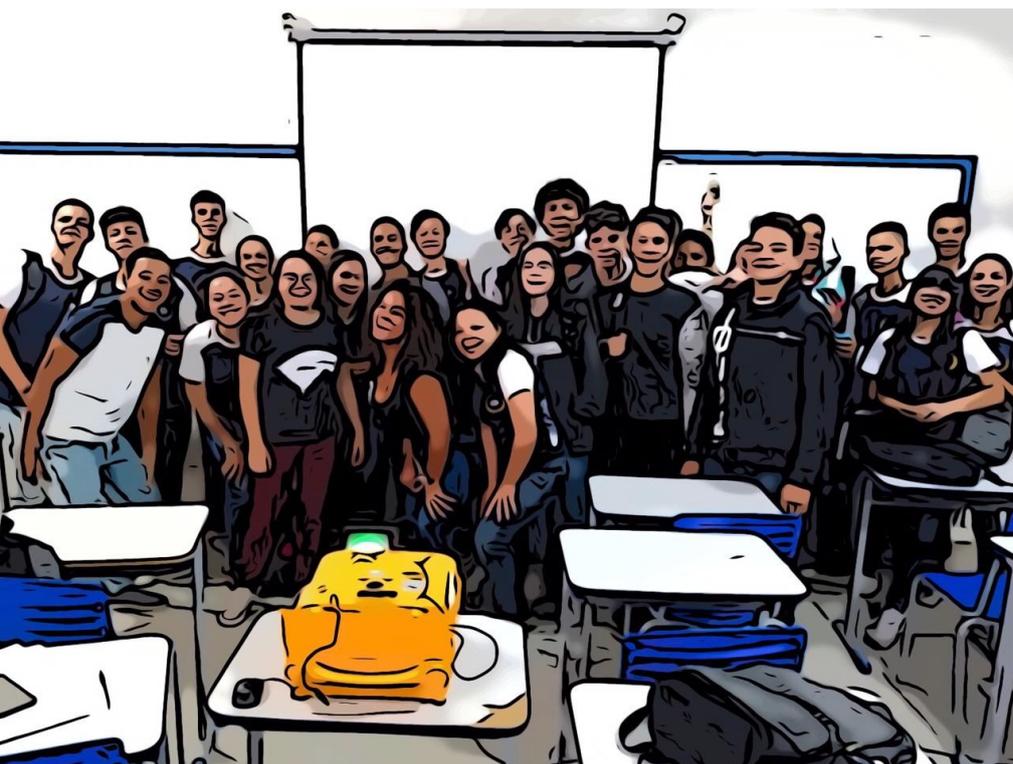
Tenho 24 anos, estou no penúltimo semestre de licenciatura em Ciências Biológicas. Apaixonada por animais desde sempre, sou mãe de quatro gatos e um periquito, adoro ler e desenhar, amo assistir filmes e séries e sou um pouco maluca por Harry Potter.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Nas aulas seguintes eu consegui vencer a ansiedade e ministrar as aulas praticamente do modo que eu havia planejado, mas ela estava sempre lá me deixando nervosa no início das aulas. Passei a maior parte do estágio trabalhando com eles o conteúdo de sistema reprodutor. Logo na primeira aula sobre o conteúdo falei para eles como seria a avaliação final do bimestre, que basicamente seriam jogos criados por eles, com base em uma pesquisa que cada grupo traria na aula seguinte para ser corrigida por mim e devolvida para eles poderem basear-se nela para produzirem os jogos. O tema dos jogos era “Quais as dificuldades que os espermatozoides encontram para chegar até o ovócito?”. Na aula seguinte, quando os alunos deveriam me trazer um trabalho por grupo, a maioria chegou falando que tinha feito individualmente. Quase me matam do coração por causa disso. Felizmente deu tudo certo e eles perceberam que haviam feito basicamente a mesma pesquisa, então só escolheram a que estava mais completa e me entregaram com o nome do grupo. Ainda bem, porque eu precisava entregar corrigido na aula seguinte para eles terem tempo de produzirem os jogos sem problemas. Nos dias que se seguiram no meu estágio houve alguns contratemplos. Alguns dias não tive como ministrar as aulas, porque ocorreram eventos na escola no horário da nossa aula, ou então alguma reunião de professores, o que quebrava um pouco o meu planejamento, mas no fim dava tudo certo.

Esses contratemplos acabaram atrasando a data de entrega da avaliação, então os alunos tiveram mais tempo para produzir os jogos. Enquanto isso eu estava conversando com eles durante as aulas sobre Métodos Contraceptivos e Infecções Sexualmente Transmitidas. Essas foram as aulas em que eles mais tiraram dúvidas e também foram as aulas que eu mais gostei de ministrar, justamente pela chuva de dúvidas que surgiram e que ajudei a responder. O dia de trazer os jogos produzidos chegou e foi exatamente como eu esperava: alguns grupos estavam com os jogos prontos, outros estavam finalizando os jogos, e alguns estavam fazendo o jogo na hora, além de um grupo que não levou o jogo. Enquanto eles terminavam de finalizar os jogos eu ia passando de grupo em grupo avaliando o trabalho deles e, meu deus, como isso deu trabalho. Sem sombra de dúvida avaliar os jogos foi a coisa mais trabalhosa que eu já fiz na vida, mesmo assim foi maravilhoso ver o que eles produziram, porque havia jogos muito bons e criativos. Eu passaria a mesma avaliação para outras turmas sem dúvida. Os jogos produzidos por eles foram deixados no laboratório de biologia da escola para serem usados em turmas futuras pelos professores da disciplina em suas aulas. Depois da entrega dos jogos foi batendo uma tristeza, porque meu estágio já estava acabando e eu só teria mais quatro aulas com eles. Eu não queria que acabasse a experiência de ensiná-los, já que foi algo tão maravilhoso.

“Estagiar no Ensino Médio foi uma das minhas maiores alegrias esse ano”



Eu tinha sérias dúvidas sobre lecionar, achar que não conseguiria fazer isso, era o meu maior medo, pensava na frustração de estar em um curso de licenciatura e ao chegar no final dele descobrir que não gostava da docência. Para minha alegria consegui lecionar, apesar da ansiedade, e amei fazer isso.

Minha última aula foi a mais triste e ao mesmo tempo a mais feliz do meu estágio. Fiz uma aula sobre câncer e como ele surge e levei alguns vídeos sobre o tema que os alunos amaram. Eles tinham tantas perguntas, tantas dúvidas a serem respondidas e eu adoro ajudá-los a resolver os problemas que eles me trazem. Eu estava triste por ser o meu último dia de estágio e muito feliz pelo curto período que eu passei com essa turma.

Estagiar no Ensino Médio foi uma das minhas maiores alegrias esse ano. Foi uma experiência maravilhosa, que não podia ser do jeito que foi sem a supervisão do professor ou a turma do 1º ano que foi compreensiva com o meu nervosismo nos primeiros dias e participando ativamente das aulas que ministrei e, por último, mas não menos importante, a orientação do professor Thiago Emmanuel Araújo Severo foi crucial para me preparar para as aulas que eu iria ministrar.



Algo concreto

Uma das palavras que mais caracteriza minha experiência no estágio é “intensidade”. Tudo foi muito intenso. A escolha da escola, planejamento inicial, observações, planejamentos de cada aula e regência.

O estágio acontece em quarenta horas obrigatórias, distribuídas entre horas de observação, planejamento e aulas propriamente ditas. Acredito que todos concordamos ser pouco tempo de experiência, considerando a importância dessa vivência, mas é o tempo possível, tendo em vista a disposição da grade curricular. Considero este o principal responsável por essa intensidade com que tudo acontece.

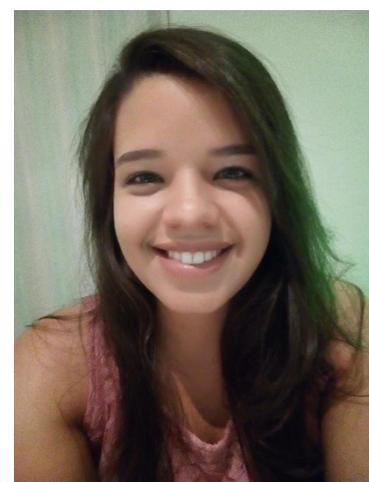
Fiz o estágio supervisionado obrigatório IV (Ensino Médio) na Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcante (FLOCA), localizada próximo a UFRN. Fiquei responsável pela turma do 2º ano, composta por 30 alunos.

Desde o período inicial de observação, devido ao fato da maioria se dispersar bastante e rapidamente, percebi que minhas aulas deveriam ser mais dinâmicas e dialogadas, possibilitando uma participação mais ativa dos alunos, de forma a atrair maior atenção e interesse pelo conteúdo.

Foi esse então o enfoque inicial do meu planejamento, dinamizar as aulas com temas atrativos para a discussão, além de atividades diferenciadas.

Eu já havia ministrado algumas aulas e conduzido projetos em turmas de ensino médio, por meio do PIBID e de estágios anteriores, porém sabia que essa experiência seria algo totalmente novo. Seria a primeira vez que eu assumiria uma turma por um período maior de tempo. Este é um dos fatores que resultam na ansiedade própria do início do estágio, quando tudo é um mar de incertezas e expectativas. No meu caso, a ansiedade inicial foi difícil, mas após assumir a turma, tudo mudou. O sentimento ainda existia, porém era o que me trazia maior ânimo, curiosidade e motivação.

Como falei anteriormente, o tempo que temos é curto, por isso, precisamos saber como aproveitá-lo bem, de forma a construir algo concreto. Este “algo concreto” para mim foi a experiência da relação professor-aluno, por meio do que acredito ser uma das principais ferramentas para que essa relação exista, para uma maior participação dos alunos e para o desenvolvimento de aulas mais leves e dinâmicas, que é conquistar-lhes a confiança.



**Éville Beatriz
Cândido Gonçalves**

Graduanda em Ciências Biológicas. Futura professora de Biologia. Amante da música e dos livros.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Quando ele confia em você, ele perde o medo de falar e de, talvez, errar. Ele se permite tentar. Pude observar que a turma escolhida tinha esse medo. Eles possuíam muito conhecimento a agregar as discussões, porém muitas vezes, nas aulas iniciais, principalmente, não falavam justamente para não correr o risco de errar. Na medida em que o tempo passava e as aulas eram ministradas, vi que eu conseguia aos poucos conquistar essa confiança. Compreendi ainda que isso parte muito de nós. No início, fazer com que essa relação comece a ser construída é difícil para todos os envolvidos, porém, é dependente apenas de uma decisão. Quando entendi isso, me dediquei a viver intensamente essa experiência. Em seu livro “Razão e Sensibilidade”, a autora Jane Austen traz a ideia de que “Não é o tempo nem a oportunidade que determinam a intimidade, é só a disposição”. Ou seja, é o nosso empenho e a nossa decisão que fazem com que nossas relações sejam mais sólidas. Decidi desde o início que queria vivenciar verdadeiramente esta experiência. Queria entender o que é ser um professor, me ver naquela função e compreender a realidade do dia-a-dia da escola. Por isso, o tempo se tornou meu aliado.

Gradativamente a confiança foi sendo conquistada, e os frutos desta conquista foram facilmente percebidos. Vi nas últimas aulas, alunos que pouco participavam, complementarem e engrandecerem as discussões com saberes pessoais acerca do conteúdo. Era tudo que eu precisava para concluir essa trajetória. Foi ali que compreendi que todo o meu esforço não havia sido em vão, e que eu realmente havia conseguido, em tão pouco tempo, construir o meu “algo concreto”. Durante a graduação, nos deparamos com muitos questionamentos, e um deles é “O que é ser professor?”. Não é esta uma pergunta fácil de ser respondida. Na verdade, trata-se de uma pergunta com muitas possíveis respostas. Essa e outras perguntas permearam também toda a minha vivência no estágio. Antes de finalizar a regência, pedi para que os alunos escrevessem o que eles haviam achado das aulas que ministrei e das atividades trabalhadas. Dentre tantas mensagens, uma me chamou atenção, pois me fez refletir sobre toda a minha caminhada até aqui, e respondia a alguns desses questionamentos. Em sua avaliação sobre minhas aulas uma aluna escreveu: “Ensinar não é só colocar a matéria no quadro, mas sim, tocar o coração de cada aluno”.



“Devemos ser decididos e comprometidos com o que nos propomos a fazer...”

Muitas vezes não sabemos ou não nos damos conta do impacto que causamos na vida das pessoas. O mais gratificante pra mim, é saber que, em tão pouco tempo, atingi de forma positiva os alunos. O estágio foi sem dúvida uma experiência que vou levar para a minha vida. Fico feliz de ter conseguido vivenciar de forma tão intensa e real, mesmo em meio aos medos e ansiedades. É importante saber, que tudo faz parte. As dificuldades existem, e a possibilidade de errar também. A grande diferença está na forma como decidimos encarar cada adversidade. Devemos ser decididos e comprometidos com o que nos propomos a fazer, para no final, olharmos para trás, gratos e alegres por tudo que conquistamos.



Mal bendito ou bem maldito?

Eis aqui a necessidade de um cumprimento, por não saber em qual momento está ocorrendo sua leitura, desejo que seja um ótimo período do dia; caso não tenha sido bom até agora, que passe a ser. "Tudubom" meu querido leitor? Sou Diêgo, Tio Chico para os queridos, biólogo em formação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Posso afirmar para vocês que sou fascinado pelo comportamento animal e pelo ensino. Em particular, sociobiologia e ensino básico, respectivamente. Sou aluno de iniciação científica da Psicobiologia e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), ambos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Diferente do que nos é imposto em nossa graduação enquanto licenciandos, me trago como exemplo de que podemos sim seguir áreas de ensino e pesquisa, uma vez que nos dediquemos de forma igual para ambos. Agora que você me conhece um pouco, pouco mesmo, posso lhes relatar a respeito da minha experiência no Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Médio. Minha primeira experiência como professor!

Comumente nós, alunos da licenciatura, temos uma sequência de estágio o qual fazemos primeiro o estágio para o Ensino Fundamental e no semestre seguinte para o Ensino Médio. Bem, por 'n' motivos estou pagando o estágio para o Ensino Médio primeiro. Minha escola como campo de atuação foi a Escola Estadual Felizardo Moura localizada no bairro das Quintas do município de Natal/RN. A turma de minha escolha foi o 1º ano. O tema trabalhado foi citologia, uma vez que seguimos a sequência trabalhada por nossa professora supervisora.

Sente o drama: trabalhar com adolescentes, com uma turma desmotivada e com um tema o qual denominei como túrgido por não ter facilidade como tenho com vários outros. "Eu que lute", já dizia algum pensador contemporâneo do Twitter. Então, o 1ºB foi escolhido por mim e o tema citologia me foi escolhido pela icônica vida.



Diêgo Medeiros,
Tio Chico.

Biólogo e Professor em formação pela UFRN. Sou fascinado pelo comportamento animal e pelo ensino! Sou aluno de Iniciação Científica da Psicobiologia e Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) Sigo pensando que "Um milhão de cores me mantém acordado!" e essas cores encontram-se nas pessoas ao meu redor. Conforme a absorvância dessa diversidade transmito minha personalidade!

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

O que me fez refletir a respeito de uma frase retirada de um livro que li na biblioteca da escola enquanto descansava do planejamento das minhas aulas, a seguinte: "Será que a vida é uma coleção de escolhas? [...] ou será uma sucessão de fatos escolhidos pelo tempo?". Diante dessas escolhas, seja minha ou da vida, fiquei com dois desafios, trabalhar com uma turma desmotivada e um conteúdo "túrgido". Seria esse meu mal bendito ou bem maldito?

Me perguntava a cada semana se eu conseguiria superar meu desafio próprio e mudar aquela turma, seja por não ter os animado ou não ter conseguido construir com os mesmos um conhecimento significativo. Desde o nosso primeiro momento deixei claro que eu não trabalhava sozinho em sala de aula e que eles me ajudariam a construir a mesma por meio de diferentes tarefas. A cada aula tínhamos propostas diferentes e sempre trabalhávamos em círculo. De início houve claramente uma certa resistência em sair daquela forma, seja na distribuição das carteiras seja relacionado às tarefas. Com o passar das aulas já ouvia ao chegar na sala "professor, e o círculo?", "tio Chico, vamos fazer o quê hoje?". Leitor, espero que você tenha noção do que significa ouvir um "a melhor aula voltou" ao voltar após uma semana sem ministrar aula por motivos de saúde. Porque se você tem noção, sei que você é uma pessoa realizada.

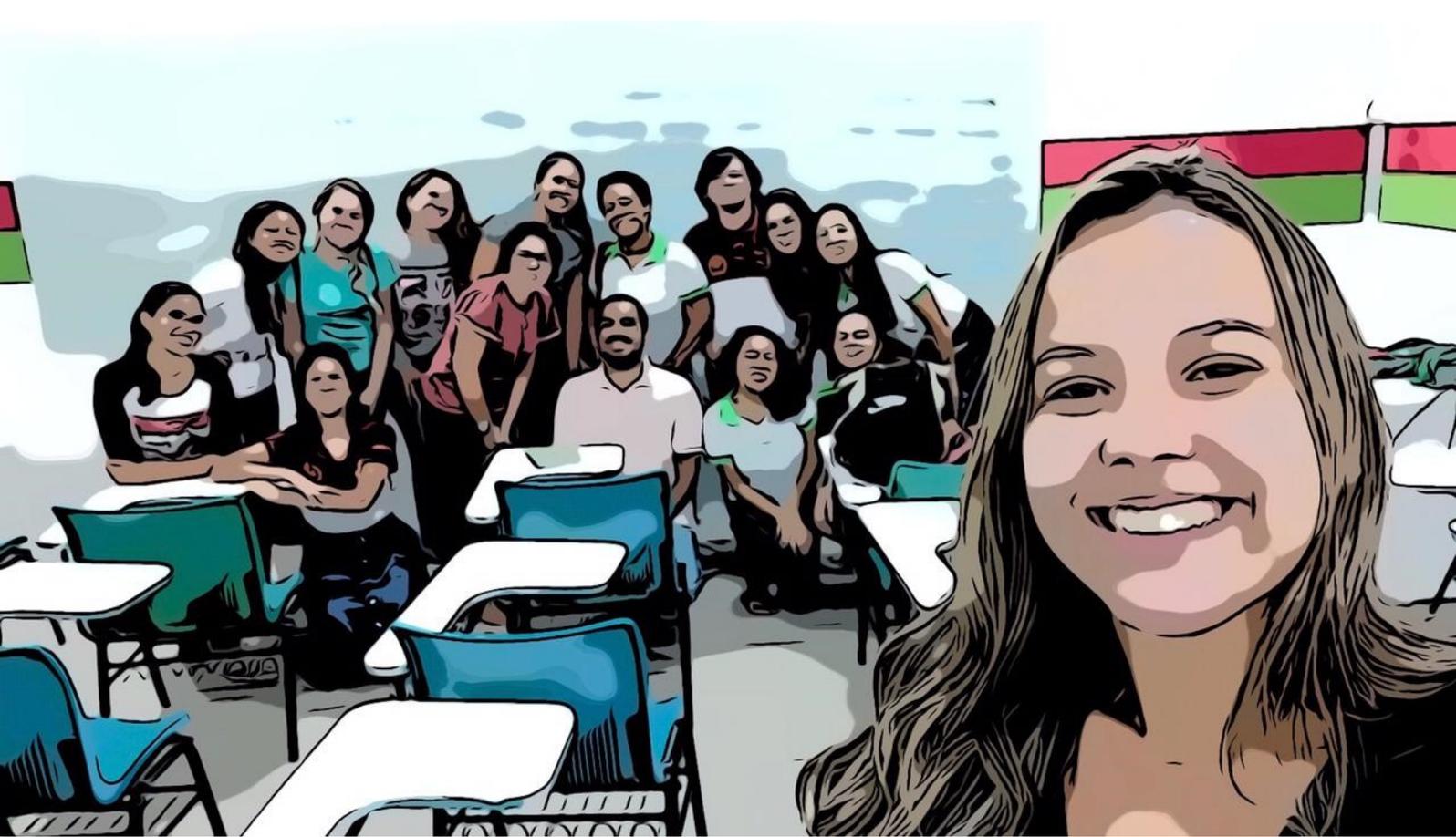
Inúmeras, não consigo contar nos dedos, as competências que trabalhei em sala de aula, sejam elas relacionado ao que eu queria desenvolver ou ao que eu precisava desenvolver como professor. De forma rápida parecem sinônimos, mas quando olhamos pela perspectiva do profissional que pretendemos ser, nota-se a diferença entre os mesmos. Ponto fundamental do processo foi a construção, de fato, de um plano de atuação em uma unidade didática. O ato de colocar em prática parte do que foi aprendido até agora na graduação: estratégias de ensino, unidade de ensino potencialmente significativa, CTSA, problematização, enfim. Foram tantas as teorias e planejamento em aulas simuladas para graduação. Meus planos de aulas iniciais duplicaram. Um que de início era planejado em teoria para uma aula, houve a necessidade de duas ou mais. Pensar em um tema gerador que perpassa todo um conteúdo juntamente com a problematização do mesmo foi algo que maltratou cada um dos meus 100 bilhões de neurônios, se é que existem de fato. Tenho que dar mérito a quem possibilitou esse meu desenvolvimento. Duas pessoas, meu professor da disciplina de estágio Thiago Severo, muito jovem diga-se de passagem, e minha professora supervisora. Estou há 7 semestres na graduação e feliz por encontrar uma orientação significativa antes de me formar. Quanto a minha professora supervisora, esta me deu a liberdade de planejamento e desenvolvimento, me incentivando em inúmeros pontos e demonstrando entusiasmo quando apresentava as propostas a ela.



Que nome daremos aos desinteressados?

*Sala B dos burros, dos desmotivados?
Quero enxergar com uma outra visão
Sento no fundo para uma breve observação
Vejo meninos e meninas desacreditados
Bem como um percurso a vir, bem aventurado.
A seguir, planejamento como facilitador
"Ai meu Deus que dê certo", foi sempre o clamor
No final estavam errados
Na verdade o desejo existe abandonado
Mal "B"enditos os nomeio com muito amor!*

Os dias em que eu dava aula foram os dias em que chegava a noite, depois da minha aula de genética, só o vestígio de um homem. Mas sabe quando é um cansaço revigorante com um toque de "hoje o dia valeu a pena" ou abrir um sorriso dentro do ônibus (10/29) de volta pra casa lembrando de um comentário de um aluno ou da interação com eles? Comumente me encontro entre o "estou dando meu melhor e respeitando meu tempo" e "sentir-se um fracassado independente do esforço que faça". No entanto, a experiência e a lembrança que ficará do meu Primeiro 1º ano servirá de luz para que eu possa enxergar que estou na primeira situação. Eu sou uma pessoa que fala muito. Falo tanto que a maioria das pessoas que me conhecem já devem saber, em mínimos detalhes, dessa experiência. Eu poderia escrever páginas a mais, detalhando a personalidade e a forma como interagi com cada um daqueles danadxs. Porém, finalizo por aqui respondendo a pergunta inicial, declamando em forma de cordel do tipo martelo agalopado.



Frankenstein: entre a ficção e a realidade

Firmeza total, mais um semestre se passando aí, 2019.2 na área. No décimo período de curso acontecem as cenas da última temporada desta série chamada graduação em licenciatura em Ciências Biológicas. E uma das tramas reservadas para esta temporada é o Estágio Supervisionado IV, que tem suas atividades desenvolvidas junto a uma turma de Ensino Médio. Logo de cara posso estabelecer uma comparação com o estágio anterior (Estágio Supervisionado III, Ensino Fundamental) e que, pelo menos ao meu ponto de vista, mostra um pouco da importância dos estágios na formação dos futuros docentes: nesse semestre, diferente do anterior, eu não estava tão nervoso ou ansioso com a ideia de estar à frente de uma sala de aula, mesmo que a experiência prévia tenha sido em outro nível de ensino. No momento de definir o local onde desenvolveria meu estágio, resolvi dar continuidade ao meu plano, pensado no semestre passado, de retornar durante os estágios às instituições onde eu mesmo havia estudado ao longo de meu ensino básico.

Dessa forma me dirigi ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) - Campus Natal Central para conversar com os professores da disciplina de Biologia sobre a possibilidade de realizar meu estágio no local.

O instituto funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno e oferece ensino de níveis médio e superior, estruturados no formato de cursos, sendo boa parte dele na modalidade de ensino técnico, além da modalidade de Ensino à Distância (EAD). O IFRN é reconhecido pela qualidade do ensino que oferece e por este motivo o Campus Natal Central atrai estudantes das quatro regiões do município, além dos oriundos da região metropolitana da capital. A entrada dos alunos nos diversos cursos da instituição ocorre através de processos seletivos.



Renato Alves de Lima

22 anos. Técnico em Controle Ambiental pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte e graduando em Ciências Biológicas, modalidade licenciatura, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Exímio apreciador de músicas de sofrência e cantor de chuveiro nas horas vagas. Gosto de pessoas que tomam banho.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Desenvolvi as atividades do estágio em sua turma do curso técnico integrado em Geologia, no turno matutino. A turma possui aproximadamente trinta alunos, que estão em seu último ano (4º) de curso. Durante as primeiras semanas na escola, dedicadas ao acompanhamento das aulas de Biologia junto com a turma e ao planejamento da regência, pude perceber que os alunos eram bastante participativos durante a aula, o que me deixou com boas expectativas para as minhas próprias aulas e provocado a explorar da melhor maneira possível tal característica da turma.

Baseado no cronograma de aulas planejado pela professora supervisora, ficou definido que a área da Biologia que eu abordaria durante o período de regência seria a da fisiologia humana, mais especificamente os sistemas do corpo humano. O fato dos alunos estarem em seu último ano de curso e em vias de prestar o ENEM, onde a fisiologia e os sistemas humanos estão entre as áreas mais recorrentes nas questões de Biologia, me deixou um pouco tenso durante o planejamento.

De toda forma, por ser uma temática bastante extensa, busquei abordá-la de forma a evitar que fosse algo extremamente conteudista e enfadonho. Lembrei então de um curso sobre ficção e ética na ciência, o qual havia participado alguns semestres atrás, onde trabalhamos um pouco com a obra Frankenstein, ou o Prometeu Moderno, da escritora Mary Shelley. Ao lembrar-me desse fato enxerguei ali um tema gerador interessante para englobar o estudo dos sistemas humanos, já que a criatura da estória é formada por partes de vários corpos humanos.

O principal questionamento a ser abordado era quais seriam os empecilhos biológicos para replicar a criação de Victor Frankenstein na vida real. Levei essa ideia para as oficinas de planejamento da turma de Estágio IV, onde a debati com o professor e os demais colegas de classe e recebi sugestões de alterações para melhorar a ideia. Finalizado o período de planejamento, chegou o momento de iniciar a regência. Como disse anteriormente, eu estava até bastante tranquilo com a ideia de dar aula nesse estágio, porém, para não fugir do script, o nervosismo resolveu dar o ar da graça na manhã da primeira aula. Felizmente ele foi embora enquanto esperava o horário de início da aula.

O primeiro dia de regência foi dedicado a fazer uma introdução à temática da fisiologia, com uma pequena revisão sobre o histórico de estudos nessa área da Biologia e comparações entre os padrões de ética vigentes na época desses estudos e os que são seguidos atualmente, além da apresentação do conceito de homeostase, que seria de suma importância durante as aulas sobre os sistemas do corpo humanos. A primeira aula também serviu para plantar a semente do tema gerador que passaria as demais aulas: falei um pouco sobre a obra Frankenstein ou o Prometeu Moderno e os alunos expuseram suas impressões iniciais sobre a viabilidade da recriar a criatura de Victor Frankenstein no mundo real.

“(...) enxerguei ali um tema gerador interessante para englobar o estudo dos sistemas humanos”

As aulas seguintes serviram para explicar sobre o funcionamento, a regulação, as principais disfunções e sobre como os sistemas do corpo humano interagem entre si, sempre tentando trazer curiosidades e novas descobertas a respeito de cada um deles. O plano de ensino inicialmente contemplava a abordagem de todos os sistemas, porém não houve tempo hábil para tal, então foram vistos os sistemas digestório, respiratório, circulatório e imunológico. Na última aula, como forma de encerrar o período de regência, retomei as questões relativas à obra Frankenstein, ou o Prometeu Moderno, sobre a viabilidade de recriar a criatura no mundo real e quais seriam, caso houvesse, os possíveis empecilhos fisiológicos, feitas no primeiro dia de regência. Para ilustrar um pouco melhor como Victor Frankenstein planejou e construiu sua criatura mostrei alguns trechos do filme Victor Frankenstein, do diretor Paul McGuigan, lançado em 2015.



Durante o filme são mostrados alguns detalhes anatômicos e fisiológicos da criatura de Frankenstein, que foram utilizados para embasar as discussões durante a aula, já que o livro de Mary Shelley não entra em tanto detalhes fisiológicos sobre a criatura (esta é a saída adotada pelo protagonista, Victor Frankenstein, para evitar a recriação de sua obra).

Também levei para discutir com os alunos durante a última aula alguns fatos que pareciam obras de ficção científica no passado, mas que com o desenvolvimento científico se tornaram realidade ou ao menos estão em processo de pesquisa como, por exemplo, a questão do transplante de órgãos e tecidos, a clonagem, a edição gênica, além de mostrar algumas teorias científicas que apareciam durante a obra de Mary Shelley, como as ideias do galvanismo e da exclusão competitiva. Como o encerramento planejado para o tema gerador não exigia necessariamente a abordagem de todos os sistemas, como planejado inicialmente, não houve maiores prejuízos à discussão da aula.

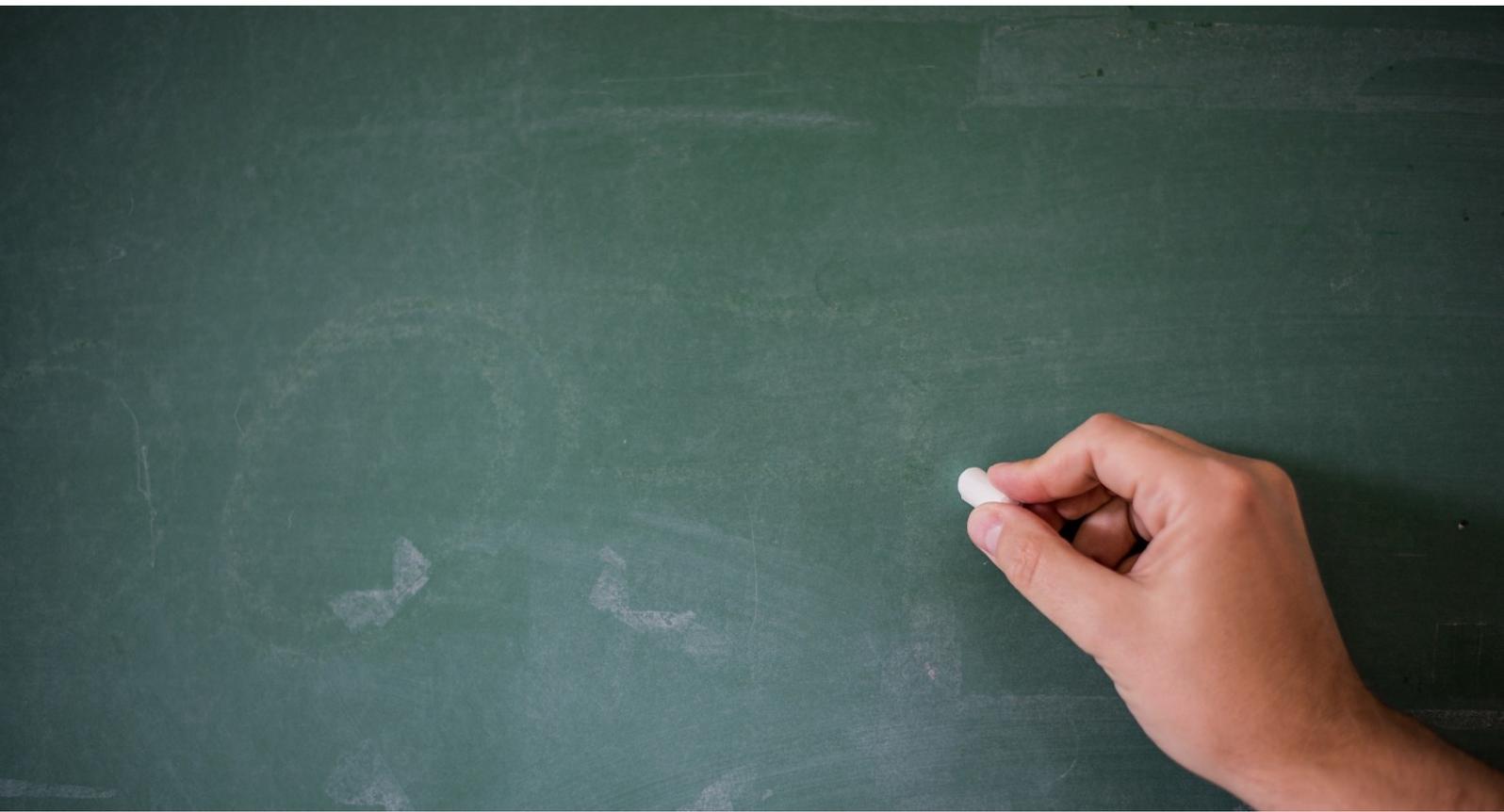
Uma vez finalizado o estágio, é chegado o momento de fazer uma pequena retrospectiva deste período de regência, a fim de avaliá-lo. Inicialmente devo dizer que a certa apreensão que relatei durante a elaboração do plano de ensino, devido à proximidade do ENEM, acabou sendo deixada de lado durante as aulas, pois sempre busquei preparar as aulas de forma que não se fossem tão maçantes em termos de conteúdos, tanto para mim quanto para os alunos, tendo em vista que, dada a importância do ENEM para o ingresso em instituições de ensino superior, as semanas que o antecedem são marcadas por grande ansiedade/nervosismo para grande parte dos alunos.

Creio que a utilização recorrente de curiosidades sobre os tópicos abordados e por vezes a elaboração de memes sobre os assuntos durante as aulas ajudou nesse ponto, tornando as aulas mais leves e divertidas. Outro ponto que percebi durante esse período de regência foi a recorrente utilização, posso chamar até mesmo de dependência, do recurso do projetor. Isso é necessariamente um problema? Não, mesmo porque a sala de aula possuía um projetor, mas pensando em um cenário em que este recurso fosse limitado ou não estivesse disponível, a execução das aulas que elaborei certamente ficariam comprometidas. De toda forma, considero a experiência desse estágio como extremamente positiva para mim, assim como espero que tenha sido para os alunos.

Por fim, gostaria de agradecer à professora supervisora e ao pessoal da turma de Geologia pelo espaço cedido e pelos conhecimentos compartilhados durante este período. Os quase três meses que passamos juntos foram bastante divertidos. Espero ter contribuído para a formação deles da mesma forma que eles contribuíram com a minha. Como dizia o gif do derradeiro slide na última aula: eu vou sentir saudades! Outro agradecimento especial vai para o professor da disciplina de estágio, Thiago Severo, pela parceria formada durante as últimas três disciplinas de estágio e pelas discussões sempre pertinentes proporcionadas durante as aulas.

“(...) levei para discutir com os alunos durante a última aula alguns fatos que pareciam obras de ficção científica no passado, mas que com o desenvolvimento científico se tornaram realidade”





03 razões porquê - Pesares de um futuro professor

Olá, futuros e atuais professores. Quem escreve aqui é Diego Medeiros. Ao vivo e por escrito. Espero que vocês estejam prontos, porque vou contar aqui minha história com a licenciatura. Mas especificamente, por que ela perpassa meios conflituosos. E se estiver lendo essas palavras, talvez você também possa estar vivendo experiências semelhantes.

Embora desde pequeno tivesse convicção que seria um arquiteto, minha mudança de São Paulo para o Rio Grande do Norte colocou em cheque tal certeza. Para ser mais exato, minha aproximação com meus tios potiguares, que são professores, escanteou plantas e maquetes para dar espaço aos livros e aos pilotos. Embora seja suspeito para discorrer sobre, carrego uma enorme admiração por ambos. Sinto-me orgulhoso da disposição que meus tios carregam para promover o letramento acadêmico e cidadão junto aos seus alunos. Convivendo com essa admiração, decidi durante o SISU lançar minha nota para Ciências Biológicas, modalidade licenciatura.

Acredito que seja unanimidade que todos os alunos que optam de forma espontânea por algum curso atrelado à educação deseje a transformação da sociedade por esse segmento.

Embora saibamos da realidade da esfera pública, carregamos o anseio por mudança. Semelhante a um relacionamento, tendemos a enxergar somente os pontos positivos da nossa escolha, colocando em segundo ou terceiro plano a realidade e seus pesares. Todavia, com o tempo essa dura realidade aflora, obstruindo parte de nossas idealizações. Comigo, esse processo não poderia ser diferente. Durante o penúltimo semestre do curso veio aquela crise de fim de ciclo, e aquela dúvida se realmente eu queria seguir na área da educação. Acumulei algumas experiências negativas, com destaque para o desestímulo dos estudantes frente alguns trabalhos meus. Nessas situações, fica aquele sentimento de falta de reciprocidade. E nenhum "relacionamento" consegue fluir sem reciprocidade. Optei por dar tempo ao tempo, afinal, meu último semestre seria um tira-teima: calhei de pagar ambas as regências (fundamental e médio) no último período de curso. Desenvolvi as atividades do Estágio Supervisionado para Formação de Professores IV na Escola Estadual Professor Eliah Maia do Rego, localizada no município de Parnamirim (RN).



Diego Vinícius Medeiros de Carvalho

Profissionalmente, graduando em Ciências Biológicas na modalidade licenciatura. Pessoalmente, maratonista apaixonado por séries e amante sofredor de sertanejo.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Atuar como professor de uma turma do Ensino Médio na referida escola me proporcionou profundas reflexões. Seria impossível tais reflexões não irem de encontro ao meu dilema relatado no parágrafo anterior, com relação às minhas incertezas. Essa experiência de estar dentro de sala de aula seria fundamental para determinar minha posteriori com relação à educação. Então, sem mais delongas, seguem algumas dessas reflexões e razões da educação ser um desafio nível hard e minha escolha em detrimento de aceitar ou não esse desafio para a posterioridade...

PORQUÊ N°01 - ESTEREÓTIPO

Vivemos em uma sociedade onde os estereótipos construídos em torno das escolas mascaram sua realidade, como se uma fortaleza se erguesse sobre os prédios escolares e impedisse que olhemos com atenção esse ambiente tão peculiar. Não estou querendo induzir que a educação pública viva seu melhor momento, por que não estamos nem perto disso. Estou querendo evidenciar que o ambiente público e escolar não resume-se a uma catástrofe diária. São relatadas tantos casos assustadores sobre o ambiente escolar na grande mídia que imediatamente pessoas mais distantes desse ambiente podem associar escolas à sistemas presidiários.

Essa sensação errônea das escolas públicas está tão enraizada na nossa sociedade que até eu, que percorri todos os anos da educação básica em escolas públicas, criei um medo em relação à mesma. Vizinhos e familiares me relataram histórias assustadoras sobre as escolas de bairro de Parnamirim. Todos esses repasses me assustaram ainda mais, no período pré-estágio. Entretanto, ao adentrar e vivenciar aquele espaço, percebi o quão exagerado eram os relatos que recebi. Os jovens que frequentam aquele ambiente são apenas jovens: com comportamento e conversa de jovens. Penetrar a fortaleza repletas de chavões sobre o que é uma escola e realmente enxergar o que é uma escola me fez perceber a normalidade daquele ambiente.

PORQUÊ N°02 - ENSINO MECANIZADO

Em algumas circunstâncias podemos notar que há uma discrepância entre o ideal fomentado dentro das universidades e a realidade das instituições públicas. Debates a importância do construtivismo e de modelos mais ativos de aprendizagem, visando uma educação significativa, mas o sistema obriga de forma impiedosa a permanência do tradicional.



“Vivemos em uma sociedade onde os estereótipos construídos em torno das escolas mascaram sua realidade...”

O Ensino Médio amargura ainda mais nesse perspectiva em função do ENEM. Volta-se uma educação exclusivamente voltada para o referido vestibular e negligencia-se os demais pontos da importância da educação. Percebo que os professores acabam tornando-se mais uma vítima desse modelo de ensino. Afinal, por mais que anseiem por fugir da educação bancária, lecionar no Ensino Médio tornou-se sinônimo de ensino preparatório ao ENEM. Confesso que tal cenário não me estimula, afinal, educação não é isso.

PORQUE Nº03 - DESESTÍMULO/DÊ ESTÍMULOS

Diferente de gerações anteriores, na qual a instituição escola configurava-se como a principal fonte de conhecimento, as gerações atuais adquirem mais informações fora das paredes da escola. Em função da forma maçante em que o processo de aprendizagem perpassa, estar dentro da escola soa como algo desestimulante. Apesar do bom comportamento da minha turma ao longo das aulas e do engajamento da mesma nas aulas expositivas dialogadas, tenho certeza que esse cenário não é unanimidade em todas as escolas Brasil afora. O ambiente de sala de aula hoje deve ser problematizador, caso queira mudar sua visão perante seu grande público. Dentre todas as aulas e atividades que ministrei, noto que o desafio de construir a árvore filogenética dos artrópodes foi o ponto alto da minha sequência didática. Quebrando as expectativas dos alunos, nesse dia eles quem tiveram que exercitar seus neurônios para tentar compreender a complexidade da cladogênese e a relação daquele material didático com as aulas até então ministradas. Embora não saibam de forma técnica, naquele momento estavam dando significado à aprendizagem.

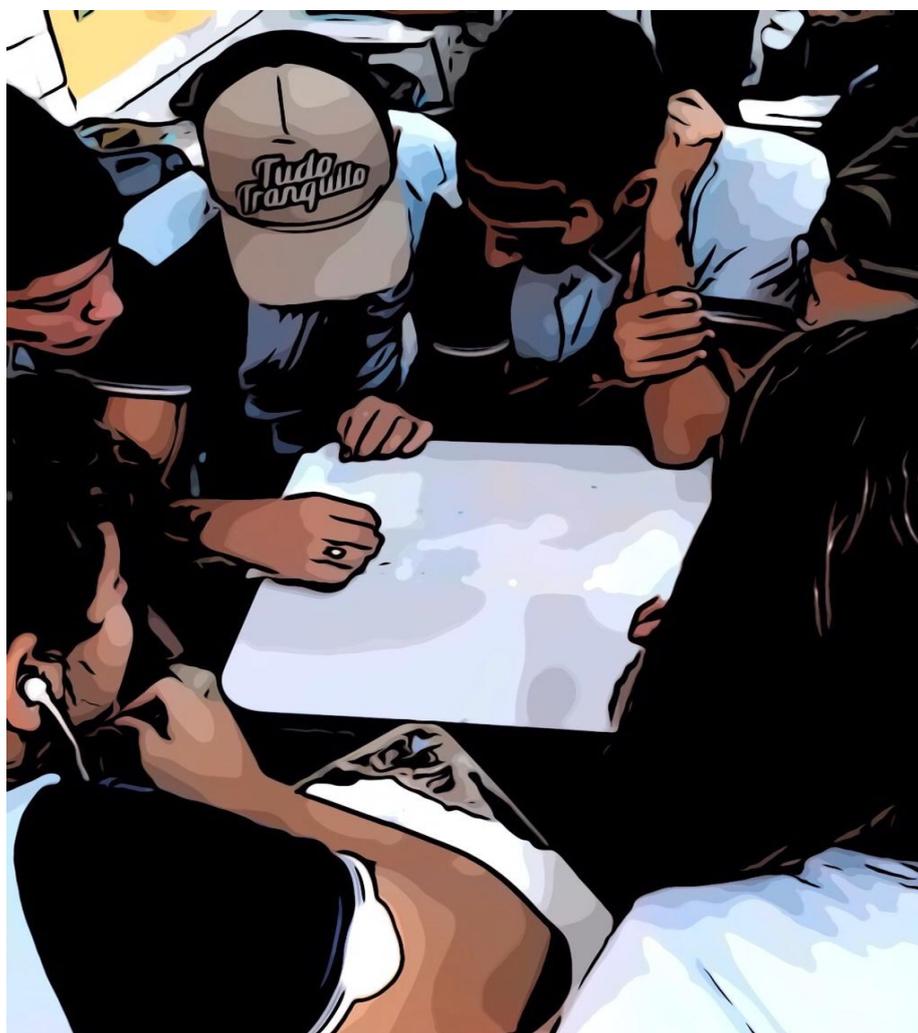
“(...) quantas vezes paramos para refletir sobre o desestímulo dos professores?”

Nunca deixei de enxergar essa nobreza de lecionar. Talvez, em função disso, sem colocando em pauta minha permanência na educação; sempre houve uma intenção para meus dilemas. Nessa reta final de tomei a decisão de aceitar a missão que designada após receber o diploma de em Ciências Biológicas. Mas como em relacionamentos, isso é um sinal verde que momento viabiliza. Quero continuar por vários motivos para acreditar e seguir nessa jornada. Como todo e qualquer relacionamento que almejamos o “para sempre”, mas sabe para sempre um dia pode chegar ao fim

Muitas vezes paramos para problematizar o desestímulo dos alunos. Mas quantas vezes paramos para refletir sobre o desestímulo dos professores? Durante o período de observação, pude acompanhar o dilema de uma das professoras que mais me apareceu engajada com a educação naquela escola. Em um certo dia, ela entrou na sala dos professores alegando que estava para desistir de uma dada turma. Que apesar dos seus esforços, a apatia permanecia no semblante daqueles estudantes. Embora quase sempre o professor seja estimulado a promover uma auto reflexão sobre sua didática, sim, existem cenários na qual as melhores das didáticas é gradativamente quebrada em função de comportamento de negligência. Há negligência por parte do Estado, por parte da sociedade, por parte dos familiares, por parte dos estudantes e, por vezes, esse sentimento torna-se tão generalizado que até nós mesmos nos negligenciamos.

RESULTADO

Por intermédio de poucos motivos, vemos que ser professor na atual conjuntura é um desafio pessoal. Quando tiramos aquele olhar apaixonado da profissão então, vemos o quão doloroso esse processo pode tornar-se ao longo do tempo. Entretanto, quando conseguimos encontrar a nobreza da profissão, ganhamos uma armadura para esses confrontos inevitáveis.





Perplexa com as dificuldades, mas não desanimada

Fiz o meu último estágio da graduação na Escola Estadual Felizardo Moura, localizada no bairro das Quintas na cidade do Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. Eu já estava trabalhando nessa escola desenvolvendo meus projetos do PIBID Biologia e então a escolhi para fazer os meus estágios obrigatórios. Desde que cheguei nessa escola vivenciei muitos desafios, desde dias sem aula por causa da precariedade da estrutura física até redução de horários pela falta de refeição para os alunos. Esquecendo um pouco as dificuldades acerca de assuntos estruturais e financeiros, lembro do primeiro dia em que eu e meus colegas do projeto chegamos na escola e fomos recepcionados por um professor que fez questão de expor suas terríveis experiências na educação. Ele enfatizou bem as dificuldades que enfrentou (e enfrenta) durante suas décadas na docência. Particularmente, o seu discurso me deixou bem pensativa e por ora apática ao refletir sobre, mas ao conversar com outros professores da instituição que também tinham as mesmas décadas de ensino, pude revigorar meus pensamentos de esperança nessa profissão.

Isso me fez perceber que as experiências de um pessoa nunca serão iguais às de ninguém. E nós mesmos temos que ter as nossas experiências para tirarmos as nossas próprias conclusões. Além de que somos nós quem escolhemos a forma como iremos encarar as situações.

Iniciei o estágio no dia 20 de agosto e estava bem animada. Estava permanecendo num local onde eu já me sentia em casa. Tanto por causa dos alunos e funcionários, mas principalmente por causa da professora. Essa que é formada em Ciências Biológicas pela mesma universidade que estou me graduando e já tem longos anos na vida docente, porém não se deixa permanecer na mesmice. Desde o primeiro momento que tive contato com ela no início do PIBID na escola, já me senti acolhida e sabia que ela seria alguém que me ensinaria bastante, não só sobre Biologia mas sobre o ser professor em si. Nos primeiros dias fui à escola para iniciar meu planejamento junto a professora e meu colega Francisco Diêgo, vulgo Tio Chico, que mais uma vez estava junto comigo na mesma escola para fazer o estágio. Os primeiros dias também foram de observação da rotina da escola.



Dandara Mirhally Santos de Castro

Técnica de laboratório cursando licenciatura em Biologia na UFRN. Peregrina nesta terra. Amante dos livros, do ensino, de doces e da natureza, mas, sobretudo, de quem a fez.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Embora eu já tivesse tido esse tempo nos outros estágios, esse momento sempre é válido, pois sempre haverá novas situações para aprendermos. Eu já havia conhecido algumas turmas nas outras oportunidades que tive na escola, mas ainda não conhecia o 1º ano. Pude passar alguns dias acompanhando as aulas da professora, conhecendo alguns alunos e suas características. Isso fez com que eu pudesse planejar as aulas com o objetivo de envolver todos os tipos de alunos. Mas claro, nem sempre isso foi possível.

Juntamente com meu colega Tio Chico elaboramos uma unidade didática sobre o tema de citologia. Estávamos bem confusos em como planejar sobre esse tema, mas como uma lâmpada daquelas que acendem nos desenhos quando surge uma ideia, Diego propôs que começássemos falando sobre tatuagens (talvez porque ele é quase uma tela ambulante cheia de desenhos bem legais) e linkássemos esse assunto com a seguinte pergunta: "Perdemos cerca de 30 a 40 mil células epiteliais por hora, quase 1 milhão por dia. Então, por que a tatuagem não vai descascando aos poucos junto com elas?". Daí então, ficou mais fácil planejarmos a nossa unidade didática cujo tema foi: "Citologia à flor da pele". Depois desse tempo de observação e planejamento, chegou a hora de colocar tudo em prática.

No dia 17 de setembro de 2019 dei a minha primeira aula para a turma do 1º ano. Foi um momento de descontração ao começar a aula falando sobre um assunto que muitos deles gostam e até pretendem fazer um dia. Seguindo-se os dias, pude proporcionar a elaboração de lâminas de célula vegetal e animal, além da visualização dessas através do microscópio, assim como também a realização de dinâmicas que exemplificaram os processos de entrada e saída de substâncias da célula.

Ao levar atividades manuais e dinâmicas para a sala de aula, pude perceber o quanto fazer atividades diferenciadas pode abranger os diversos tipos de alunos que encontramos. Para exemplificar, pude ver alguns alunos, como um que se mostrou muitíssimo prestativo em me ajudar a organizar o momento de elaboração das lâminas.

Uma aluna se viu bastante empolgada ao poder visualizar alguns tipos de células no microscópio. Outra aluna prontamente se propôs a coordenar a dinâmica da membrana plasmática. E por fim um aluno, no início tão tímido, mostrou que realmente estava aprendendo sobre citologia ao responder as perguntas do quiz na ponta da língua, surpreendendo seus colegas e professora. Além disso, trazer significância e mostrar a real aplicação e importância dos assuntos abordados em sala é uma das chaves para o bom aprendizado dos alunos.

*“somos nós quem
escolhemos a
forma como
iremos encarar as
situações”*

Ao final desse último período de estágio, permaneço bem animada para atuar em minha profissão. Apesar de todas as dificuldades vistas e vivenciadas, mantenho a certeza de que o conhecimento muda a vida das pessoas e é por isso que eu espero poder contribuir no conhecimento de cada aluno que eu puder e ensiná-los o pouco que aprendi.

E realmente espero ter contribuído, mesmo que um pouquinho, na vida desses adolescentes que pude conviver nos últimos meses. Deixo aqui meus agradecimentos a todos eles.





O estágio na formação do professor de geografia

Os estágios supervisionados, em sua maioria, correspondem as últimas etapas dos cursos de graduação, momento no qual espera-se que toda a teoria apreendida durante o curso de graduação venha ser colocada em prática, compreendendo o exercício de sua profissão e aperfeiçoando seus saberes para o mercado de trabalho. Todavia a partir dessa visão de “prática” surge o grande paradigma dos estágios, exercendo a responsabilidade de formar profissionalmente o acadêmico, onde o discente espera o ‘fazer’ e resiste a elementos teóricos e conceituais fundamentais ao longo desse processo. Partindo também de seu distanciamento com as demais disciplinas do curso, causando novos conflitos, pois o estágio deve sempre estar atrelado ao conhecimento adquiridos nas disciplinas formativas teóricas de forma contínua e integrada, bem como o estágio também traz consigo uma carga reflexiva a teoria dos estágios que retoma discussões outrora iniciadas em outras disciplinas.

Este busca apresentar de forma resumida a importância que os estágios supervisionados tiveram na formação de uma licenciada em Geografia, e como contribuiu de forma significativa para o exercício profissional acadêmico e na sala de aula do ensino básico, constituindo-se um relato das experiências adquiridas durante quatro disciplinas de estágio obrigatório, e na compreensão da disciplina como hibridização entre teoria e prática, exposta por Chaveiro (1992) onde o valor da técnica para a prática de ensino, todavia é utilizada como instrumento e não como um fim. Durante todos os estágios foram realizadas discussões acerca da importância de ser um professor-pesquisador, da prática profissional em sala de aula, a necessidade do planejamento atrelado à docência e na elaboração de aulas diferenciadas, partindo de teorias da aprendizagem e tendo como base os instrumentos norteadores da educação. Bem como ao longo da realização dos estágios dois e três.



Giovana Oliveira do Nascimento

Aluna do curso de Licenciatura em Geografia, UFRN.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Pablo Sebastian Moreira Fernandez (UFRN)



O primeiro estágio foi cursado durante o segundo semestre de 2017 e teve como princípio a realização de uma pesquisa dentro do Espaço escolar, na percepção da escola como um Espaço Geográfico e nas relações existentes no meio, constituindo-se como uma pesquisa etnográfica, cuja intenção era a observação para além da sala de aula, mas do ambiente escolar como um todo analisando suas intencionalidades expressas. As discussões voltavam-se para uma das principais questões dos cursos de licenciatura atualmente, no entendimento de que o professor também é pesquisador, e que a escola também é passível de pesquisa pois há diversos, para não dizer todos, elementos presentes nas esferas sociais. Foram elaborados projetos de pesquisas, roteiros e estruturas de observação, entrevistas, que fez do estágio um ponto de encontro entre o acadêmico/científico (pesquisa) e a escola básica (base do exercício profissional). Os estágios seguintes relacionavam-se com a regência em sala de aula, na interligação entre teoria e prática, sendo eles consecutivamente, uma proposta de oficina na escola, realizada em grupo pelos alunos da graduação, e as regências de caráter individual, desempenhadas no ensino fundamental e posteriormente no ensino médio da rede básica da educação pública.

Ambos semestres de 2018 o sistema educacional brasileiro discutia a transição dos instrumentos norteadores de ensino, cuja pauta fazia-se entre os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Base Nacional Curricular Comum, provenientes de políticas públicas e reflexos de diferentes momentos administrativos do país, no que se refere a paradigmas educacionais e expectativas ao aluno da rede básica. No decorrer dos estágios foram realizadas diversas aulas que tinha como objetivo compreender as bases dessa mudança, suas possíveis implicações a educação e ao ensino de geografia, e nas diferenças teóricas e metodológicas a ciência geográfica.

A regência durante esse processo se faz essencial a formação, pois ela é o exercício prático em sala de aula, trata da formação docente diretamente voltada a adquirir experiência. Sendo substancial ao aluno da graduação, pois é uma visão da realidade atual das escolas, podendo ser uma quebra de expectativas, ou choque de realidade, ao sistema de ensino nas universidades, aos modelos teóricos dos professores, fazendo com que o licenciando repense sua abordagem, e modele-se a compreender o ensino básico como professor.

Bem como a regência enfatiza o elemento do planejamento à prática docente, onde aprende-se a elaborar e aplicar instrumentos como planos de aula, projetos de ensino e aprendizagem, e projetos didáticos.

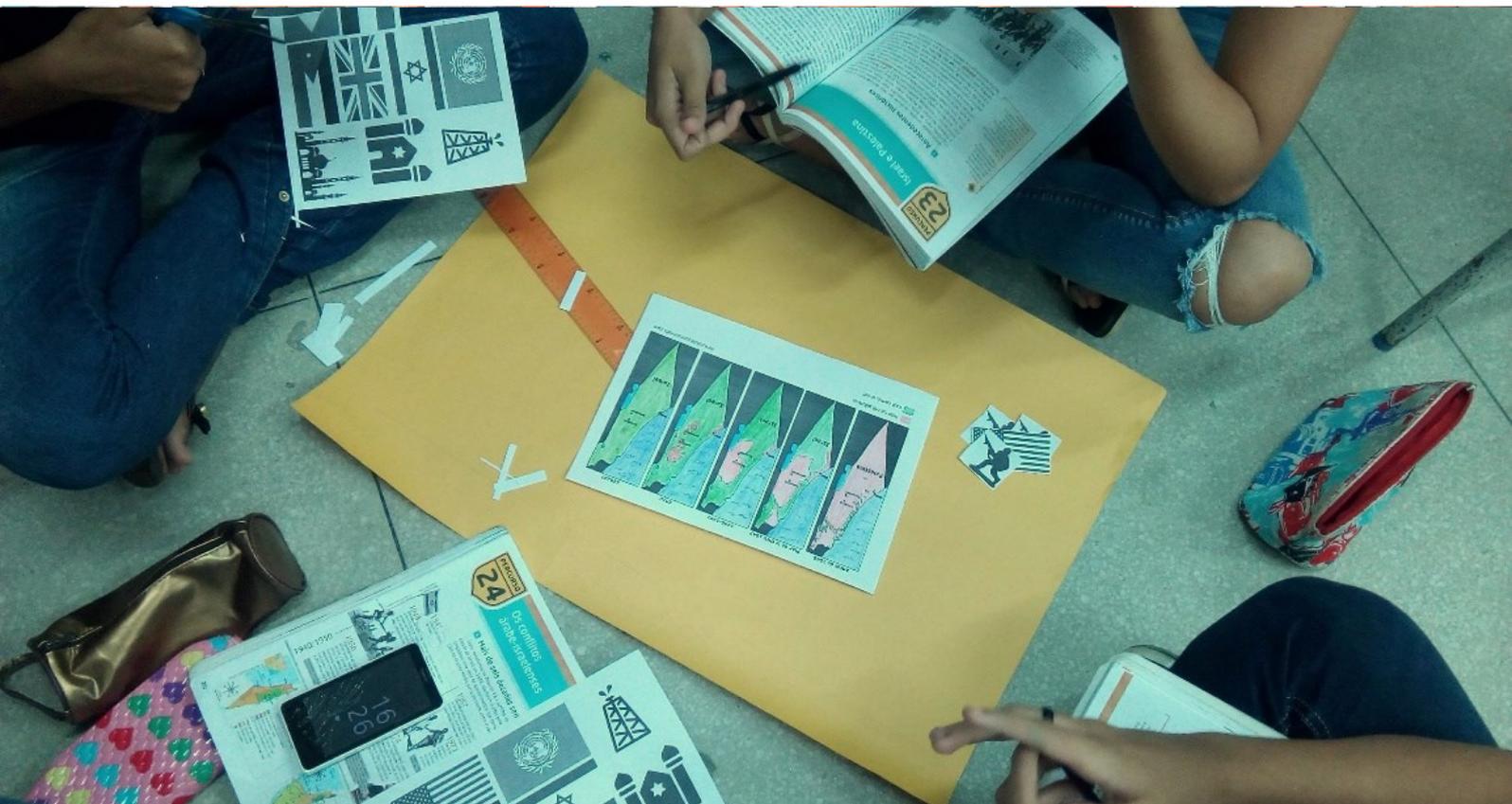


“o professor também é pesquisador, e que a escola também é passível de pesquisa”

De forma como aborda Souza (2013) em trazer o planejamento como a primeira etapa do processo de ensino, onde o professor elenca suas necessidades, intenções, e para isso ele analisa sua forma de ensino, ou seja, a metodologia que irá abordar, sendo o professor treinando e ponderando o seu agir em sala.

Logo, a obrigatoriedade dos estágios a formação de professores, não é somente política de formação acadêmica, se faz crucial para abordar a carga teórica e metodológica dos cursos de graduação, sendo o elemento que interliga o licenciando a seu futuro, acadêmico e profissional. Deve ser visto enquanto somatório a formação, em trazer novas visões de estudos, perspectivas de análise, em pesquisas na escola, e nos saberes escolares.





A rotina do professor inicia antes mesmo do toque da primeira aula

A preparação anterior a chegada à escola, os ajustes do planejamento, a pesquisa de temas que tragam novas informações, fazem parte do nosso *métier*. Estar preparado profissionalmente, para esse escopo de atuação, é fundamental para o desenvolvimento da prática educativa aproximada ao repertório de conhecimentos dos alunos. Vivenciar os desafios e conhecer as potencialidades existentes na escola, proporciona o contato necessário para que o licenciando passe agora a atuar enquanto professor. A união de discussões inovadoras no campo do ensino com a vivência escolar contribuiu para a nossa formação para o exercício da docência de caráter significativo. Experimentar a escola e o seu cotidiano na perspectiva da formação docente, complementa o aporte teórico-metodológico construído ao longo do curso de licenciatura, ao possibilitar a perspectiva da prática. Inovar nas metodologias usadas para a construção da disciplina de Estágio, é um desafio que oferta bons resultados.

A proposta de incluir a pesquisa em ensino de Geografia ao longo do estágio, foi fundamental para suscitar o entendimento de ser professor-pesquisador. Ao longo das 400 horas de estágio supervisionado foram revistos conteúdos, reformulados conceitos e estabelecidas aproximações com os imprevistos, que permeiam a atividade docente.

Dentro dos imprevistos estão as dificuldades que se apresentam para a realização do estágio, dificuldade no ajuste de horários, a aceitação do(a) professor(a) supervisor(a), aceitação da direção da escola e a rotina dos alunos de licenciatura, na qual muitos trabalham durante o dia e estudam à noite.

Algumas dessas dificuldades poderiam ser dissolvidas se houvesse uma maior aproximação entre a universidade e a escola. Esse distanciamento pode conferir insegurança na gestão escolar ao aceitar o estagiário, principalmente em escolas que não recebem projetos ou programas vinculados à uma IES.



João Rodrigues da Silva Bisneto

Tenho 22 anos, formado em Geografia Licenciatura, ao longo da graduação participei do PIBID onde tive mais contato com a docência o que somou mais experiência para os estágios. Também participei do PIBIC, e realizei uma pesquisa mais documental, sobre a BNCC e o Novo Ensino Médio, focado para o ensino de Geografia. A docência é uma área de atuação que sempre me encantou, e ao longo das minhas experiências acadêmicas, só aumentou minha vontade de somar esforços para a construção de uma educação de qualidade e possibilitadora de mudanças na sociedade.

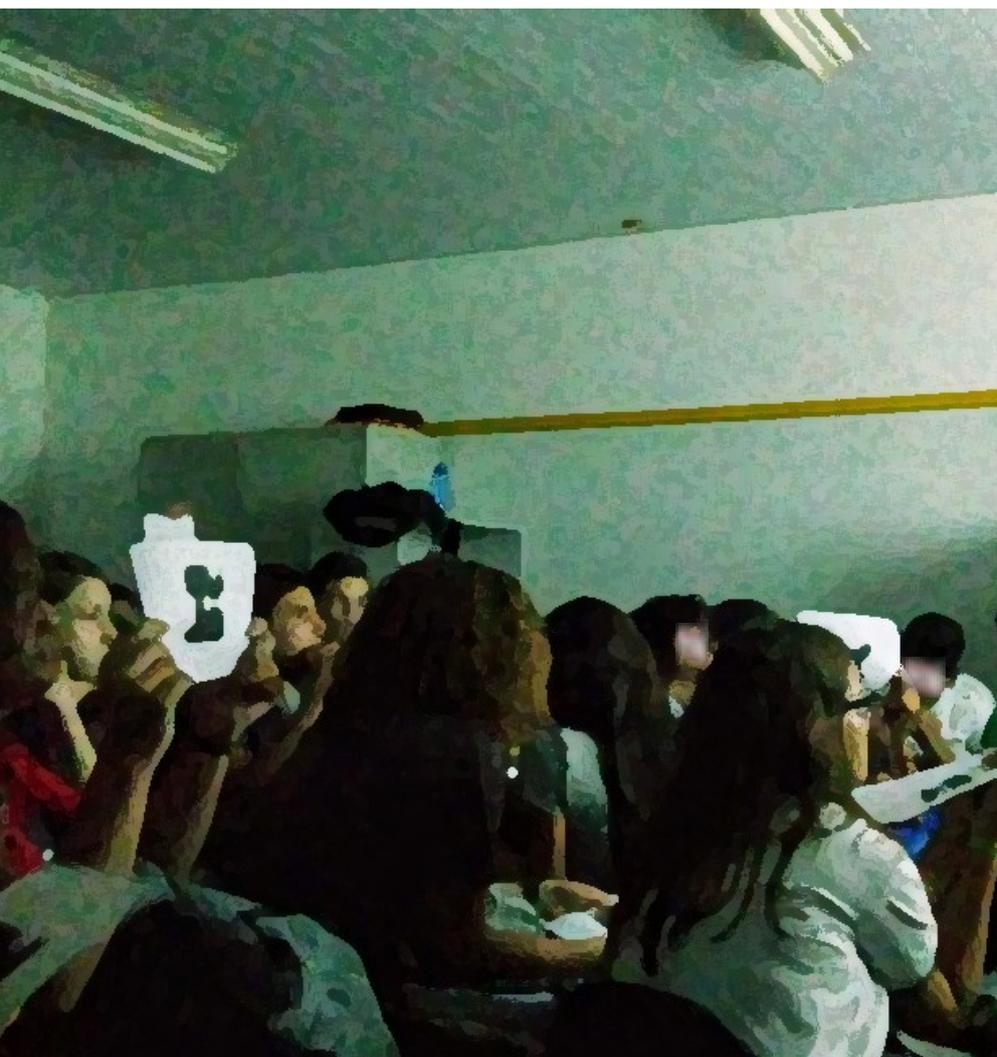
Orientador de Estágio: Prof. Dr. Pablo Sebastian Moreira Fernandez (UFRN)

Durante a realização dos estágios esses impasses ficam nítidos com a série de questionamentos que foram feitos pela gestão escolar e pela coordenação pedagógica. Apesar dos pontos de dificuldades, verdadeiros espaços de possibilidades se apresentam no cotidiano escolar e nas aulas teóricas das disciplinas de Estágio. Estar atento aos conteúdos de pesquisa aí presentes é essencial para a proposta da pesquisa no ensino. Ainda na primeira disciplina de estágio foi desenvolvida uma condução da disciplina para a observação interessada em um tema de pesquisa. No segundo estágio foi realizada a união do desenvolvimento do projeto didático também com a pesquisa, o que possibilitou um diálogo mais amplo com a escolha do tema, a etapa do desenvolvimento e o diálogo com os resultados atingidos ou não com o projeto desenvolvido.

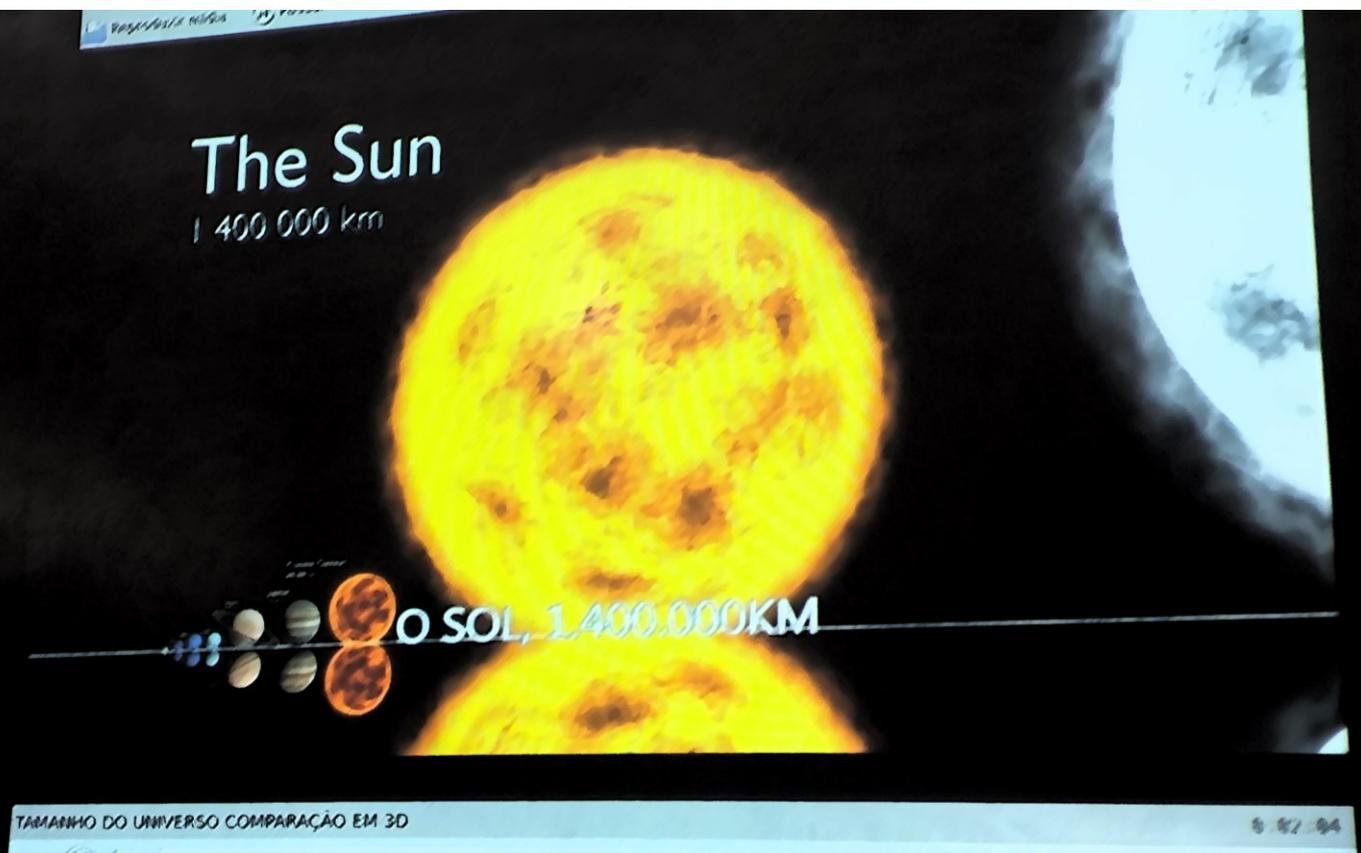
Os terceiro e quarto estágios se interessaram mais para a regência na escola, mas também foi interessante observar como certos conteúdos da Geografia escolar são tratados nas aulas. A pesquisa também contribui na abertura para a busca por metodologias diferentes para tratar conteúdos novos e aqueles já conhecidos pelos alunos.

Todos esses aspectos desenvolvidos até aqui, em referência à disciplina de Estágio, contribuíram para que ela nos permitisse o contato com todas as possibilidades e desafios presentes na escola. Ajudou também a pensar numa formação mais ampla, enquanto futuros professores atentos as mudanças, as novas necessidades, aos obstáculos e aos temas de interesse da pesquisa em ensino.

Os aprendizados efetuados ao longo das 400 horas de estágio, foram essenciais para reorganizar a carga de conteúdo teórico-prático visto ao longo da nossa formação, para o direcionamento do Ensino de Geografia. Isso nos preparou para desenvolver uma prática assentada no processo de ensino-aprendizagem, com qualidade didática e aproximação de sentido para os alunos.



“Apesar dos pontos de dificuldades, verdadeiros espaços de possibilidades se apresentam no cotidiano escolar e nas aulas teóricas das disciplinas de Estágio”



Hora de falar das “coisas do céu”

O Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Médio (Física), conhecido como Estágio IV, foi desenvolvido na Escola Estadual Walfredo Gurgel, em Candelária, na capital do Rio Grande do Norte, Natal. A motivação que nos fez escolher a referida instituição, para estagiar, foi devido à ótima experiência que obtivemos na regência anterior, no Ensino Fundamental, com as turmas do 8º e do 9º anos. Instigados pela expectativa de vivenciar novas experiências, agora no Ensino Médio, fomos à escola falar com a coordenação, a direção e a professora de Física. Assim como anteriormente, o acolhimento estampado no olhar desses funcionários ficou evidente que eramos bem-vindos. Na primeira reunião com a professora Gilda, discutimos o que seria desenvolvido durante o período de estágio. Uma das primeiras decisões tomadas foi a de que iríamos realizar as nossas atividades em conjunto, ou seja, por meio da docência compartilhada. Em meio à conversa, falamos de nosso apreço por Astronomia, e, no mesmo instante, observamos uma reação de empolgação por parte da supervisora. Prontamente ela sugeriu um projeto que contemplasse uma sequência didática sobre Astronomia Básica para todas as oito turmas do Ensino Médio da escola.

O tempo que tínhamos disponível era relativamente limitado, quatro aulas de cinquenta minutos, sendo duas ministradas por semana. Dadas essas condições, nos indagamos: como iríamos discutir o essencial de astronomia em duas aulas? Era, certamente um tremendo desafio. Naquele momento nos organizamos da seguinte maneira: Na primeira semana (as duas primeiras aulas), discutiríamos sobre a visão topocêntrica, constelações e como diferentes culturas às enxergavam, pontos cardeais, visualização do céu diurno e noturno pelo programa Stellarium e estações do ano; na semana seguinte (as outras duas aulas), trataríamos sobre os planetas, sistema solar, escala do Universo visível, o Sol, a Lua, órbitas planetárias e gravidade. Nas duas primeiras aulas, propomos uma atividade de “sondagem”, encontrada na literatura, solicitando para que os alunos fizessem um desenho do planeta Terra na forma que eles imaginassem que fosse, em seguida, que neste planeta, desenhassem três pessoas, uma no Polo Norte, outra no Polo Sul e a última sobre a linha do Equador terrestre, cada uma das pessoas segurando um copo cheio de água.



Paulo Renato de Azevedo

Licenciando em Física pela UFRN.
Interesses: Ciências, Física, Astronomia, Arte, Religião, Música, Natureza, Meditação, Animais, Carros, Ciclismo.

Wellington Alysso de Araújo

Licenciando em Física pela UFRN.
Faço parte do Planetário Móvel da UFRN – Barca dos Céus.
Interesses: Ciências, divulgação científica, Física, Astronomia, esporte, musculação, meditação, arte, música, natureza

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Wilson Elmer Nascimento (UFRN)

A partir dessa atividade foi possível identificar como eles imaginavam ser o formato da Terra, a localização dos polos e principalmente suas noções de gravidade. Como era de se esperar, alguns desenhos de terra plana surgiram; já outro desenhou a Terra e escreveu ao lado “As pessoas, não dá pra vê a olho nu”. Foi interessante ter acesso a essas concepções espontâneas dos estudantes, invariavelmente apresentando muitos equívocos. Não estamos falando somente do formato da Terra, mas também do fato que muitos deles não sabiam onde estavam o Polo Norte e/ou o Polo Sul. Inclusive, um deles desenhou o Polo Norte na mesma linha do Equador. Isto requer atenção e merece ser investigado. Comumente, nas escolas de nível básico, são poucas as aulas destinadas ao ensino de conceitos de Astronomia e isso, a nosso ver, é muito preocupante. O que temos notado, infelizmente, é uma preocupação exacerbada em preparar os alunos para exames como o Enem, normalmente focalizando apenas na resolução mecânica de problemas e interpretação de textos. Consideramos estes aspectos importantes, mas, noções, pelos menos básicas de Astronomia, deveriam ser tão importantes quanto.

Outra vez, os alunos foram questionados do porquê no verão ser mais quente e no inverno ser mais frio, e a maioria acreditava que no verão a Terra estava mais próxima do Sol e, no inverno, mais afastada; outros não sabiam que a Lua era um satélite natural; outros não sabiam a diferença entre planeta e estrela. Infelizmente, isso nos revela parte das deficiências do ensino de Astronomia.

Caro leitor, não faz ideia de quantas vezes eles ficaram surpresos e empolgados com o que estávamos desenvolvendo nas aulas, com as novas informações que estávamos discutindo. Sinceramente, nunca havíamos visto tantos alunos se envolverem daquela forma num assunto quanto naquelas aulas sobre Astronomia. Praticamente todas as turmas ficavam curiosas e tinham perguntas a fazer. Foi possível perceber que todas as perguntas eram sinceras, eles realmente queriam saber daquilo. Sentíamos o interesse em cada questionamento. Muitos deles até pediam para continuarmos o resto das aulas mesmo depois do sinal tocar. A conclusão que tiramos é que astronomia deveria ser mais explorada na educação básica, pois pouquíssimo se vê, e quando, são cálculos e mais cálculos. Eles querem imaginar e vivenciar a Astronomia, não a ver expressa somente em números.

O relato de um estagiário: Paulo Renato

A meu ver, este estágio foi bastante revelador e profundo. Nunca imaginávamos que os alunos gostariam tanto assim. E olha que foram apenas quatro aulas. A experiência de lecionar em dupla foi muito legal, pois, no meio das aulas brincávamos e descontraíamos a turma, isso deixava o clima da aula menos tensa e mais agradável.

“uma preocupação exacerbada em preparar os alunos para exames como o Enem, normalmente focalizando apenas na resolução mecânica de problemas e interpretação de textos”

Como a regência era compartilhada com o Wellington, dividimos os temas e cada um assumiu a condução da aula em semanas diferentes.



Particularmente me senti mais confortável estando na sala com outro colega, digo, fiquei menos nervoso, pois, no andamento das aulas, quando um esquecia-se de falar algo, o outro comentava ou complementava. Houve uma vez que a turma estava muito calada e ninguém fazia perguntas, daí, para descontraí-los, eu levantava as mãos, e com tom de brincadeira mesmo, fazia as perguntas dessa forma:

Oh, não! Mas por que o céu é azul? É por que de manhã ele reflete as águas e de noite reflete as estradas?

Assim, os alunos riam e se descontraíam, aquela energia de tédio sumia e percebíamos que aos poucos eles iam se soltando mais e fazendo perguntas, como:

Por que a água não cai da terra? Por que o céu fica vermelho no pôr do sol? Os nomes das constelações são iguais as dos Cavaleiros do Zodíaco?

As turmas, em geral, foram muito participativas. Elas se empolgavam bastante quando respondíamos as suas curiosidades e inquietudes, afinal, Astronomia é uma área muito interessante, diretamente ligada ao nosso cotidiano, mas pouco vista na educação básica. Foi uma experiência edificante para todos nós, alunos e futuros professores.

“Chega a ser emocionante estar explicando aos alunos de diferentes contextos algo que os deixam ora surpresos, ora inquietos. É nesse momento que a semente da ciência é plantada”

Ao final do estágio, avalio que o projeto voltado para ministrar aulas de noções gerais de Astronomia atingiu satisfatoriamente as expectativas estabelecidas, pois, como por exemplo, os alunos puderam relacionar grande parte dos assuntos abordados com o cotidiano deles, que vai até a observação do lugar onde o Sol nasce até os planetas visíveis a olho nu.

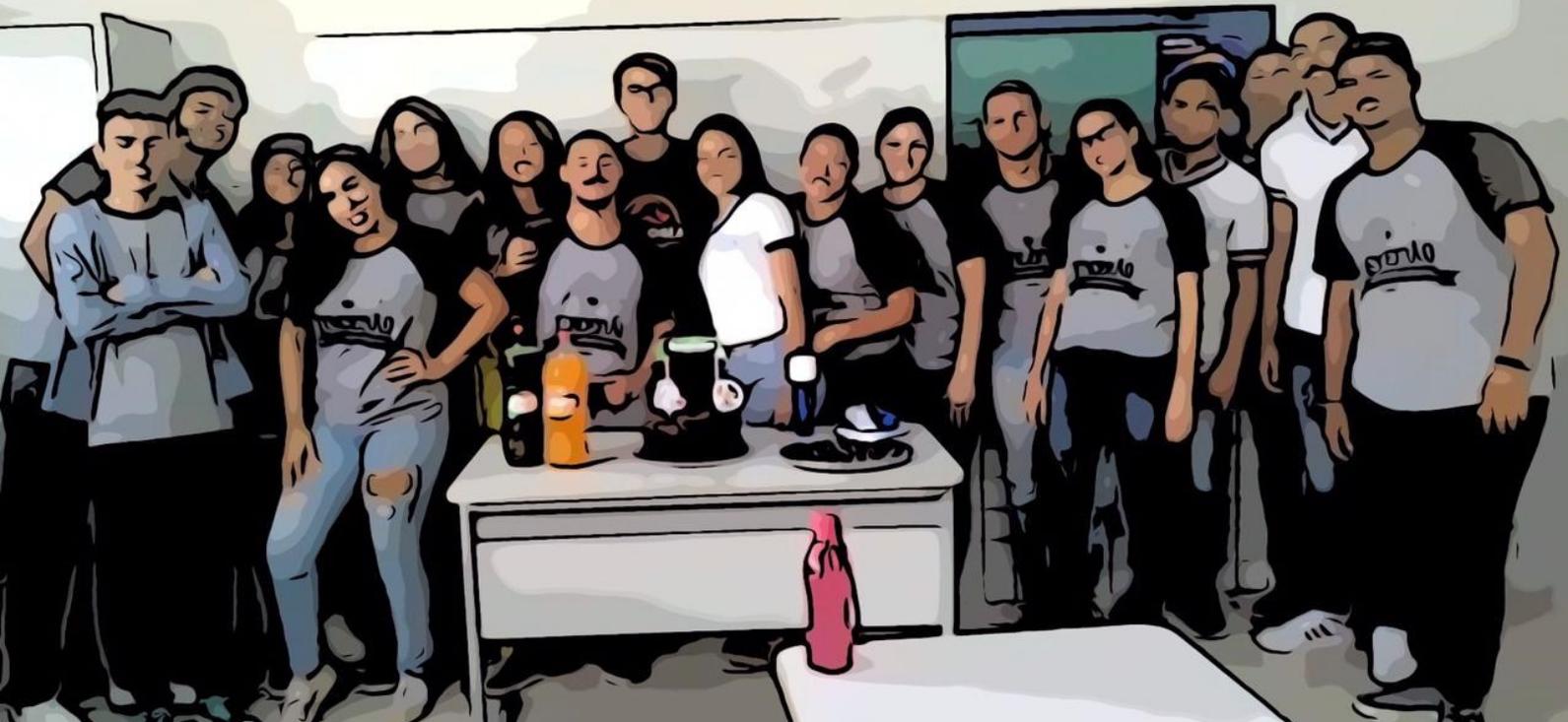
Por fim, avalio que teria sido ainda mais proveitoso, se nós, os estagiários, tivéssemos planejado a inserção de mais atividades e dinâmicas, com o objetivo de problematizar as situações trabalhadas; essa observação fica registrada para futuras oportunidades. Vale destacar, que a forma como construímos a nossa sequência didática, foi baseada nos trabalhos desenvolvidos no Planetário Móvel da UFRN - Barca dos Céus, projeto este que participo como bolsista e que meu colega de estágio participou no passado. Deixo o meu agradecimento a toda a equipe do “Barca dos céus”, pois, ao longo de quase quatro anos participando como monitor, tive a chance de construir uma excelente formação acerca da Astronomia.

O relato de um estagiário: Wellington Alysso

Não seria possível reunir palavras para descrever o quanto foi rica a experiência que tive no estágio. Foi nesse momento do curso de Licenciatura em Física que reafirmei tudo o que eu havia pensando antes: “é isso que quero para a minha vida, estar em uma sala de aula construindo o conhecimento junto com os alunos”.

Logo no primeiro dia de regência ocorreu algo que me deixou ainda mais satisfeito com aquilo que eu estava fazendo. Após a aula, havia um pequeno grupo de alunos conversando no corredor da escola, no momento em que fui passando, um deles comentou: “fulano, você perdeu a aula do professor, foi muito boa”. Naquela situação senti a empolgação no olhar de quem participou das minhas intervenções. Em outro momento, logo após a minha explicação sobre estrelas, constelações, dentre outros, enquanto eu apagava o quadro e os alunos estavam saindo da sala, um deles foi até a mim e apertou a minha mão, me parabenizando pela aula e que as explicações fizeram ele se motivar ainda mais a buscar aquele tipo de conhecimento. Também, em uma das aulas, ouvi um aluno relatar para a colega: “eu quero ser astrônomo”; isso, instantaneamente, fez arrancar um sorriso largo no meu rosto. Chega a ser emocionante estar explicando aos alunos de diferentes contextos algo que os deixam ora surpresos, ora inquietos. É nesse momento que a semente da ciência é plantada, para que no futuro comece a germinar e dar frutos.





O destino de adversidades

A minha vivência em estágio não foi fácil, mas ninguém disse que seria não é mesmo? Para início de conversa, gostaria de falar um pouco sobre o local que eu escolhi, a Escola Estadual Felizardo Moura, localizada no bairro das Quintas na zona oeste de Natal. O motivo da minha escolha deu-se pela facilidade na locomoção, pois ela se localiza no bairro onde moro. Além disso, desde a minha escolha até a finalização do estágio, tive sempre em mente um objetivo, ajudar os alunos de forma que eles consigam usufruir e aproveitar ao máximo do pouco que eu pude trazer nesse curto intervalo de tempo. Como um dia fui estudante, sei exatamente a importância que um bom professor tem na vida de um aluno.

Vale salientar que estou seguindo o rumo da docência por me inspirar muito em um professor que tive. Agora, como docente em formação, não seria diferente, o que eu buscava naquele ambiente era não ser mais o mesmo. Apesar de ter esses objetivos, que podem ser até ousados para alguns, havia também um certo medo, pois não sabia como seria essa vivência, além de que seriam jovens com uma idade bem mais próxima a minha. De certa forma, para mim seria complicado de lidar por ser uma idade de transição jovem-adulto.

Continuei a seguir minha jornada e dei início às observações nas aulas do professor de biologia na turma 2º ano do ensino médio e, a partir disso, começava as adversidades. O professor estava doente e não poderia ministrar suas aulas e por isso não haveria observação. Até então tudo bem; afinal, todos nós enfrentamos algum imprevistos em determinado momento da vida e um deles pode ser o fato de que ficamos doentes. Porém, os problemas continuaram. Na semana seguinte, haveria os jogos internos da escola, portanto o horário seria reduzido só conseguindo observar por um curto período de tempo. Sendo assim, tive esse primeiro contato rápido com a turma que se indagava com qual era o motivo da minha presença naquele local. Eu era um estranho naquele meio, uma pessoa que não costumava estar naquele lugar. O professor percebeu a inquietação da turma e logo disse que eu era o estagiário dele e iria assumir a turma por um período em breve. Pude observar que a maioria ficou feliz com aquela notícia e eu ainda não tinha ideia do motivo.



Emerson Tinoco

23 anos, viajante nesse mundo de descobertas, amante de Pokémon, jogador de futebol nas horas vagas e que adora investigações criminais ligadas à área forense.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Com o passar do tempo, ao observar a dinâmica das aulas, percebi que o professor gostava de utilizar muito o quadro. Informações sobre o assunto eram escritas no quadro e as atividades do livro didático eram requeridas pelo mesmo assunto dado. As ideias começaram a fluir. Os dias foram passando e, novamente, nas aulas da sexta feira sempre apareciam adversidades. Geralmente acontecia paralisação, pessoas doentes ou algo que contribuísse com a não realização das aulas naquele dia.

Devido a recorrência dessas adversidades, para a finalização do estágio no tempo previsto, foi necessário eu ficar com outra turma. Acabei escolhendo o 3º ano. Fiquei um pouco receoso de como lidar com essa nova turma. Pois bem, quando eu iria iniciar a regência recebo a informação de que o professor de biologia seria afastado por motivos médicos. Foi um “aperreio danado” na minha vida, pois eu não sabia como lidar com essa situação. Faltava pouco para a finalização do período do estágio e seria muito difícil conseguir outro professor para substituir, já que as minhas aulas só podiam funcionar se fossem observadas, pois eu não poderia ministrá-las sozinho.

Os dias foram passando e nenhuma novidade foi surgindo. Achei que minha história iria acabar ali, quando de repente surge a notícia de que uma professora de biologia foi chamada para substituir o professor atual. Essa notícia foi recebida com muito carinho, não só por mim, mas também pela coordenação e direção da escola. Assim pude respirar um pouco mais ao saber que minha vivência iria continuar acontecendo ali. Nas primeiras aulas da regência trouxe dinâmicas para ambas turmas, pois queria que os alunos fossem me conhecendo um pouco mais e que essa relação professor-aluno fosse sendo construída. Nessa dinâmica, mostrei a importância de todos ali presentes e que a colaboração dos mesmos seria essencial para uma aula proveitosa.

Os momentos de nervosismo logo foram embora e o medo também já havia partido. Minhas aulas estavam fluindo em cada turma, com sua individualidade e seu jeito. A famosa classe do terceiro ano foi uma grata surpresa para mim. Me apeguei rapidamente, pois os alunos colaboraram comigo e eu trouxe aulas diferentes do cotidiano deles. Um exemplo disso, foi uma que levei uma peça sintética do corpo humano para ajudar na construção do conhecimento sobre o sistema respiratório e cardiovascular. Em cada aula, algo novo era apresentado. Se não os conhecimentos ministrados, as peças ou práticas que levassem aquilo que era visto para mais próximo deles, mostrando que esses conteúdos estão presentes nas nossas vidas.



“Os momentos de nervosismo logo foram embora e o medo também já havia partido”

Minha ligação com a turma do terceiro ano foi tão intensa que no final da regência eles fizeram uma inesperada surpresa para mim. Trouxeram doces e até mesmo um bolo para se despedir, no qual eu fiquei devidamente emocionado e feliz pelo reconhecimento e afeto dos alunos comigo. Apesar do pequeno tempo que fiquei com eles, foi inesquecível para mim, além de extremamente importante para meu estágio e processo de aprendizagem. O segundo ano, foi a turma que mais tive a oportunidade de trazer material didático, pois trabalhei o reino animal e seus filios. Nesse sentido, em cada aula ministrada levava um exemplar real do animal trabalhado. Em algumas, os alunos tinham a oportunidade de segurar e sentir esses animais, como nas aulas de poríferos e cnidários. Ao final de tudo, muitos agradeceram, outros pediam pela minha permanência e eu, no meio disso tudo, me sentia lisonjeado pelos elogios e carinho dos alunos, nos quais eu sempre irei lembrar. Afinal foram minhas primeiras turmas do ensino médio, logo, foram experiências únicas e memoráveis.

Tudo isso ocorreu de forma inusitada, porém do jeito que tinha que acontecer. Todo esse “destino de adversidades” só foi alcançado pela colaboração frequente da coordenação e direção, da ajuda dos professores da escola e também da excelente orientação do responsável pela disciplina de estágio. Sinto que hoje posso ser um professor que poderá ministrar boas aulas pois, percebi que tenho uma responsabilidade com meus alunos, dessa forma posso fazer o meu melhor e acho, só acho, que será o suficiente para ter uma boa aula, pois empenho em ser cada vez melhor, não faltará.

*“Percebi que tenho uma
responsabilidade com meus alunos...”*





Vivências que amadurecem a prática docente

Relato aqui algumas vivências, bem como experiências, que tive no meu primeiro estágio curricular obrigatório, na verdade, tentarei... afinal, momentos como os que vivi são difíceis de descrever, pois significou muito para a minha formação, contribuindo inclusive para a minha formação pessoal. Antes de qualquer coisa gostaria de relatar algumas experiências minhas como servidor público no município de Natal/RN. Como servidor, sou agente de saúde e como, além disso, sou licenciando em Ciências Biológicas pela UFRN, desempenho a belíssima e importante função de Educador em Saúde. Através da educação em saúde busco promover autonomia das pessoas no que tange a promoção a saúde através do exercício da prevenção de agravos que afetam a atenção primária em saúde. Nesse contexto, atuo diretamente em vários âmbitos como feiras-livres, Unidades Básicas de Saúde, Empresas, Comércio, até mesmo nas Instituições de ensino da rede municipal, estadual e privada. Esta prática me proporcionou o primeiro contato com meu futuro e, ao mesmo tempo presente, âmbito de atuação – as escolas. Esse processo tem contribuído na minha descoberta como professor, mostrando o quão mágico e importante é esse papel, o quanto é gratificante ver que de alguma forma você contribuiu para a formação de alguém.

Infelizmente, como educador em saúde, nunca pude ter um público fixo por um semestre, por exemplo, sempre foi rotativo, pois preciso atuar em várias instituições, uma vez que a promoção a saúde deve ser para todos. De certo modo, essa rotatividade tem sido importante, no que diz respeito a me proporcionar o conhecimento das diferentes realidades que permeiam as redes de ensino, mesmo que seja brevemente.

Enfim chegou o tão esperado Estágio I, onde fui orientado pela Professora Mayara Larrys a frequentar uma escola da rede básica para fins observacionais de determinadas questões. Confesso que isso me frustrou, pois pensava que já poderia atuar ativamente na escola, mas nesse primeiro estágio fui instigado a observar para realizar uma pesquisa etnográfica. O que eu achava que não me deixava muito satisfeito – observação, por desejar atuar – me mostrou o quão importante é essa etapa. Aprendi na prática que o primeiro passo como professor é conhecer o local onde atuo, conhecer verdadeiramente o bairro, onde a minha escola de atuação está inserida, bem como quem são meus educandos. Isso certamente foi a chave para tudo. Com este olhar pude identificar vários fatores que rodeiam e constituem a escola.

Para a realização do meu estágio, escolhi a Escola Municipal Iapissara Aguiar de Souza, situada no bairro Potengi, na zona norte da



Arthur Cicero Morais Peixoto

23 anos, atualmente estou no 7º período de Ciências Biológicas – Licenciatura, na UFRN. Faço parte do Laboratório de Anatomia Comparativa dos Vertebrados – Departamento de Morfologia – e do Laboratório de Glicoconjugados Bioativos II – Departamento de Bioquímica, ambos atuando em projetos de extensão voltados para o ensino.

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Mayara Larrys

cidade de Natal/RN. Confesso que a escolha dessa escola, além de ser por causa de ser mais próxima da minha residência e da necessidade de conciliar estágio e trabalho, foi também porque eu já conhecia a equipe gestora da instituição devido a ações de educação em saúde que já havia desenvolvido anteriormente no espaço. Este fato proporcionou maior abertura da escola para comigo, uma vez que já havia laços entre nós, mas isso não significa que eu já a conhecia integralmente.

Meu primeiro dia de estágio chegou e eu estava ansioso para me inserir no ambiente escolar. Ao chegar, fui muito bem recebido e inserido pela equipe da escola – já me sentia professor e parte daquele lugar. Os alunos mostravam-se atenciosos, receptivos e, o melhor, com um olhar de interesse em saber o que estaria por vir. Isto se deve porque geralmente a escola costuma receber estagiários que desenvolvem atividades com os estudantes e os estudantes, por sua vez, adoram e participam. Nesse clima, logo vieram perguntar-me o que iria ser feito, me apresentei e falei qual seria meu intuito na escola.

Dia após dia eu me sentia mais parte da escola, me sentia professor e contribuinte naquele lugar. Pude conhecer os professores, fui privilegiado por poder conhecer os professores de ciências do turno matutino e vespertino. Na ocasião me receberam muito bem e mostraram-se abertos para me receber e atender em qualquer necessidade. Os dias foram passando e fui observando as problemáticas

presentes na escola, identifiquei várias, dentre elas posso destacar a presença da ansiedade e, como consequência, casos de estudantes com depressão; inclusão de alunos com necessidades especial e apoio para eles; sexualidade... Mas o que me saltou aos olhos foi a falta de uso do laboratório de ciências para aulas experimentais, vale ressaltar que as questões citadas anteriormente já estão sendo trabalhadas por outros estagiários da educação, bem como da área da saúde.

A partir dessa observação comecei minha pesquisa em torno dessa necessidade, da relevância do uso do laboratório de ciências no ensino. Dessa forma, pude conhecer mais sobre essa questão na escola. Durante esses meses que estive lá, pude presenciar uma aula de ciências no laboratório, notei o quanto os alunos acham interessante e ficam curiosos para participar de aulas como estas embora seja feito minimamente, seja por falta de material, despreparo docente, ou qualquer outra razão. O Estágio I é obrigatório, mas confesso que se não fosse, defenderia a importância de passar por ele. Com ele pude aprender a observar, ser criterioso, ouvir, entender, analisar as circunstâncias, entender a realidade e o mais importante: compreender como funciona a dinâmica escolar. Hoje vejo o quanto cresci, mesmo em pouco tempo de estágio com essa prática, tinha dias que eu estava cansado, seja por questões do meu trabalho ou por outras demandas da universidade, mas por ver a relevância de estar naquele ambiente, me superava e ia



“Dia após dia eu me sentia mais parte da escola, me sentia professor”

até lá tentar oferecer minha contribuição. Estou chegando ao fim do meu relato e preciso frisar também que, como em tudo que passamos, houve também momentos de dificuldades. Cito, por exemplo, em um dia onde pude assistir a aula em sala e observei o quanto o professor pedia atenção e para ser ouvido. Infelizmente, pude presenciar momentos difíceis como estes na vida do professor, mas me questiono o que deu errado para isso acontecer? O que poderia ser feito para cenas como estas não se repetirem? Seria fazer aula mais interativas e dinâmicas? Enfim, isso fica martelando em minha cabeça, são coisas que ainda preciso amadurecer e decifrar ao longo da longa e gostosa caminhada docente. Para finalizar, deixo aqui meus agradecimentos frente a possibilidade de vivenciar momentos tão belos e fundamentais como estes que tentei relatar um pouco, o quanto contribuíram para a minha formação. A palavra certa é gratidão! A ansiedade agora passa a me consumir para começar o Estágio II e intervir, mais ativamente, nessa escola o que propus na pesquisa que desenvolvi.

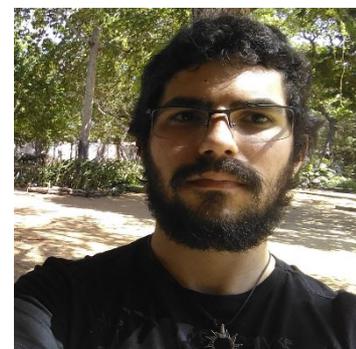


Não quero ser assim, não posso ser. Não irei ser assim!

Iniciei o Estágio I. Já havia me apresentado ao professor e aos alunos anteriormente, mas sem um olhar mais dedicado. Desta vez, cada espaço estava sob o olhar crítico de um futuro professor e profissional atuante. Como ainda não sabia o direcionamento dos pensamentos ou sobre o que me seria desafiado a pensar no espaço da disciplina resolvi voltar minha atenção para estrutura escolar. Percebi que havia acessibilidade para pessoas com deficiência desde o piso tátil até as rampas para cadeirantes. Vi também que toda a área interna era bem cuidada. A única sala visitada naquele dia foi a biblioteca que não parecia ser usada a algum tempo devido o cheiro característico. Claro que podia estar enganado era apenas o primeiro dia. Nesta oportunidade conversamos com a professora de religião que estava em planejamento e nos levou para um *tour*. Ela nos mostrou salas não utilizadas (informática e laboratório), o que já me deixou com a pulga atrás da orelha, fiquei me questionando o motivo. No fim ela nos apresentou o professor de ciências e nos deixou. Minha impressão era que existiam muitas possibilidades de intervenção no local, mas ainda era cedo para tirar qualquer conclusão.

Terminei o dia ansioso pela próxima visita, com sede de descobrir por qual razão salas que considero ferramentas importantes estavam fechadas. Hávamos sido desafiados na disciplina de Estágio I a escolher uma problemática e desenvolver uma investigação. No retorno ao campo de estágio procurava selecionar a melhor problemática dentre tantas da realidade vivida. Já havia percebido um ou outro, mas que não me havia prendido a atenção.

Desta vez era diferente. Ainda estava curioso sobre o laboratório e lembrei-me que o professor nos informou, em visita anterior, que durante o intervalo poderia nos mostrar caso a gente quisesse. Não deu outra! O som de uma música anunciava o horário do intervalo, eu não mencionei anteriormente, mas cada período de aula é anunciado através de músicas, populares. Esperamos o professor descansar um pouco e faltando, mais ou menos, dez minutos para o final do intervalo, o chamamos e pedimos que nos mostrasse o espaço. Finalmente ia ver o que de fato acontecia para que aquele espaço de aprendizado não fosse usado. Imaginei "N" coisas como, por exemplo, teias e



Joab Wésley
Braga Costa

Aluno do 7º período do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Mayara Larrys

mais teias de aranhas, lixo espalhado, teto desabando, enfim, imaginei o pior, mas para minha surpresa, o laboratório estava impecável. No meu olhar, o que faltava de material poderia ser compensado com produtos de fácil acesso. Após o professor nos sinalizar que deveria voltar para a sala, decidi a partir daquele momento que aquele seria o foco da investigação proposta pela disciplina.

Nas visitas seguintes decidi acompanhar as aulas do professor em diferentes momentos, antes e pós recreio.

Sabe aquela vontade de agir, de fazer algo? Pensei em várias estratégias que poderiam ser desenvolvidas para implicar os alunos, chamar sua atenção, mas não podia fazer nada ainda, não em termos de regência.

Essa insatisfação me levou a começar a pesquisar possibilidades de uso do laboratório. Aproveitei as visitas para ouvir alguns alunos informalmente, geralmente quando se aproximavam curiosos pela minha presença. Notei que existe uma percepção ruim deles para com a ciência, principalmente por eles correlacionarem com suas aulas. Eu pensava: *Não quero ser assim... Não posso ser assim... Não irei ser assim.*

Às vésperas do dia do professor, me organizei uma vez mais para uma nova visita a escola.

Será que aconteceria algum evento e ou alguma menção a este dia? Até mesmo algo elaborado pelas turmas aos professores, organizado pela coordenação. Cheguei na escola e, de fato, havia sido preparada um grande surpresa e para mim! Balões? Cartazes? Abraços? Não! A escola estava fechada.

Anteciparam o feriado e somente algumas pessoas da parte administrativa estavam por lá. Perdi a viagem? Claro que não! Resolvi conhecer os arredores da escola. Ela possui uma praça que praticamente esconde sua fachada. A praça tem um pequeno cercado que delimita a passagem para seu interior, possui árvores que protegem os transeuntes dos raios de sol, bem como todo e qualquer aluno que esteja brincando no parquinho.

Em meio a isso o corre-corre de pessoas que ali passam, e algumas que observam com desdém e desconfiança a todos e, principalmente, estranhos. A escola ocupa todo o quarteirão e seus fundos levam a uma garagem por onde geralmente deixo *Millenium Falcon*, minha moto. Esta garagem está voltada para uma rua muito movimentada, onde já vi alunos atravessando após a aula. Me dei conta que não há faixa de pedestres e do risco que estes alunos correm. Retornei para escola, muito vazia, sem propósito e sem som. Hora de ir.

Já não via a hora de voltar e acredito que nem dormi muito bem pensando nisso. É engraçado esta sensação de pertencimento em tão pouco tempo de convívio. Acho que a

*“É engraçado esta
sensação de
pertencimento em
tão pouco tempo
de convívio”*

vontade de fazer algo é tão grande, que mesmo entendendo que não posso fazê-lo ainda, o simples fato de estar lá e analisar já me sacia.

Questionários e entrevistas impressos, chegou o dia de produzir os dados da investigação. A observação nos levou a proposição de um questionário para entender a importância de aulas práticas. Abordamos os alunos do 9º ano do turno matutino e uma outra colega abordou o turno vespertino.

Foi engraçado ver as mudanças de expressão deles enquanto explicávamos sobre o motivo do questionário. Eu imagino que quando viram aqueles papéis pensaram ser uma prova enorme (primeira expressão), mas quando se apropriaram dos questionários era ouvido em uníssono um - *ah!* (aliviados). Tomamos o resto do dia para decidir como avaliar dos dados e que ferramentas iríamos usar. Na última visita decidi acompanhar a aula do colega de Estágio III. Era uma aula sobre o ar e suas propriedades. O professor dividiu a turma,



.....

entre os que estavam em recuperação e os que estavam com notas boas. Após a segregação, o professor levou os alunos que estavam em recuperação para a biblioteca para uma prova e deixou os demais aos cuidados do estagiário. O estagiário olhou para mim e me pediu ajuda. Vocês já devem imaginar que eu não neguei, não é?

Para construir sua explicação sobre as diferentes moléculas, em uma parte da aula foram usadas sementes (amendoim, feijão e milho). Já imaginei o que ia acontecer. Me senti em uma trincheira. Logo as sementes tornaram-se projéteis que tinham como alvo qualquer um. Em meio a isso tudo o colega tentou prosseguir com a aula, em vão.

Resolvi sair da passividade. Pedi um pouco de atenção, com êxito - Minha barba? Minha cara carrancuda? Não sei.

Continuei usando como exemplo o fato de alguns estarem degustando o exemplo da aula (amendoim), que já tinha sido chutado, passado por várias mãos e relacionei com aulas que tiveram anteriormente, sobre a falta de higiene e sobre as formas de contaminação por parasitas presentes no solo.

Tive algum momento de atenção, mas o sinal do recreio anunciava o fim de qualquer "parola" entre os alunos e eu.

No final da aula conversei com o colega sobre o corrido e discutimos sobre possíveis estratégias de ensino com aquela turma. Só quando estava a caminho do trabalho que me dei conta que aquele era meu último dia na escola. Não me despedi de ninguém. Sorri. Eu já me sentia tão parte dali que não me toquei que haveria um final. Sorri novamente, pois voltarei em breve.

“Eu já me sentia tão parte dali que não me toquei que haveria um final”



.....



Os sentimentos também importam!

Este é um breve relato acerca das experiências vividas durante a disciplina de Estágio Supervisionado de Formação de Professores I. Para desempenhar as atividades propostas, formamos um grupo e escolhemos uma escola para ser nosso campo de atuação com o intuito de aprender mais sobre a dinâmica escolar imergimos nesse espaço, no papel de observadores ativos.

O espaço selecionado foi a Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti – FLOCA, situada no bairro de Capim Macio na cidade de Natal, Rio Grande do Norte. O FLOCA é uma grande escola que atende as demandas educacionais de outros bairros da cidade, até mesmo dos mais distantes, sendo bom pelo lado de que há uma procura da população pela escola. Um aspecto negativo é que isso dificulta a presença dos pais nas reuniões de pais e mestres por questões de mobilidade, o que pode desestabilizar um dos eixos do tripé necessário para a educação: alunos, família e escola.

Com base em conversas com alunos e em nossas observações acreditamos que essa grande procura pela escola deve-se à sua estrutura física, sendo dotada de uma biblioteca e cerca de 25 salas subdivididas em salas de aulas convencionais e salas temáticas, que são separadas por campo

disciplinar ou com a realização de atividades, tais como a sala de Recursos Multifuncionais (SRM), auxiliando os alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) nas atividades acadêmicas, salas de judô, dança e laboratórios de química, biologia e matemática, porém estes estão momentaneamente inutilizados devido à realização de uma reforma, esse mesmo empecilho recai sobre a quadra da escola, que deixou de ser o local principal para a prática esportiva.

Numa tentativa de amenizar esse déficit na prática de esportes, a escola incentivou os estudantes a praticar as atividades que não necessitam da quadra para serem desempenhadas, tais como dança, judô e karatê. Este último, oferecido para alunos e para o público externo é promovido por um ex-aluno que encontrou no esporte respostas para suas questões profissionais, encarando-o como um meio transformador de realidades. Além disso, a escola conta com uma boa equipe pedagógica que atende às necessidades dos alunos.

Com base no observado em nossas frequentes visitas na escola, fomos estimulados a desenvolver uma investigação sobre um assunto que consideramos pertinente.



Frederico Wolfgang Gonzalez Canejo

Graduando de ciências biológicas, licenciatura. Um pouco atrasado no curso, mas no tempo certo. Aprendendo com as experiências da licenciatura e gostando cada vez mais do ensino.

Marcella Marinho Vilela

Uma amante da natureza, sempre em busca de novas experiências, pois acredito que a soma delas é o que constitui o nosso ser. Estudante de Ciências Biológicas.

Orientadora de Estágio: Prof^a. Dr^a. Mayara Larrys

Nas primeiras conversas com alunos e funcionários fomos informados sobre tristes ocorridos na escola tentativas de suicídio e automutilação. Frente à essa problemática, não tivemos dúvida sobre o tema a ser investigado: *ansiedade e depressão em ambiente escolar*.

Em nossas visitas percebemos a desmotivação dos alunos, que parecia estar relacionada tanto à fatores externos (pessoais e sociais) quanto internos (escolares). Levando em consideração os relatos de alunos e que a depressão é um distúrbio psíquico que transpassa todos os níveis e ambientes sociais, resolvemos abordar esse tema.

Nosso período de observação na escola coincidiu com o *“Setembro Amarelo - mês da prevenção ao suicídio”*, época em que os escolares confeccionaram cartazes contendo mensagens motivacionais que foram expostos nas paredes da escola com o finalidade de demonstrar apoio emocional aos leitores. Verificamos a presença de um plantão psicológico que atende os alunos no turno matutino das quintas-feiras (10:30 à 12h) e sextas-feiras (7h às 12h). Outra ação de enfrentamento frente a esses distúrbios, foi a promoção de uma palestra ministrada por duas psicólogas que abordaram o tema da ansiedade, abrindo espaço para dúvidas e esclarecimentos sobre o tema.

Imersos nesse contexto, construímos nossa investigação baseada em um questionário de avaliação de sintomas depressivos em crianças com o objetivo de identificar indícios

de ansiedade e depressão entre os escolares.

Os questionários foram propostos para alunos e professores que se voluntariaram a respondê-los. Para os alunos foram apresentadas 25 questões (20 do Inventário de Depressão Infantil-CDI e 5 questões relacionadas a sintomas de ansiedade) relacionadas aos sentimentos que eles vinham sentindo nas duas últimas semanas, sentimentos esses relacionados a tristeza, medo, vontade de chorar, preocupação, culpa, isolamento, dificuldades para dormir e pensamentos suicidas), cada questão possuía três alternativas com diferentes intensidades, exemplo: a) Eu não costumo me sentir triste; b) Eu me sinto triste às vezes; c) Eu me sinto triste o tempo todo). Para os professores, tinham questões subjetivas e objetivas, visando entender se eles percebem a mudança de comportamento nos alunos, se eles possuem conhecimento sobre o tema e se eles conhecem formas de trabalhar com alunos com esses problemas de saúde mental. Em nossa investigação constatamos que, em geral, as meninas obtiveram maiores médias quando relacionadas às dos meninos, a maior parte dessas meninas são do 1º ano do ensino médio, cuja turma também apresentou maiores médias em relação ao 3º ano, o que contrariou nossas expectativas, pois esperávamos que os alunos do 3º ano apresentassem médias maiores, por estarem na reta final dos estudos da educação básica, rumo a uma nova etapa da vida e pelas pressões que essa nova etapa apresentaria. Observamos que apesar da grande preocupação e vontade de ajudar por

***“Acreditando sempre!
É o primeiro passo
para conquistar”***

parte dos professores, ainda existem obstáculos a serem sanados para que essa ajuda seja mais efetiva. Fundamentados nos resultados construídos, pretendemos seguir nos próximos estágios abordando essa temática que é muito pertinente para a vida dos alunos e que influencia fortemente na sua vida escolar, pois conflitos emocionais desestruturam todas as esferas da vida do aluno, tendo como uma das possíveis consequências a dificuldade de aprendizagem. Essa nossa primeira experiência investigativa nos permitiu olhar para a escola sob uma nova perspectiva, ampliou nossa capacidade de sensibilização para nos atentar à possíveis problemas emocionais dos alunos e, com isso, poderemos ter mais aporte para enfrentar as adversidades existentes na escola, buscando saber como os alunos se sentem para que haja uma construção articulada e de forma conjunta de conhecimentos.

Para finalizar, gostaríamos de registrar que esse trabalho foi construídos a seis mãos, de forma que oferecemos como homenagem ao nosso querido amigo Douglas Lucas que, em vida, se descreveu assim: *“Um adorador de gatos que faz o possível para continuar sorrindo. Acreditando sempre! É o primeiro passo para conquistar”*.





O Professor que quero ser

Começo este relato com uma pergunta: *Qual professor você quer ser?* Essa pergunta perdurou em minha mente durante toda minha experiência como estagiário da turma do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Castro Alves, uma escola de ótima qualidade, pequena, mas acolhedora que me fez sentir em casa desde a primeira aula que ministrei com a turma. Este espaço foi muito importante no meu processo de querer ser professor e de perceber o quão estou revigorado e pronto para esse mundo de aventuras que tem muitas dificuldades, mas ao mesmo tempo muitas recompensas. Particularmente, prefiro focar nas recompensas que trouxeram uma mudança interna em mim de um “eu” desestimulado para um “eu” feliz e renovado, pois agora sei que estou fazendo o que amo.

O Estágio IV – último estágio obrigatório de regência – além de proporcionar mudanças em minha forma de pensar e na minha vida também trouxe muitas reflexões sobre o professor que quero ser, isso porque desde o início de minha experiência, com as observações e planejamentos, já estava convicto de que o professor que queria ser era aquele amigo dos alunos, que construiria

uma relação de respeito e confiança, focaria na formação de cidadãos críticos e reflexivos para agir em situações que requerem ética e respeito, mas no decorrer da minha experiência reparei algumas críticas em relação a esse professor que quero ser, fatos que abriram margem para reflexões. Já na prática, o conteúdo indicado para abordagem foi O reino animal. Logo de cara me deparei com um conflito até mesmo por parte da turma, pois planejei toda minha unidade baseada nos estudos dos animais com outros olhos, olhos que não procuravam focar em classificações técnicas ou nomes difíceis, tudo que sabemos que o estudo do reino animal pode trazer, mas sim em estudar cada grupo com um olhar de equidade, entendendo a importância dos grupos no ambiente, para a sociedade e com um olhar de conservação, não apenas por sua importância, mas sim por uma questão ética dos nossos atos ao meio ambiente, onde nos colocamos em pé de igualdade com todos os outros animais. Foi necessário pouco tempo para a turma entender o que eu queria ensinar em minhas aulas, ao mesmo tempo que também abordava as questões técnicas, as discussões e debates sobre esses



Hamilton Barroso Mourão Junior

23 anos, biólogo licenciado em formação, entusiasta da vida e apaixonado por conservação e educação ambiental a procura de um desenvolvimento de vida sustentável: saúde, corpo, mente.

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Mayara Larrys

animais e nossas ações perante a natureza iam surgindo aula por aula.

Tentei levar diferentes metodologias de aprendizado, o que me aproximou cada vez mais da turma e essa proximidade gerou críticas por parte de alguns, mais especificamente, sobre minha "moral" com a turma. Isso deu um clique em minha mente sobre o professor que eu estava sendo: Será que estava sendo correto? Será mesmo que o professor tem que ser autoritário e ter moral sobre a turma? Ficou meu questionamento, mas admito que o que eu ouvi me encucou, isso porque já me perguntava se os alunos estavam recebendo a mensagem e se eu estava negligenciando demais as questões técnicas que a biologia traz. Sempre questionava a mim e à minha supervisora se fui bem ou se deveria focar mais em outro aspecto.

Ao mesmo tempo que essas indagações foram surgindo em minha mente, as mesmas eram desconstruídas com os sinais de aprovação por parte da supervisora, dos colegas de estágio, professores e principalmente por um dos feedbacks mais importantes, meus alunos. Mas confesso que, ao mesmo tempo que ouvia elogios, minha mente ainda me atormentava, então decidi olhar para mim e para minhas ações um pouco com os olhares dos que estavam ao meu redor e posso dizer que isso respondeu minhas indagações. Na minha ótica, eu não estava sendo um professor errado ou muito menos sem moral, eu estava sendo o professor que eu quero ser e por isso dei meu melhor para ser, mas que não

existe um professor ideal, muito menos uma metodologia, apenas pessoas diferentes com ideias diferentes sobre o que é ser um professor e que se as pessoas derem o seu melhor para ser o professor que deseja, isso vai impactar a vida dos que estão ao seu redor e têm a sorte de ser ensinado por você e por mim.

Por fim, sinto vontade e obrigação de dizer que sou eternamente grato às minhas experiências de estágios no meu último semestre pelo curso, grato por ter plantado uma semente de professor em mim, eu que estava desestimulado, que estava finalizando um curso sem uma visão, hoje posso dizer que mais uma estrada se abriu para minha vida, pois eu falo com certeza que carrego essa profissão no peito por toda minha vida, pois assim como eu mudei e me renovei pela arte de educar espero poder mudar e renovar vidas e assim como citei em meu relato para o Estágio III, cito novamente: "*Nunca perca a fé na humanidade, pois ela é como um oceano. Só porque existem algumas gotas de água suja nele, não quer dizer que ele esteja sujo por completo*" (Mahatma Gandhi). Enfim, o professor que eu quero ser acredita nessa máxima de jamais perder a fé na humanidade, pois é através do ato de educar que as coisas irão mudar e é nisso que eu acredito! Fica minha eterna *Gratidão* nesse relato. Obrigado!



“Assim como eu mudei e me renovei pela arte de educar espero poder mudar e renovar vidas”



Monólito

De todas as incertezas que eu tive e tenho, a menos incerta foi a de que um dia me tornaria professora. E acredito que aqueles com quem convivi ao longo desse tempo tiveram a mesma percepção sobre isso.

Bem cedo, aos 12 anos, fui convidada por um professor a dar 'aulas' de ballet para as crianças de uma escola da zona rural em um município vizinho de onde morei. Aos 14, participei de uma banda filarmônica, onde acabei dando aulas de teoria musical para as novas crianças que chegavam ao projeto. Essas e outras pequenas experiências, de maneira direta ou indireta, me fizeram escolher a docência.

Percebi o quanto aprendi ao ajudar alguém a aprender e que as tantas histórias que ouvi, mesmo que ainda criança, me marcaram e me fizeram crescer como pessoa. Cada novo acontecimento, cada nova história, me aproximava um pouco mais da licenciatura.

A Biologia surgiu sem muitos porquês, talvez pelo fato de querer sempre respostas, ou pelo fato de prezar, na maior parte das vezes, pela racionalidade, achando que ciência e razão eram sinônimos e o que havia de certo no mundo.

Na verdade, só consegui mais perguntas e percebi que nada que faço é isento de irracionalidade e subjetividade, afinal, escolhi como profissão lidar com gente e, diante disso, como ser meramente racional? Talvez, pensando melhor hoje, a ciência veio a mim pela necessidade de encarar outras formas de ver o mundo e perceber como o mundo tem se encarado.

Os anos que passei cursando Biologia foram os anos em que a minha única certeza [a de que seria professora] tornou-se minha maior dúvida. Me sentia despreparada e descontraída. Muito do que via me encantava, mas não me completava e, ao ver muitos dos meus colegas e achar que eles estavam se encontrando no curso, me sentia cada vez mais aflita e insegura. Foram tantos os momentos achando que estava no curso errado, que fora 'tempo perdido', como se a cobrança de ter que decidir minha vida aos 15 anos estivesse voltando e que não daria tempo de optar por algum outro caminho, simplesmente pelo fato de que eu sequer me via seguindo outro caminho. Ansiava pelos estágios, porque as disciplinas da educação da grade curricular não me satisfaziam. Queria ver



**Clara Letícia
Canário de Brito**

21 anos, feminista, cursando licenciatura em Ciências Biológicas, amante da música e da leitura.

Orientadora de Estágio: Prof^ª. Dr^ª.
Aline de Moura Mattos

como me sairia, como as teorias que estudei e com as quais me identifiquei se faziam presentes na realidade dentro de sala de aula e se conseguiria lidar com isso, me trazendo o poder que sempre quis levar como futura professora: dar voz aos meus alunos. Sempre encarei a docência como algo leve, fácil. Tola, a docência nunca foi algo leve e o tão esperado "Estágio Supervisionado para Professores de Ensino Fundamental" me mostrou o quanto estive errada. Ao passo que o professor nos mostra leveza, domínio e segurança, percebi então o quão difícil é sê-lo.

Numa turma de sétimo ano, com 32 alunos, na Escola Municipal professor José do Patrocínio Pereira Pinto, Zona Norte de Natal/RN, tive então minha primeira experiência como professora dentro do meu curso. A escolha da escola não foi pensada com um propósito maior, já que não morava em Natal antes de entrar no curso e não conhecia as escolas da região.

Num primeiro momento, pensei em quais seriam os meus propósitos com aquela turma, eu queria ensiná-los, cativá-los, queria que gostassem das minhas aulas e compreendessem a importância da ciência, mas também que se entendessem como parte importante da escola e do mundo.

As sextas que se passaram ao longo dos meses me mostraram uma realidade que eu não estava acostumada e que muito me incomodava. Vi e ouvi o descaso com os alunos de perto, por parte das famílias, da escola, do sistema,

da sociedade. Percebi o quanto os alunos não tinham grandes expectativas sobre seus futuros e que eram raros os momentos que eram estimulados para que tivessem, eles pareciam presos a própria sombra.

Vi olhos que diziam: "*aos treze anos de idade eu sentia todo o peso do mundo em minhas costas*"². Eles enfrentavam realidades tão duras e ainda assim se mostravam com um potencial imenso para crescer. A partir de então decidi que tentaria estimulá-los a pensarem num futuro que lhes erguesse, muito além do que só a ciência que eu me comprometi a ministrar dentro de sala de aula.

Era uma turma barulhenta, muitos alunos só queriam uma oportunidade e já desandavam a falar. Ouvi logo nos primeiros dias pedidos dos meninos para que eu "maneirasse" nos assuntos, caso contrário, eles não iriam entender e isso me trouxe uma ambição de querer mostrá-los que eles eram sim capazes, por mais que acreditassem no contrário.

Gradativamente tentei introduzir em minhas aulas momentos mais dialogados, na tentativa de fazê-los falarem, aproveitando não só as vozes ensandecidas como também a pouca disponibilidade de recursos na escola. No início, foi perceptível o quanto se sentiam incomodados com tantas perguntas, mas ao longo das semanas eu comecei a ouvir "*eu detestava uma pergunta atrás da outra, mas agora eu estou gostando, professora. Hoje vai ser assim de novo?*". E momentos como esse me faziam crer que a mudança não



“O poder que sempre quis levar como futura professora: dar voz aos meus alunos”

estava apenas numa escola com uma estrutura perfeita, recursos mil, óbvio que isso também é de grande valia, mas que poder fomentar a curiosidade e o raciocínio das crianças seria um passo fundamental para o crescimento pessoal deles e da educação como um todo. Eles passaram a se sentir responsáveis pela aula também e encaravam muito do que fazíamos dentro de sala de aula como uma conversa casual. Pode parecer uma ideia muito romântica de uma estagiária que está começando agora e talvez até seja, mas o que acontece, de fato, é que houve dias difíceis e nesses dias eu saía da escola e só pensava: "*os meninos são todos são, os pecados são todos meus*"³, muitas vezes me responsabilizando por completo de um processo que na verdade é uma via de mão dupla. De tanto ouvir o quanto os meninos eram sempre culpados, sempre errados, eu me recusava a aceitar que realmente o erro tivesse partido de ambos os lados. A auto cobrança em dias como esses me fazia repensar se eu realmente teria aptidão para

lidar com tais situações futuramente e o quão mais eu teria de me dedicar a fazer algo melhor para aquela turma. Acabei repetindo alguns atos que disse que jamais faria. Antes como aluna, ao ver um professor dando aula a alguns poucos alunos e “ignorando” os alunos bagunçando do outro lado da sala, pensava comigo mesma: *“Eu jamais farei isso quando for professora”*. E lá estava eu, ainda como estagiária, dando aula para sete alunos, enquanto outros quinze conversavam freneticamente. E foi então que eu entendi o que Belchior quis dizer com o *“apesar de termos feito tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”*⁴.

O meu desejo de olhar para o outro, de querer fazê-los pensar diferente, me fez desandar em alguns momentos, até perceber que não cabia a mim fazer isso. No fim das contas, quem era eu diante daqueles meninos para querer que eles pensassem como eu? Eu só estava ali há alguns meses, os vendo num único dia da semana e já julgava saber o que seria melhor para eles.

No fim das contas, o meu desejo de ensiná-los e cativá-los transformou-se. Eu percebi então que estava ali mesmo para aprender e, por sorte, poder ensinar algo aqueles meninos. Eu não tinha obrigatoriamente que mudar aquelas 32 cabeças, mas estas certamente me mudaram imensamente. E por mais que a gente tenha em mente e diga para eles que estamos ali para aprender, no fundo achamos que sabemos demais e ao olhar o que aconteceu durante todo o trajeto nesse estágio percebi que nada sabemos e quanto mais aprendemos, mais temos a aprender.

A nossa sede de querer mudar o mundo como estagiário ou

como ser humano tem seu encanto, mas pode nos colocar um peso que não precisamos carregar, ficamos como quem carrega um monólito⁵ nas costas, uma rocha maciça e cheia de achismos de que podemos tudo, de que vamos mudar o mundo. Acho que ao me livrar desse peso dentro de sala de aula, vou tentando encontrar um jeito de ser professora que ajude na mudança e que se permita mudar.

¹ Trecho do livro *Contra o Método*, de Paul Feyerabend.

² Marvin, música de General N. Johnson, Jose Fernando Gomes dos Reis, Ronald Dunbar e Sergio de Britto Alvares Affonso, interpretada por Titãs.

³ Grão, música de Gilberto Gil.

⁴ Como nossos pais, música de Belchior.

⁵ Monólito - Estrutura constituída por uma única, grande e maciça rocha.

“O meu desejo de ensiná-los e cativá-los transformou-se. Eu percebi então que estava ali mesmo para aprender e, por sorte, poder ensinar algo aqueles meninos”





Reciprocidade

Embora desde pequeno tivesse convicção que seria um arquiteto, minha mudança de São Paulo para o Rio Grande do Norte colocou em cheque tal certeza. Para ser mais exato, minha aproximação com meus tios potiguares, que são professores, escanteou plantas e maquetes para dar espaço aos livros e aos pilotos. Embora seja suspeito para discorrer sobre, carrego uma enorme admiração por ambos. Sinto-me orgulhoso da disposição que meus tios carregam para promover o letramento acadêmico e cidadão junto aos seus alunos. Convivendo com essa admiração, decidi durante o SISU lançar minha nota para Ciências Biológicas, modalidade licenciatura.

Acredito que seja unânime entre os estudantes que optam de forma espontânea por algum curso atrelado à educação o desejo de transformação da sociedade. Embora saibamos da realidade da esfera pública, carregamos o anseio por mudança. Semelhante a um relacionamento, tendemos a enxergar somente os pontos positivos da nossa escolha, colocando em segundo ou terceiro plano a realidade e seus pesares. Todavia, com o tempo essa dura realidade aflora, obstruindo parte de nossas idealizações. Comigo, esse processo não poderia ser diferente.

A falta de reciprocidade vivenciada em alguns momentos da minha graduação colocou em dúvida minha permanência na educação: em algumas situações, por exemplo, a somatória de energia que destinei para uma atividade e o retorno energético da turma com relação a mesma. Esse sentimento contribuiu de forma significativa para a famigerada crise de fim do curso: *“Será que é realmente isso que quero para minha vida?”*. Nesse cenário, emerge o último período do curso, no qual cursei dois estágios de regência juntos, sendo um ministrando Ciências para o Ensino Fundamental e o outro Biologia ao Ensino Médio. Como podem imaginar, passei um bom tempo inserido na esfera pública da educação. Então, sem mais delongas, vou discorrer um pouco sobre minha experiência no primeiro estágio citado, que com certeza foi fundamental para dar uma resposta à minha crise profissional.

Desenvolvi as atividades do Estágio Supervisionado para Formação de Professores para o Ensino Fundamental na Escola Estadual Maria Cristina, localizada no município de Parnamirim (RN). Sob supervisão da professora, meu desafio era ministrar o assunto de vertebrados para uma turma do sétimo ano do Ensino Fundamental. Ainda no período de observação, voltei a sentir o quão enérgico crianças são.



Diego Vinícius Medeiros de Carvalho

Profissionalmente, graduando em Ciências Biológicas na modalidade licenciatura. Pessoalmente, maratonista apaixonado por séries e amante sofredor de sertanejo.

Orientadora de Estágio: Prof^a. Dr^a. Aline de Moura Mattos

Percebi que meu maior desafio ao longo do estágio seria conseguir converter essa energia em prol do processo de aprendizagens daqueles meninos. Naquele momento, me desafiei a oferecer o melhor que eu poderia oferecer àquelas crianças. Queria mostrar que o ambiente de sala de aula também poderia ser um ambiente de alegria. Talvez, até mesmo, uma válvula de escape.

Enquanto ainda observava as aulas da professora, notei que parte dos alunos fazia comparações entre os invertebrados e Pokémons. Quase que instantaneamente materializou-se a dinâmica “Árvore da Vida Pokémon”, um organizador prévio elaborado a partir da apropriação do universo midiático dos estudantes. Estava convicto que tinha um trunfo para minha primeira aula. E meu trunfo reverberou positivamente, além das minhas expectativas. Era fatídico que consegui direcionar toda energia da turma em prol da atividade. Naquele momento, conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais estavam sendo trabalhados, com uma problematização que tirou o alunado da zona de conforto. A sensação de estar sendo desafiados promoveu uma verdadeira entrega dos alunos frente a atividade. No final da aula, consegui identificar as diretrizes de ensino que seriam pauta das minhas aulas subsequentes, capaz de sempre estimular o protagonismo estudantil.

Conforme discutido constantemente dentro da academia, o perfil do aluno contemporâneo é emblemático. A mera transmissão de informações não é capaz de atender suas demandas. Os estudantes almejam por algo que lhes tirem

da zona de conforto, algo que lhes traga protagonismo. Aquela visão arcaica de sala de aula com os alunos enfileirados e todos atentos a deposição bancária ofertada pelo professor é ultrapassada. Como presenciado no estágio, as novas gerações são enérgicas e o cenário descrito anteriormente reflete em suas cabeças uma sensação de aprisionamento. Pensando nisso, diversas atividades foram desenvolvidas ao longo da sequência didática: interpretação e explanação de textos de divulgação científica, dissecação de peixes, aula prática com anfíbios, bingo interativo, desafios filogenéticos e afins.

Olhando sob uma ótica pessoal, gradativamente, um professor em formação apreensivo deu lugar a um professor em formação destemido. Com esse sentimento finalizei mais um ciclo. Ciclo esse capaz de ressignificar minha relação com a educação e colocar tal profissão novamente entre uma opção para o futuro. Próximo ano, quero ter a oportunidade de assumir uma sala de aula e ostentar o título de professor. E espero conseguir construir um elo tão forte como esse que construí na Escola Estadual Maria Cristina. Sou eternamente grato pelo acolhimento da escola e principalmente da professora.

De imediato, ela sempre acreditou nas minhas intervenções e me deu autonomia para fazer o que eu tivesse vontade dentro de sala. Tive a honra de caminhar durante essa jornada com uma supervisora amiga e dedicada, que sempre me deu forças. Além disso, quero registrar meu imenso agradecimento aos alunos do 7º ano.



“Um professor em formação apreensivo deu lugar a um professor em formação destemido”

Com sua energia imensurável, a turma foi capaz de revigorar as minhas. O que antes era incerteza tornou-se possível de concretização graças à reciprocidade da turma. Espero ter contribuído para a formação desses meninos, assim como eles contribuíram na construção desse revigorado olhar sobre a educação. Que lá na frente eles se lembrem de mim, pois sempre me lembrarei da minha eterna primeira turma de fundamental.



Como a sala de aula deveria ser

Eu sinto que a docência está no meu sangue, herdei da minha mãe. Foi vendo ela trabalhando em casa, planejando, montando aula, se estressando e trazendo diversos sentimentos da escola para casa, que eu tive a primeira noção do que é ser professor. São 25 anos da minha vida acompanhando o meu maior exemplo dessa profissão.

Esse momento de estágio sempre foi muito esperado por mim. Estar dentro da escola era a experiência que eu mais queria vivenciar durante meu curso, então criei muitas expectativas. Infelizmente venho com a bagagem de dois estágios anteriores que me deixaram com a sensação de decepção. Cheguei ao Estágio 3 insegura, com medo, sem ao menos ter tido uma única experiência com alunos na sala de aula, ou orientações e observações que me fossem válidas para esse momento.

E se você me der a liberdade de te aconselhar baseada nas minhas experiências, lhe digo: escolha uma escola que lhe acolha bem e que você se sinta parte dela e, principalmente, um supervisor que se mostre satisfeito em lhe acompanhar, sem que você seja apenas mais um estagiário para ele assinar a ficha de frequência. Outra coisa: evite ir às cegas. Procure sugestões de escolas e supervisores que possam lhe ajudar de forma produtiva. Esse momento é "O MOMENTO", quase que um divisor de águas.

Ou você vai amar muito e se encontrar ou vai odiar e dizer que não quer isso pra sua vida, porque as emoções são tão fortes que nos fazem criar decisões precipitadas, baseadas em uma única experiência, sobre querer ou não estar na sala de aula. Enfim, eu só conseguia pensar uma coisa: *"Como é que eu vou fazer isso?"*. Eu precisava tentar corrigir as falhas que ficaram dos meus primeiros dois estágios e o primeiro passo seria a escolha de uma nova escola e um novo supervisor.

Escolhi o Centro Educacional José Maria de Aguiar Filho (CEJMAF), uma escola que está localizada no centro da cidade Monte Alegre/RN, onde residio desde que nasci. Não cheguei a estudar nessa escola, porém, nela trabalham alguns ex-professores meus e minha mãe também trabalhou lá, então escolhi um ambiente um pouco que me recebeu muito bem e logo me deixou a vontade para escolher a turma em que eu queria ficar. Minha preferência era o 8º ano, por estarem vendo os conteúdos de anatomia e fisiologia do corpo humano. Optei por uma turma grande, 32 alunos, e já fui alertada pelo professor que eles gostavam muito de conversar durante a aula. Iniciando o período de observação, já no meu primeiro contato com a turma, fiz questão de me apresentar, explicar por qual



Érika Patrícia dos Santos Silva

Graduanda do curso de Ciências Biológicas - licenciatura, UFRN, apaixonada pelo desenvolvimento do corpo humano e suas funções, por séries e música.

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Aline de Moura Mattos

motivo eu estava ali, mostrando o meu interesse em ter uma boa relação com eles. Disse-lhes sobre as minhas expectativas e que nesse momento eu aprenderia muito mais com eles do que eles comigo. Achei de extrema importância que pudéssemos nos conhecer já no meu primeiro dia, porque eu não queria ser um “corpo estranho” dentro da sala deles e nem que eles ficassem cogitando hipóteses até a chegada do período da minha regência. Acredito que nossa excelente relação começou a ser construída desde aí. Esse momento de observação foi fundamental para que eu percebesse as características da turma e individualmente de alguns alunos. As minhas primeiras observações foram que eles realmente conversavam muito e não gostavam de escrever. Se perdem na escrita ou não terminam as atividades por ficarem conversando demais. Alguns alunos, em minoria, me chamaram atenção por serem muito calados e outros por serem muito barulhentos.

Em acordo com meu supervisor, decidimos que eu assumiria as aulas dos sistemas esquelético, muscular, nervoso e os sentidos. Ele sempre me deixou a vontade desde a escolha da metodologia que eu iria usar, como eu iria avaliá-los e até a minha abordagem dentro da sala de aula. A liberdade e confiança que o supervisor depositava em mim era de me deixar extremamente empolgada e a vontade para elaborar minhas aulas. Em tempos que tememos perder essa liberdade de ser professor, isso foi no mínimo motivador. Durante meus planejamentos ia adequando as aulas conforme as

necessidades da turma e tentando fazer ao máximo um perfil de aula que englobasse suas características e coisas cotidianas. Como tínhamos pouco tempo juntos e eu percebia que a escrita e as conversas tomavam muito tempo das aulas, decidi que iria levar o máximo de coisas que eu pudesse já prontas para eles, como os resumos e as atividades. A escola disponibiliza um data show para as aulas e assim, também optei que na maioria delas eu usaria esse recurso. Outra decisão que tive durante os planejamentos foi que ao final de cada aula seria feita uma atividade de fixação em grupo e só depois disso eles receberiam os resuminhos da aula. Queria estimulá-los a analisarem as questões e discutirem entre si, sem que apenas transcrevessem as respostas retiradas do livro ou do resumo. A princípio, eu tive receio de fazer os grupos e estar estimulando mais as conversas do que fazer com que eles cumprissem o principal objetivo das atividades. Mas, de toda forma, eu experimentaria para ver como eles iriam se sair. As aulas estavam planejadas de formas bem diversas, os slides sempre com animações, vídeos, alguns experimentos, as atividades de fixação. Uma das atividades era em forma jogo para finalizar o sistema nervoso, o qual intitulei de *Neurogame*, tudo isso para que as aulas se tornassem cada vez mais agradáveis para eles e, conseqüentemente, para mim. Concluído o período de observação e planejamento, era chegada a hora de colocar em prática. Eu sou uma pessoa extremamente nervosa de véspera, então na noite anterior dormi apenas 2 horas. Seria a minha primeira experiência na

“Achei de extrema importância que pudéssemos nos conhecer”

sala de aula e eu estava tensa, nervosa e com medo de como eles reagiriam. O acolhimento dos alunos para a minha primeira aula foi um verdadeiro calmante. Iniciei a aula e as coisas foram fluindo naturalmente. Em alguns momentos parecia que estávamos conversando, porque se tornou algo tão leve, e eles tão participativos, que percebi que nós todos estávamos à vontade. Ao final da aula, pedi para que eles formassem os grupos para que a atividade pudesse ser feita. E, para minha surpresa, as conversas estavam relacionadas à atividade. Eles discutiam as questões em grupo, me chamavam para falar suas dúvidas e também para mostrar o que estavam fazendo. Percebi daí que seria uma boa forma de ir avaliando o que eles estavam compreendendo das aulas. Com o passar das aulas, pude vivenciar diversos momentos e sentimentos. Houve aulas incríveis, mas também houve aquelas que a gente fica se perguntando se os alunos entenderam alguma coisa. Tivemos dias excelentes e também dias em que eu chegava em casa descabelada, suada e rouca. Uma verdadeira loucura. Dentre esses diversos sentimentos, também vivi a experiência de não conseguir dar aula, porque eles estavam extremamente agitados e a minoria que estava disposta a



aprender o que planejei ensinar não conseguia ouvir nada do que eu falava. Além de tudo, eu tinha ido dar aula doente e quase sem voz. Planejei experimentos, levei o material de casa e fui doente porque tinha certeza que seria uma boa aula. Sim, eu criei erroneamente essa expectativa por 32 pessoas. Mas foi um dia daqueles que a gente se sente decepcionada, tendo que levantar a voz e encerrar a aula deixando o assunto como dado, porque a minha presença ali não fazia diferença e ninguém queria saber o que eu estava falando. O mais engraçado eram os alunos me pedindo desculpas pelo ocorrido. Depois de respirar fundo, eu ainda os agradecia mentalmente por aqueles momentos, porque eram neles que eu refletia sobre a questão “ser professor”. Cada aula boa me fazia sair da escola realizada, com a certeza de que eu realmente queria estar ali e cada dia “ruim” me fazia ter a consciência do que eu estou querendo abraçar. Uma das coisas que eu mais queria realizar era levar os alunos para conhecerem a UFRN e o Museu de Ciências Morfológicas. Durante as aulas sempre falava sobre a universidade e tive o imenso prazer de poder levá-los para conhecer um pouco do campus e o museu, onde casou perfeito com todo conteúdo dos sistemas do corpo humano que havíamos visto. Desde quando eu havia falado para eles que faríamos essa visita, os dias eram contados nos dedos. Os alunos estavam ansiosos e com muitas expectativas, e eu mais ainda. Para que essa visita acontecesse eu precisava do apoio do meu supervisor e da escola para conseguir o transporte com a prefeitura e ambas as partes foram muito prestativas. A visita foi um sucesso, os alunos adoraram e eu fiquei realizada com esse momento. A relação aluno-professor foi, sem dúvidas, um dos pontos altos

do meu estágio. Eu sempre fiz questão de expressar para eles o quanto era importante esse momento na minha formação e que eles me ensinavam muitas coisas. Queria mostrar pra eles que ali era uma via de mão dupla de conhecimentos. Enfatizava sobre a capacidade deles e quantas coisas boas eles podem alcançar se quiserem. Usei da motivação como uma das ferramentas principais nas minhas aulas. E sinto que foi através dos feedbacks positivos, quanto as suas participações, dos elogios e mostrando a capacidade de cada um, que desenvolvemos bons trabalhos. O nosso ultimo dia de aula juntos foi adiado várias vezes, criamos um vínculo muito forte e a despedida era temida. Mas esse dia chegou e os alunos me prepararam uma surpresa com direito a muitas coisas gostosas, um bolo lindo, um quadro cheio de mensagens, vídeos das nossas fotos e com direito a leitura de cartinhas que me fizeram chorar de emoção. Ao fim do Estágio 3, posso afirmar que essa foi uma experiência riquíssima de conhecimentos e sensações, e que me fez retomar toda motivação que havia perdido durante os estágios anteriores. Sinto-me disposta a vivenciar novas experiências e otimista para o próximo estágio. Agradeço de coração aos professores Thiago e Aline pelas reflexões desenvolvidas durante todo semestre, por todo apoio e incentivo. Agradeço também ao CEJMAF pelo acolhimento e, em especial, ao meu querido supervisor e aos meus 32 incríveis alunos, eles sabem que estão marcados para sempre na minha trajetória como docente e na minha vida. E sobre ser professor(a)... Quando nós escolhemos essa profissão estamos escolhendo o pacote completo. É sobre fazer uma escolha de aprender a lidar com as partes dos outros que são

“a personalidade e as características de cada aluno não cabem na nossa expectativa pessoal e egoísta de ‘como a sala de aula deveria ser’ ”

mais frágeis e que vão demandar mais paciência e resiliência da nossa parte. É vencer desafios diários, receber dos alunos recompensas impagáveis e pairar nas incertezas da educação. A sala de aula não é um pacote perfeito, não há um padrão, ela é diversa e cheia de surpresas, e nós precisamos estar dispostos a desenvolver habilidades para nos dar com isso. O que não faz sentido é escolher ser professor(a) quando não temos a vontade de incentivar, superar e enfrentar as limitações, de buscar o melhor para nós e para nossos alunos. Mas nós, professores, também somos um pacote misto de defeitos e qualidades. Somos humanos e falhos. E também mostramos o nosso lado menos agradável. Finalizo dizendo que acredito que precisamos ter a consciência que a personalidade e as características de cada aluno não cabem na nossa expectativa pessoal e egoísta de “como a sala de aula deveria ser”.



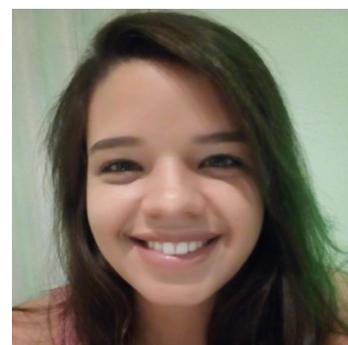


Tempo de refinar-se: amadurecimento e mudança

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”. Antoine de Saint-Exupéry (O Pequeno Príncipe)

Iniciei a disciplina de estágio sem saber ao certo o que esperar. Desde o início do curso, quando tentava me imaginar professora, me via atuando no Ensino Médio e essa se tornou minha meta, por isso era difícil prever o que o estágio no Ensino Fundamental poderia me trazer. Talvez, não criar expectativas pode ter contribuído para a fantástica experiência que tive. Escolhi a Escola Municipal Maria Francinete Gonçalves Maia, situada na cidade de Parnamirim, mais especificamente no bairro de Nova Parnamirim (RN). Posso dizer que a escola me cativou desde o primeiro contato. Fui extremamente bem acolhida por todos. Direção, coordenação, corpo de professores, e pelos próprios alunos. Minha supervisora foi, do início ao fim, uma pessoa presente e sempre preocupada com o meu aprendizado, para o qual contribuiu grandemente. Percebi que o ambiente escolar como um todo, exalava uma atmosfera nova, intrigante e diferente dos meus estágios anteriores. O que de início mais me surpreendeu foram os alunos, no que diz respeito a

personalidade e atitudes que tinham. Observei neles a tentativa de sempre acolher, receber e incluir as pessoas que chegavam. Todos mais novos que eu, parecendo mais velhos, vinham até mim, questionavam se eu era aluna nova, não somente pela curiosidade, mas com o intuito de me introduzir nas conversas e círculos de amizade, como se não quisessem que eu me sentisse excluída. Achei isso simplesmente fantástico. Aos poucos, entendi que essa atitude era reflexo do trabalho e empenho da escola para formar, não só academicamente os alunos, mas transformá-los em boas pessoas e bons cidadãos. Ressalto que, tratando-se de uma escola pública municipal, era quase impossível não notar os problemas existentes, como por exemplo, a falta de água que resultava em cancelamento das aulas, algo que aconteceu algumas vezes no período do estágio. Porém, apesar disso, apenas os dias de observação foram suficientes para criar um pouco mais de expectativa para a vivência de uma etapa que, admito, me amedrontava um pouco. A turma que assumi foi o 9º ano, formada por 30 incríveis alunos. Acredito que foram estes os principais responsáveis para que o meu estágio fosse tão real e gratificante. Foi incrível conhecer cada um deles, suas histórias, sonhos e peculiaridades. Foi edificante auxiliar, mesmo



Éville Beatriz
Cândido
Gonçalves

Graduanda em Ciências Biológicas. Futura professora de Biologia. Amante da música e dos livros..

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Aline de Moura Mattos

que minimamente e por pouco tempo, em seu crescimento e educação. Tenho certeza que foi algo que me moldou e me fez entender um pouco mais o que essa profissão exige, e como ela é importante na vida de cada aluno.

Algo que me chamou atenção no decorrer das minhas aulas foi a forma como os alunos do Ensino Fundamental (EF) e do Ensino Médio (EM) são diferentes e por isso, exigem que sejamos diferentes. Dentre estas diferenças está a maneira como a relação professor-aluno é construída. Percebi que alunos do EF apresentam uma abertura muito maior e mais rápida para a consolidação desta relação, diferente dos alunos mais velhos do EM, cuja conquista demanda mais tempo. Pelo menos em minhas experiências foi assim. O assunto de Ciências da grade curricular do 9º ano é majoritariamente composto pelas áreas da Física e da Química. Sendo assim, tive que sair da minha zona de conforto e ministrar aulas de Ligações Químicas e Cinemática.

Assumir estes conteúdos foi mais um grande desafio desse estágio. Por não ser um assunto que domino, tive receio de não conseguir ministrar aulas completas ou que os alunos não conseguissem entender. Mas, ao finalizar o estágio, percebi que aprendi enquanto ensinava. Atingi assim meus objetivos, ao mesmo tempo em que os alunos compreenderam bem todas as aulas ministradas. Tentei ao máximo dinamizar as discussões em sala, desenvolvendo atividades que permitissem uma discussão problematizadora, mostrando aos alunos que a ciência faz

parte do nosso cotidiano.

O estágio como um todo exigiu muito de mim. Empenho, compromisso, determinação, coragem e força para superar as mais diversas situações que o ambiente escolar pode oferecer.

Ouvi histórias e presenciei situações devido às quais posso dizer que mudei. Já não sou a mesma de antes. Vejo que necessito estar preparada para tudo, porque esta é a realidade da escola. São muitos os problemas, somados a grandes qualidades. Preciso estar preparada para me reinventar sempre que necessário.

Nunca pensei que uma vivência como esta, tão curta, poderia também ser tão intensa a ponto de desconstruir algumas ideias anteriores e construir verdadeiras e sólidas convicções. Entendi quem eu sou e quem quero ser. Tenho hoje mais segurança com relação ao meu futuro.

Não esquecerei jamais de cada um dos alunos que me sorriam em dias difíceis, me fazendo sorrir. De cada abraço que me acolheu e que acolhi. Fui cativada por cada um deles, e sei que também consegui a muitos cativar.

*"Nenhuma alta sabedoria pode ser atingida sem uma dose de sacrifício."*¹, por isso, sou grata por todas as dificuldades que me fizeram crescer e todo aprendizado que pude colher nesse curto e maravilhoso tempo.

Hoje entendo que "ser professor" exige uma reflexão muito mais profunda do que imaginava antes. É um profissional que abraça muitas funções, mas que acima de tudo, acredita no que faz.

Talvez ser professor traduz-se em um constante apaixonar-se, sem, porém, tirar os pés do chão, compreendendo o presente que o cerca, e lutando por uma melhor realidade.

Ainda fico um pouco ansiosa quando percebo a proximidade do diploma que me concederá o título de licenciada. Não vejo, porém, esta sensação como inimiga. Estar em sala de aula, criar um vínculo e conversar com os alunos, vendo em cada um deles grandes sonhos para o futuro, foram momentos incríveis que esse estágio me proporcionou. Me vi feliz em cada um desses momentos.

Então, posso dizer que esta ansiedade reflete muito mais a expectativa por um futuro, não muito distante, onde poderei vivenciar cada um desses momentos mais uma vez.

¹C. S. Lewis – As Crônicas de Nárnia.





A ansiedade me enganou

Durante toda a minha formação na educação básica, não houve nenhum momento que pensei que estaria hoje na UFRN e, principalmente, cursando uma graduação para ser professor. Mesmo após entrar no curso de Ciências Biológicas, na modalidade licenciatura, não tinha o desejo de me tornar professor, a meta era apenas me graduar e tornar-me um pesquisador. O interesse em ser professor só foi despertado por volta do 3º período do curso, durante as disciplinas de Instrumentação para o Ensino de Ciências. Portanto, hoje, com as disciplinas de ensino e o PIBID, eu sei que quero ser professor.

O Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Fundamental (Ciências Biológicas) foi a minha primeira disciplina de regência na escola, mas não a primeira vez que tive a oportunidade de assumir uma turma graças ao PIBID. A escola escolhida para desenvolver este estágio foi a Escola Municipal Vereador José Sotero, localizada na Zona Norte de Natal. O motivo pelo qual escolhi esta instituição foi porque já fui aluno durante o Ensino Fundamental, a escola também apresenta uma boa estrutura física e fica próxima à minha residência. A professora Supervisora me recepcionou muito bem, me orientou durante as aulas e sempre foi presente durante todo o meu estágio.

O estágio foi desenvolvido em três turmas do 6º ano, nas quais tinham em média 30 alunos em cada. Junto com a professora decidimos quais assuntos eu trabalharia e logo corri com o planejamento das atividades, mas o que posso dizer sobre o planejamento é que nada foi como planejado, no decorrer do estágio foi necessário adaptar as aulas, mudar alguns assuntos e abordar temas que foram requeridos pela supervisora. Portanto, trabalhei com essas turmas o tema Solo, mais precisamente a utilização deste na agricultura, poluição do solo, agrotóxico e lixo. Apesar deste momento não ter sido minha primeira regência, no primeiro dia de aula eu tremia muito no começo da aula, a fala saía embolada e na minha cabeça passavam-se muitos questionamentos como: *“Será que os alunos vão gostar de mim? Será que vou fazer com que eles entendam o que estou querendo dizer aqui na frente? Estão me ouvindo? Será que a aula está legal?”*.

Em muitos momentos a vontade era sair correndo da sala de aula. Mesmo que a tremedeira não tenha me perseguido durante as próximas aulas, tive uma outra companheira não tão agradável: minha ansiedade, a qual não me deixava dormir na noite que antecedia a aula e isso aconteceu com frequência, mas, por um lado positivo, não me sentia cansado para ir à escola e cumprir



Giovanne da Costa Silva

Futuro professor. Cursei o técnico integrado em Edificações pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte, atualmente, estudante do curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID na mesma instituição.

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Aline de Moura Mattos



com as três aulas.

Durante o meu estágio, por opção minha, fiz a infeliz escolha de acolher três turmas para cumprir esta etapa obrigatória do curso. Se há um conselho que posso deixar aqui para os futuros estagiários é que não se afobem, curtam esse momento saboreando cada gota dessa experiência.

Acompanhando três turmas pude observar que não consegui criar uma relação próxima de amizade com meus alunos, lembrar os nomes, quem faltou na última aula, os casos em que isto aconteceu foram a exceção e não a regra. Isso acabou me frustrando um pouco, pois via os outros estagiários durante a exposição dos seus diários de campo falando com tanto carinho e afeto de suas turmas, dos seus alunos, sentimentos estes que eu não consegui criar fortemente por meus alunos.

Além disto, a rotina com as três turmas se tornou muito cansativa para um estudante de graduação que ainda tinha que dar conta de três turmas com crianças super ativas às 7:00h da manhã.

Tentei propor atividades que buscassem o desenvolvimento de trabalho em equipe, fazer associações a situações reais do cotidiano, mostrar-lhes vídeos, aulas com slides. Algumas atividades deram certo, outras nem tanto, mas acredito que todas conseguiram cumprir os objetivos que foram traçados no momento do planejamento.

Tentei buscar, a partir de comentários dos alunos, formas de aulas que eles achassem interessantes para que pudesse despertar o interesse deles e a vontade de estar ali na aula, participando e discutindo os temas abordados.

Muitos medos e anseios me cercavam durante todo este estágio, mas busquei em todas as aulas dar o meu melhor, sempre prezando pelo respeito entre todos presentes.

Acredito também que poderia ter curtido mais este momento, ter feito dele mais leve, mais envolvente, no entanto, entendo também que ansiedade não tem um botão de liga-desliga para colocá-la de lado em momentos como este e tantos outros que ainda estão por vir durante toda a minha formação como professor.

Neste estágio a vivência foi como na maioria das outras escolas públicas, falta material, falta projetor, falta estímulo nos professores, falta estrutura física, falta verba, falta planejamento. Mas saio com a convicção de que podemos sempre fazer mais para que nossos alunos tenham uma boa formação que não seja baseada apenas em conceitos e teorias, mas também em aplicações em situações diárias.



“Se há um conselho que posso deixar aqui para os futuros estagiários é que não se afobem, curtam esse momento saboreando cada gota dessa experiência”



***Passiflora foetida* L., para os íntimos, maracujá do mato**

Cidade Satélite, zona sul de Natal, uma escola pública chamada Colégio Estadual Antônio Pinto de Medeiros. Bem estruturada, possui laboratório de Ciências e até a sala de ciências, a única onde os alunos saem de onde estiverem para ir encontrar a professora (Biologia/Ciências), é a única disciplina nessa escola onde o professor não se desloca de sala em sala, chique, tem que respeitar a ciência. Data shows sempre disponíveis, oferece uma estrutura bem bacana para o aluno e para o professor, bem estruturada no geral mesmo, se formos comparar com várias outras da nossa cidade. Ótima equipe pedagógica e de professores, que muda a cada horário, dependendo do turno, tanto que a escolhi por já conhecer a equipe, dado ao fato de que meus dois primeiros estágios foram realizados na mesma. Comodidade, viu? Dez minutos de uma caminhada matutina até a escola, enquanto analiso os tipos de plantas que acompanham meu trajeto, ainda com uma participação do sol para ativar um pouco de betacaroteno pois saúde vem em primeiro. O Antônio Pinto tem bastante verde, pátios (coberto e aberto), mesas com tabuleiros de xadrez pintados espalhados pelo terreno que serve de área comum, boa escola. Queria

ter tido tempo de sentar e jogar uma partida com alguém. É uma escola que possui um calendário no mínimo interessante: muitas atividades interdisciplinares, feiras de ciência, grêmios, festivais e sarais, dentre outras coisas. Gosto muito de lá, e dessa vez, encarei uma turma de ensino fundamental, mais precisamente, o 7º ano, e tive um relacionamento bom com a supervisora de campo, que gentilmente topou me ajudar nesse estágio para o ensino fundamental, que a inocente aqui não sonhava a loucura que seria.

Após os primeiros contatos para acertar os detalhes, ganho um limbo de quase um mês, graças ao calendário da escola, que entre meu período de observação e regência, tinha revisão, prova, reunião de pais, feriado, um monte de coisas que impossibilitaram minha regência ser no logo. Passado o limbo, chega a não tão temida regência. Confesso que aguardava esse dia, não o temia, mas a ansiedade se fez presente... não digo sempre, mas já faz um belo tempo que ser professora não me era mais uma má ideia, creio que estava lá, o desejo, mas nunca o alimentei, pois coloquei na cabeça que não queria ser mais uma professora na minha família (repleta de



Gláucia Lidiane da Silva

Me encontrei como professora dando aulas de espanhol, mas falta pouco para me darem um papel que me torna apta para lecionar ciências. Na Botânica, desde o primeiro semestre do curso, sou tipo a louca das plantas no bom sentido (elas são incríveis). Pode perguntar a Tango e White (meus cachorros) como isso de não gostar da Zoologia são só boatos... Também conhecida por rainha do maracujá, recuse qualquer imitação, é brincadeira, só Glau mesmo está ótimo.

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Aline de Moura Mattos

educadores), hoje, vejamos onde estou, a única quase bióloga. Para com o estágio em si, não tive expectativas, não sou de criá-las com afinco, prefiro ser surpreendida na maior parte do tempo: se der errado, ótimo pois não fantasiei nada, se der algo bom, ótimo também pois superava a neutralidade na qual me encontrava.

Se você me perguntasse há algum tempo em que pé andava a minha relação com os alunos, diria que não fazia ideia de como transformar essa relação em palavras, em vocalização, foi uma turma muito complexa em vários espectros. Uns por bem, outros por me desestabilizar. Eu não estava pronta para essa desestabilização, mas tive de lidar com ela. Com a missão de ministrar aulas de artrópodes, vermes e os vertebrados, temas que, particularmente, se pudesse optar por qualquer coisa com plantas, optaria, mas não pude dessa vez. Quando os vi pela primeira vez, o primeiro pensamento foi *“Meu Deus, o que vou fazer com essa turma? Como chamar a atenção deles para mim, que sou uma estranha insignificante?”*. Vários alunos me desejaram boa sorte para lidar com eles, pois são uma turma que gosta de conversar, o que fazer? Compilando com minhas outras experiências de ministração de aulas, nunca imaginei que teria vontade de sair correndo de um dos cantos que mais amo no mundo: a sala de aula. E tive. E isso me perturbou de uma forma, que não me reconheci durante as duas primeiras aulas, era como um robô depois de ter me sentido atacada e até desrespeitada por eles.

Estava lá, em pé, falando sobre bichos, mas isso não importa tanto, pois não é só sobre o assunto, é o que vem por trás dele: esforço, dedicação, preparação de aula, pensar em como fazer algo divertido e criativo. E sentia como se aquilo pouco significasse a maioria deles, foi uma sensação que não desejo que meus colegas sintam, nenhum professor merece senti-las. No decorrer das aulas, me dei uma segunda chance de voltar a ser eu, pois ser eu não tinha funcionado na primeira aula, e fui como alguém que inventa um bolo, testando as quantidades de açúcar até atingir um tom ideal para seu paladar, fui costurando, ajustando aqui e ali, até me encontrar, de fato. Isso se refletiu nas aulas, já na aula de peixes e anfíbios, notei uma mudança bem significativa, eles pareciam mais concentrados e interessados, mudei a metodologia e eles responderam bem a essa mudança, acredito que a resistência dos meus alunos a aulas mais dialogadas foi normal, afinal, eles estavam adaptados a aulas expositivas, como é o comum e na qual se enquadram milhares de escolas no nosso país. E fui interagindo, rindo, me divertindo, me reencontrando, e encontrando meus alunos no meio do caminho. Gostei desse encontro, não apagou a primeira impressão, mas me deu esperança de que o processo no qual eu me encontrava, de conhecê-los e eles me conhecerem, precisa ser, primeiramente: aceito, depois refletido, depois seguido. Existem processos na nossa vida que são como disciplinas pré-requisitos: precisamos passar por elas, de alguma forma, de qualquer jeito.

“Fui interagindo, rindo, me divertindo, me reencontrando, e encontrando meus alunos”

Como essa experiência, não deixei que ela manchasse minha paixão pela docência e passei a encarar meus alunos com mais empatia, menos controle e me dei a chance de ser mais flexível e não controladora comigo mesma, afinal, tinha me dado um tempo e só me deixei levar pelas ondas convexas desse mar. E, nesse meio tempo, voltei a me abrir, e eles se abrindo junto, e acabei me deparando com planetas distintos e mui peculiares, com suas particularidades, diversidades, problemas e soluções. Lidar com tantos planetas ao mesmo tempo? Quem sou para querer impor algo a mundos tão diferentes, mas tão iguais quanto o meu, ao mesmo tempo?

Acordar cedo foi meu principal desafio, como uma pessoa não diurna por eventualidades da vida e de compromissos, acordar cedo para ir ministrar aulas e observá-los era quase como tortura, mas como todo processo de adaptação, às vezes, precisamos nos permitir, eu me permiti e acabou fluindo.



Acordar cedo não parecia mais tanta tortura. Outro ponto: senti-me presa ao cronograma escolar, não me entenda mal, acho a escola ótima, mas fui confrontada diversas vezes por mudanças nos meus planejamentos por motivos da própria escola como feiras, eventos de última hora, coisas de chapas, outros professores pedindo meus horários para a professora supervisora, dentre outros. Algo que me incomodou deveras: essas mudanças repentinas no cronograma, muito barulho dos alunos, me sentia no meio do Alecrim (bairro popular da cidade do Natal) num dia de sábado, em que você mal consegue andar de tanta gente é tanto barulho. Esse estágio me exigiu coisas e atitudes, flexibilidades, na qual não imaginava que não estava pronta para enfrentar, mas tive de enfrentar de qualquer jeito, algo ia sair, para o bem e para o contrário.

Na minha mera visão, o ser professor é uma escolha, veja bem, escolhemos várias coisas na nossa vida todos os dias, desde amizades, casamentos, levantar da cama, jogar videogame, e cito uma: quando você não está num dia bom e, mesmo assim, é gentil com o próximo, você está escolhendo ser gentil, escolhendo não tomar a carga negativa para si e filtrando-a, para que não te contamine e que não contamine alguém que vem após você, e que não tem nada a ver. Você escolheu, assim como muitos professores, eu e você escolhemos amar o que fazemos, todos os dias, e é uma das coisas que, de fato, nos move. E eu espero, realmente, continuar escolhendo amar educar. Só um adendo ao fator escolha, também escolhemos o que fazemos com os resultados de um acontecimento na nossa vida.

Esse estágio para mim teve muita relação com perder o controle, com flexibilidade, *adaptação*, exatamente como a espécie citada no título deste texto, que tem altíssima capacidade de adaptação a maioria dos ambientes, e ela se adapta porque de alguma forma, o ambiente provocou essas mudanças, e essas mudanças não a mataram, ajudaram-na a viver e exponenciar a amostragem de suas espécies... esse período foi quase uma origem das espécies nível fundo de quintal, brincadeira.

Passei por uma montanha russa durante esses meses, altos e baixos, momentos muito bons e muito ruins, mas cabe a mim escolher o que fazer com eles, estancar, estagnar e me tornar uma professora amargurada sem esperança total, ou escolher pegar o que aconteceu de negativo e crescer, amadurecer, e o que aconteceu de bom e somar mais ainda, de maturidade, empatia, compreensão, flexibilidade, a deixar meu controle de lado e só curtir. Foi o que fiz, e após começar, o negócio andou. Pode não ter sido o meu estágio favorito, o mais fácil, o mais divertido, o mais empolgante, mas foi o mais desafiador com absoluta e convicta certeza, foi o que mais aprendi, foi o que mais me fez pensar, refletir, tentar entender meus alunos, sair da minha bolha, as coisas nem sempre acontecem do jeito que queremos e tudo bem. Tudo bem errar, tudo bem mudar, tudo bem se permitir, desistir até, dependendo. Se não nos permitirmos perder o controle um pouquinho, ou quase todo, ficamos tão concentrados no controlar toda e qualquer situação que deixamos a diversão, o prazer por ensinar, passar como um instante.

***“Tudo bem
errar, tudo
bem mudar,
tudo bem se
permitir”***

E eu quase deixei, passar, sabe? Foi por pouco, mas esse estágio pegou na minha mão e disse: - *“Vamos romper esse controle agora”*, sei que paramos o instante, juntos, deu tempo de segurá-lo. Tornei-o meu agora. E foi massa.





Quebrando tabus

“Nunca perca a fé na humanidade, pois ela é como um oceano. Só porque existem algumas gotas de água suja nele, não quer dizer que ele esteja sujo por completo”. (Mahatma Gandhi). Comecei o relato com essa frase pois significa muito meu sentimento em relação à experiência de estágio e também minha vida. Você pode estar se perguntando o porquê do título ser “Quebrando os Tabus”, para isso dissertarei um pouco da minha transformadora experiência de estágio. Meu Estágio III se passou na Escola Estadual Castro Alves, uma escola pequena, localizada próximo a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e muito organizada. Mas diferente de muitos, minha expectativa para o estágio não era boa, assim como em anos anteriores que me levaram ao trancamento da disciplina, senti uma angústia e um medo de adentrar em um mundo desconhecido por mim, um mundo que criei tabus: o mundo do professor. Confesso, entrei em Ciências Biológicas Licenciatura sem pretensão alguma de me tornar professor, queria entrar na academia, fazer ciências e a única possibilidade que cogitava lecionar era

para o ensino superior. Não me via de maneira alguma na educação básica e mesmo com tantas pessoas falando no decorrer do curso que eu tinha aptidões para tal profissão, de nada adiantava, pois eu mesmo não conseguia enxergar isso. Na verdade, tudo que eu enxergava eram tabus, construídos por mim sobre uma realidade. Meus conhecimentos superficiais sobre tudo isso me influenciaram de maneira negativa me desmotivando e consolidando esses tabus.

Diferentemente dos anos anteriores, resolvi dar uma chance aos estágios, até porque é carga horária obrigatória e eu tinha que passar por isso e acredito que escolhi o melhor momento para adentrar nessa experiência. Só faltavam os estágios e estava preparado para, mesmo que com minha cabeça feita sobre a premissa de “não quero ser professor”, dar meus 100% para poder aproveitar ao máximo, e, quem sabe assim, consolidar o que já tinha formado em mente ou mudar de opinião e desconstruir os tabus.

A turma que escolhi atuar foi o 8º ano do Ensino Fundamental. Os conteúdos que estavam disponíveis para



Hamilton Barroso Mourão Junior

23 anos, biólogo licenciado em formação, entusiasta da vida e apaixonado por conservação e educação ambiental a procura de um desenvolvimento de vida sustentável: saúde, corpo, mente.

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Aline de Moura Mattos

que eu escolhesse eram: sistema endócrino, genital, nervoso e genética. Optei pelo sistema Genital e Nervoso e queria usar os conceitos e o conhecimento para desconstruir os tabus. Para isso usei desde temáticas como depressão e drogas até sexualidade e seus preconceitos. Eu queria falar sobre isso e ia estudar muito para poder trazer o melhor do meu embasamento para meus alunos e poder alcançá-los com minha mensagem nesse tão pouco tempo de estágio. Acredito que a falta de conhecimento e conversa está matando pessoas e *“estamos pagando caro pela confusão”* (Leandro Ramos).

O título deste relato final de estágio se refere ao meu processo de desconstrução sobre o que é ser um professor durante a minha experiência de estágio e essa desconstrução veio no dia em que pisei na sala de aula. A turma me quebrou por completo, de dentro para fora, de uma maneira muito positiva, o que me fez perceber algo que estava ali o tempo todo: eu sendo eu, tinha tudo para ser professor. Também percebi que, não apenas meus alunos, todas as pessoas do mundo são reflexo do tratamento entre si e a nossa relação foi construída e moldada baseada no respeito, confiança e amizade. Sendo assim, mais um tabu foi desfeito, o da suposta relação de autoridade entre professor e aluno. Foi através dessa relação de respeito e amizade que me senti à vontade para poder explicar questões tão complexas com eles e advinha só!? O feedback

foi o mais positivo possível.

As aulas foram pautadas em discussões sobre depressão, drogas, sexualidade, machismo, homofobia, aborto, gravidez indesejada, dentre outros; utilizando de dinâmicas, vídeos, documentários, trabalhos. Chegamos à conclusão que o respeito é o ato mais importante que deve ficar em nossa formação como ser humano e que quanto mais conversamos, mais quebraremos paradigmas e tabus. Acabou que o formato de uma célula nervosa ou do sistema genital masculino e feminino ficou em segundo plano, muito bem abordado, mas em segundo plano. E para ser sincero, ainda bem que ficou.

E você, leitor, deve estar se perguntando *“por que a primeira frase foi essa de Mahatma Gandhi?”*; A resposta, ao meu ver, está bem evidente: vivemos em um mundo sombrio hoje em dia, onde as coisas estão de cabeça para baixo e eu estava absorvendo todo esse sofrimento e energia ruim para mim, estava desacreditado de muitas coisas. Toda a representação de ódio, que vemos todos os dias pela falta de conhecimento que leva ao preconceito e ignorância ao tratar de assuntos como os que decidi abordar com minha turma, estavam me afetando muito há um tempo e eu queria que as coisas mudassem, mas não estava acreditando na mudança e, por consequência, estava me excluindo como parte dessa mudança.

Por isso que meu sentimento é de eterna gratidão para com



“O respeito é o ato mais importante que deve ficar em nossa formação como ser humano”

as minhas experiências de estágios, por ter me mostrado que sou parte da mudança que quero ver no mundo e que, como professor, me inspiro nas palavras Gandhi sobre jamais perder a fé na humanidade, pois é através do ato de educar que as coisas irão mudar e é nisso que eu acredito. Minhas energias estão renovadas e estou preparado para pelo menos tentar mudar a situação.

Acredito que, como professores, somos eternos estudantes e, sabendo disso, nos colocamos em posição de constante aprendizado: quando menos esperamos, podemos transformar o mundo e a vida de pessoas com o aprendizado que carregamos conosco e é por isso que, mesmo com todos os problemas que vivenciamos como professor, existe um sentimento que senti e não soube explicar ao sair das minhas aulas, da escola. Um sentimento bom que me renova e me faz ter vontade de fazer o que puder para melhorar a nossa situação como profissional e a situação do mundo,

plantando sementes e colhendo dos melhores frutos, pois professor não trabalha por amor, trabalha com muito amor. Caso as idas e vindas da minha vida me levem para outro rumo, que este depoimento possa ajudar alguém, os demais colegas de profissão e de curso: se sua experiência não foi das melhores, pode ter certeza que outras virão, porque assim como eu, que estava desestimulado diante do que já havia vivido, que já tinha posto um ponto final, queimei minha língua ao experimentar uma das melhores experiências da minha vida e que vou guardar comigo para sempre, então, aprendi que não devemos colocar pontos finais baseado em uma ou poucas experiências e que a vida vai te dar a oportunidade de conhecer a melhor versão do que é ser professor. Hoje eu posso dizer sim: eu sou professor e com muito ORGULHO!

“A vida vai te dar a oportunidade de conhecer a melhor versão do que é ser professor”





Girassol: focando no lado iluminado das coisas

Escolhi a licenciatura pelo encanto da arte de ensinar, mas desde o início da minha graduação tinha medo de que as disciplinas de Estágio III e IV chegassem. Pois diferentemente do Estágio I e II, neste estágio seria a primeira vez que encararia uma sala de aula. Mas aí o estágio chegou, e aqui venho contar como foi essa aventura, que posso nomear como uma montanha russa de emoções. Realizei meu Estágio I na Escola Estadual João Tibúrcio e os Estágios II e III na escola Instituto Reis Magos, onde estudei boa parte da minha vida, localizada no Alecrim. O interessante de estagiar na mesma escola em que estudei é que entrei com uma visão totalmente diferente de quando eu era estudante, observando coisas que para mim, na época, eram consideradas sem importância. A escola tem um ambiente muito familiar e agradável, todos os funcionários são muito gentis e receptivos. Minha supervisora do estágio foi um ser humano incrível que me ajudou grandemente nessa jornada. Ela foi muito importante nessa trajetória, ajudando no planejamento e também nos momentos da minha regência, por isso sou muito grata pelo ótimo relacionamento que tivemos nesse período. Como já conhecia a escola, antes do início do estágio fui conversar com minha supervisora para

escolhermos com que sala eu iria iniciar a minha observação de acordo com meus horários disponíveis, e a turma escolhida foi de 6º ano, com 21 alunos. Sinceramente, foi bem difícil achar uma turma que se encaixasse nos meus horários, mas essa deu certo. A partir daquele momento, em que foi decidido a turma com que eu iria ficar, o nervosismo bateu mais forte, pois, como eu havia dito, eu nunca tinha dado aula na vida! Essa seria realmente a minha primeira experiência de todas. O período de observação e planejamento é extremamente importante, pois fico imaginando como seria se nós chegássemos direto para dar uma aula, sem um contato prévio com a realidade. Acredito e tenho quase certeza que seria um pouco apavorante. Comecei a observação. Minha supervisora, sempre muito atenciosa, me apresentou a turma e eu fiquei quietinha lá no canto da sala observando a turma e a aula a ser dada por ela. Também observei toda a estrutura da sala (que é muito agradável), mas algo que me preocupou foi a falta de data show. Na minha cabeça, isso seria um problemão, mas não foi, pois eu só precisava estudar outras maneiras de levar novos materiais e atividades para eles. Procurei ver o lado bom das coisas (esse foi um exercício diário). Não imaginava que, depois os alunos que eu estava observando, seriam tão



Heloysa Farias da Silva

21 anos, aluna de licenciatura do curso de Ciências Biológicas, UFRN. Amo comer, assistir séries, ouvir música e ficar sem fazer nada.

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Aline de Moura Mattos

importantes para mim. As aulas que observei sempre foram muito tranquilas, apesar de ser perceptível que os alunos são muito ativos, ou seja, sempre era preciso botar “eles para trabalhar”.

Isso me preocupou um pouco também. Antes do começo da minha regência, realizei algumas atividades com eles para ir me aproximando aos poucos, até que chegou o dia em que fui dar minha primeira aula, em uma terça feira (dia que vai ficar sempre guardado em minha memória). Foi extremamente engraçado, porque no dia anterior eu quase não dormi, pensando em como seria a minha primeira aula da vida. Apesar de já ter tido contato com eles, esse seria um momento único e todos os medos vieram a minha mente. Pesquisei várias dinâmicas para fazer com eles, até que em uma aula de estágio, um colega de turma me deu uma ótima ideia: a dinâmica da teia social. Nessa dinâmica, ao fim, percebe-se que o trabalho em conjunto é o que sustenta o relacionamento em sala de aula, e o meu intuito era mostrar justamente isso a eles, com muita descontração. Depois desse momento, fiz um círculo na turma e discuti com eles um texto que levei. Foi muito especial, pois percebi todos bem atentos e participativos na discussão. Nesse dia, saí extremamente feliz da sala de aula, pois tudo tinha ocorrido como eu tinha planejado. Ufa! Finalmente dei minha primeira aula. Mas mal sabia eu, que nem sempre tudo ia ocorrer como eu havia planejado, e que está tudo bem por isso. Para as aulas que se seguiram, fiquei mais

tranquila. Fui planejando aos poucos e tudo foi dando certo. Fiz experimentos, atividades e discussões. Fiquei feliz pois em cada aula os alunos perguntavam “*professora, hoje vamos fazer um círculo de novo?*” ou “*hoje vai ter um experimento?*” Coisas simples, mas eu ganhava o meu dia com isso. Não vou mentir que tive dias assustadores, pelo fato que citei: das coisas não saírem como planejado. Apesar disso, nada se compara a alegria que senti quando pude perceber que ajudei algum aluno a esclarecer uma dúvida, ao ver que aos poucos ganhei o carinho dos alunos, ao ver o empenho deles com as atividades propostas, ao ouvir frases como “*queria que Heloysa nunca fosse embora*” ou “*você tem que ir mesmo?*”. Imagina eu, sem experiência alguma, ouvir essas coisas... foi incrível! Hoje, percebo a importância de todas as disciplinas de educação da nossa graduação, apesar de a realidade muitas vezes ser extremamente diferente do que vemos, elas servem para nos dar preparo e maturidade para o que está por vir nos estágios que, acredito eu, são uma das mais importantes etapas do nosso crescimento como futuros professores de Ciências e Biologia. Em todo esse percurso sempre me perguntei coisas como “*será que vou ser uma boa professora?*” ou “*será que os alunos vão gostar de mim e das minhas aulas?*”. Mas hoje percebo que essas perguntas têm de ser resignificadas, pois não existe uma fórmula certa para ser um “*bom professor*” e quando descobri isso foi tranquilizante, porque a gente já se cobra demais, sabe?

“Hoje percebo a importância de todas as disciplinas de educação da nossa graduação”

Acredito que temos que confiar em nós mesmos, ser autênticos e nos preparar para fazer o que achamos certo. Isso, para mim, é ser um bom professor. É ser você mesmo, sempre. E também entender que nem sempre vamos agradar a todos, e tudo bem também. Quando meu estágio foi chegando ao fim, a saudade já batia a porta. Eu estava tão próxima dos alunos que já não imaginava mais as minhas terças e quintas sem ir à escola. Sempre vi fotos felizes de estagiários com seus alunos no fim do estágio e imaginava se um dia seria eu nessa foto, com meus alunos. Até que chegou o dia da despedida. Nesse dia, recebi tanto carinho em forma de palavras, abraços e cartas, que o amor pela profissão que escolhi já não cabia mais em mim. E, por incrível que pareça, consegui tirar minha foto feliz com eles. Hoje, exalo gratidão por essa incrível experiência.





Para finalizar, talvez você esteja se perguntando o porquê desse título. Bem, certo dia de aula da minha regência, uma aluna querida me falou “*professora, você me lembra um girassol!*”. Não sei o porquê, mas desde então isso ficou guardado em minha mente, pois provavelmente foi um dos elogios mais bonitos que já recebi.

Pesquisando um pouco, me recordo que o girassol, em sua fase de crescimento, escolhe estar focado para o sol. Então, apesar de coisas “ruins” também serem muito importantes para o nosso crescimento, acredito que devemos seguir o exemplo do girassol: focalizar no lado melhor, mais bonito e mais vibrante das coisas. Assim fiz com meu estágio, e ele se tornou simplesmente extraordinário.

“Devemos seguir o exemplo do girassol: focalizar no lado melhor, mais bonito e mais vibrante das coisas”





Convicções, saberes e limitações: onde mora o belo da docência?

O que passa em sua mente quando você imagina uma escola? Crianças correndo? Adolescentes conversando em rodinhas ou jogando um jogo? Talvez você imagine salas de aulas, repleta de cadeiras e alunos, professores, coordenadores e muitas provas. Provavelmente todas suas ideias estão corretas. Entretanto, hoje proponho a leitura da escola, ou melhor, da atuação na escola, a partir da visão de uma estagiária no ensino fundamental II. Realizei meu estágio supervisionado para ensino fundamental na escola Instituto Reis Magos, localizada no bairro Alecrim, em Natal. Apesar do bairro em que a escola está inserida ser conhecido como um dos centros comerciais da cidade, a porção do bairro que abriga o colégio é predominantemente residencial, conferindo aos arredores da escola um ambiente calmo, silencioso e familiar, destoando um pouco do caos que é a pouco mais de 800 metros, onde começam os camelódromos. Optei por estagiar em uma turma de 7º ano, abordando o Reino Plantae e, sinceramente, não fazia ideia do que me esperava. Durante o estágio, tive a oportunidade de aproximar-me dos alunos, fazer parte de suas rotinas, mesmo que por apenas quatro horas de

toda semana na escola. O relacionamento e vínculo com os alunos fluíram tão naturalmente que, quando percebi, já estava ouvindo relatos animados de como foi o final de semana ou comentários de como a vitamina do pai era muito boa e um dia eu precisava experimentar. Ter um bom relacionamento com meus alunos era uma das minhas expectativas, pois imagino que um bom vínculo com os alunos favorece o relacionamento professor-aluno e acredito que seja um fator importante durante o processo de ensino-aprendizagem. Sinto que cada aluno cativou-me de uma forma diferente e única. Além disso, ter um bom relacionamento com a supervisora também é de grande relevância. Não pude esquecer que estava me apropriando das aulas e da turma que ela era responsável, portanto as orientações e conselhos recebidos também fizeram parte do que considero como sucesso do meu estágio. Durante a graduação em licenciatura, iniciação científica e trabalhos lidei com diversos textos que abordam a prática docente e recentemente, ao ler Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire, deparei-me com um trecho que causou tremenda inquietação em mim,



Jéssica Caroline Medeiros Silva

Futura professora, bióloga e apaixonada pela complexidade da vida.

Orientadora de Estágio: Prof^ª. Dr^ª. Aline de Moura Mattos

e pensei: por que não usar como reflexão acerca do que foi meu estágio e como cada parte desse trecho se relaciona com esse momento?

É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos. (FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*, 2013, p. 70)

Ao ler esse trecho, pude fazer uma retrospectiva do que estava vivendo em meu estágio e a primeira coisa que refleti foi como meus princípios influenciavam na minha prática docente, ou seja, assumir minhas convicções e a influência delas. A começar pelo planejamento. Ao planejar as aulas do estágio, busquei me aproximar daquilo que achei mais importante compartilhar com meus alunos, além disso, quais métodos eu poderia utilizar, aqueles que eu sentisse conforto e segurança em utilizá-los e que facilitasse a compreensão dos conteúdos pelos alunos. Essas escolhas dos métodos, aulas e assuntos não surgiram de repente. Ao estudar teorias da educação, metodologias e métodos, pude construir ao longo da trajetória como licencianda o que mais caracterizava a *Jéssica como professora*, ou seja, as escolhas

que fiz acerca do que mais me identifiquei começaram a fazer parte da minha identidade como docente, visto que influenciaria direta ou indiretamente na minha prática e o estágio era o momento de testar essas escolhas. Como estagiária e futura professora, também entendo que devo estar “disponível ao saber”. Interpreto esse trecho a partir de uma situação muito curiosa e peculiar vivenciada no estágio. Durante as aulas, os alunos foram bastante participativos, curiosos e comunicativos, porém, destaco a figura de Paulo. Paulo era o aluno que os colegas nomeavam de “sabe-tudo”. Em cada aula que tive oportunidade de realizar nessa turma, esse aluno trazia uma curiosidade sobre o tema. Como, por exemplo, ao falar dos frutos múltiplos, o aluno relatou o fato de ser possível plantar abacaxi a partir da coroa. Em outro momento, compartilhou uma curiosidade sobre as plantas carnívoras. “*Se todas as plantas fazem fotossíntese, as plantas carnívoras, que comem insetos, não?*”. Nesse momento, refleti o quão é importante estar aberta aos conhecimentos trazidos pelos alunos, suas curiosidades e opiniões. Dessa forma, o conhecimento se caracteriza por ser uma via de construção entre professor e aluno e não apenas uma via de transmissão do professor para o aluno. Ou seja, devemos reconhecer em nossa prática que o aluno é também uma fonte de conhecimento a ser desbravada e compartilhada. Portanto nesses momentos que o aluno decidia falar alguma curiosidade, sempre busquei compartilhar com a turma,



“O conhecimento se caracteriza por ser uma via de construção entre professor e aluno”

para que todos pudessem conhecer algo diferente, trazido pelo próprio colega. Durante a regência, também foi possível conhecer e vivenciar o encantamento de lecionar e “boniteza da prática educativa”. Aqui, destaco um dos melhores momentos do estágio: uma aula sobre as frutas, em que não utilizamos cadernos, livros, lápis, lousa ou pincel. Propus aos alunos que trouxessem frutos para que pudéssemos estudar as partes destes, de uma maneira mais descontraída e não olhando figuras nos livros. Nesse dia apareceu de tudo. Uva, melancia, maçã, laranja, tangerina e banana. Era uma verdadeira salada de fruta. Durante a aula, era perceptível a ansiedade dos alunos em abrir e comer as frutas. Para eles, talvez tenha sido a melhor aula por poder comer. Para mim, analisando a situação e refletindo sobre ela, só pude ficar encantada no fato de algo tão simples, trazer frutas para sala de aula, poder mudar completamente a dinâmica de uma aula e tornar o aprendizado muito mais significativo, ou pelo menos divertido.

Diante dessa situação, ao final da aula *entendi que podemos planejar ou idealizar e projetar, porém jamais conseguiremos imaginar o que de fato acontecerá em uma aula e é nesse desconhecido que mora a beleza de lecionar*. O retorno que os alunos nos proporcionam é como combustível para vencer desafios e planejar aulas que os envolvam.

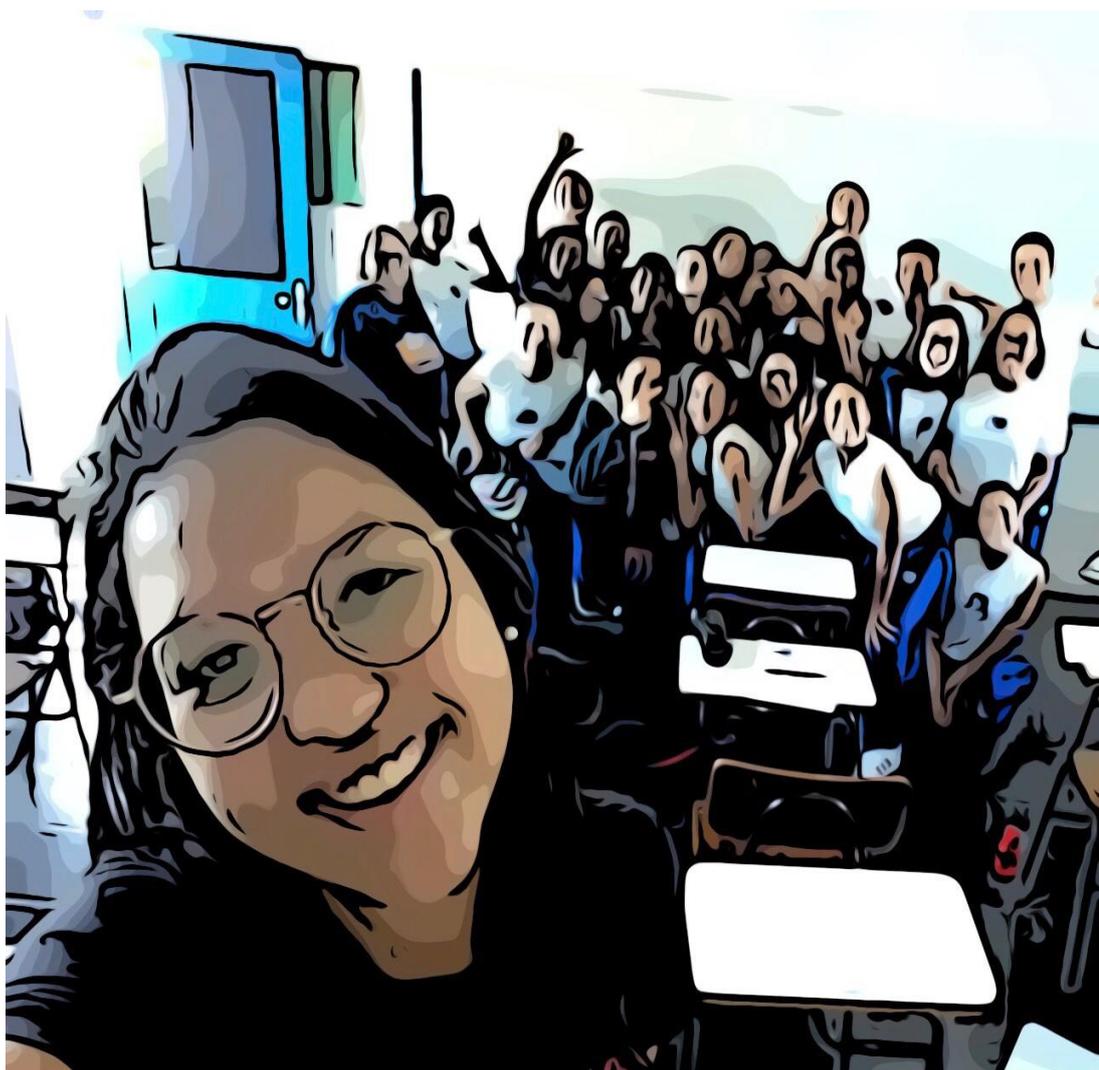
Falando em desafios, o estágio é como a ponta de um iceberg e toda a parte submersa é composta pelos desafios que permeiam esse momento. O que os alunos veem é uma aula sendo realizada. O que eu como estagiária vi foram os planejamentos das aulas, os malabarismos para dividir bem o tempo em sala de aula, a busca em manter um bom relacionamento com os alunos, não me deixar abater pela falta de segurança em mim mesma, buscar metodologias facilitadoras para construir o conhecimento e até mesmo lidar com os diversos conceitos que a biologia e o conteúdo escolhido trazem, buscando formas de tornar compreensível aos alunos. Todos esses desafios enfrentados são pertinentes e não devem ser encarados como obstáculos, mas como combustível que nos move a melhorar, buscar a solução e com isso aprender. Tenho certeza que foram esses desafios que tornaram minha experiência de estágio única e sem eles, de que serviria o estágio então?

Sabemos que não existe uma fórmula pronta para seguir e se tornar professor, a verdade é que nossas pequenas experiências vão se acumulando e servindo como guia para entender a dinâmica da sala de aula, o que se pode fazer, qual a melhor forma de agir e principalmente entender que não somos detentores de todo conhecimento e não há problema nisso. Pelo contrário, como afirma Paulo

Freire, é necessário assumir nossas limitações e, em respeito a nós mesmo e aos alunos, não escondê-las. Reflito sobre isso no fatídico dia em que eu não soube responder uma pergunta de uma aluna. *“Damasco é uma drupa? Vi em algum lugar que se chama assim”*. Durante as aulas de preparação na graduação, nos é orientado que ao não saber responder uma questão, não devemos inventar ou fingir que sabemos. É necessário assumir o que não sabemos, afinal, somos humanos. Confesso que no momento que a aluna fez a pergunta, até busquei em minha mente se lembrava da classificação dos frutos, porém a solução foi sugerir que procurássemos sobre o assunto para na outra aula tirar a dúvida. Acredito que foi o melhor caminho para a situação, pois, primeiramente, reconheci minha limitação, em segundo, não escondi da turma minha limitação. Porém, não me acomodei e sim, busquei superá-la.

As limitações como professora podem surgir de diferentes formas como, por exemplo, planejar uma aula e não agradar a todos alunos. Ou não dispor dos mais avançados recursos para uma aula. Porém, mais uma vez, é necessário lembrar que não tem problema, são limitações a serem superadas. Acredito que no futuro posso lidar com turmas diversas, cada um com sua forma de aprender e agir nas aulas. Portanto, em momento algum posso me abater e achar que não sou capaz. Pelo contrário, é necessário buscar o caminho que abrace da melhor forma minha atuação e a aprendizagem dos alunos. No final, o importante é saber extrair um aprendizado das nossas vivências em sala de aula, sabendo que lecionar é uma metamorfose constante, rodeada de experiências que nos movem.

“Sabemos que não existe uma fórmula pronta para seguir e se tornar professor, a verdade é que nossas pequenas experiências vão se acumulando e servindo como guia”



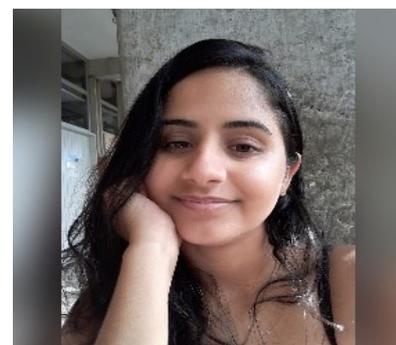


Ouça seus alunos

“Tenhamos as cabeças abertas, mas não tão abertas ao ponto de nossos cérebros se desprenderem delas”. (Richard Dawkins)

Desespero. Alívio. Amor. Essas são as palavras que definem como foi o meu Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Fundamental. Ele foi realizado na Escola Estadual Barão de Ceará Mirim, localizada na cidade de Ceará Mirim, no bairro Santa Águeda, em que boa parte dos alunos são de interiores da cidade. Essa escola a princípio não era minha primeira opção, mas devido ao fato dela ser ao lado da minha casa e também a mesma escola que meu irmão estudava, a escolhi para viver essa experiência um tanto inovadora. Mas será que tudo são flores? Acho que é praticamente impossível ouvir de um aluno de estágio que o período dele na escola foi completamente do jeito que ele imaginava ou que não aconteceu nada que o fizesse pensar em desistir de tudo aquilo. Minha turma de escolha foi o nono ano, pois eu queria ter a experiência de ministrar física e química na minha regência, e logo quando comecei eu já me dei super bem com a turma, eles foram tudo aquilo que um estagiário

esperava de uma turma e naquele momento posso dizer que meus olhos brilharam e eu senti uma esperança que conseguiria terminar o estágio somente com pontos positivos e boas experiências. Eu me dei bem com o nono ano e pretendia ficar apenas com essa turma e construir laços com cada aluno para despertar cada vez mais a vontade de ser professor. Mas eu estava muito enganada. Como eu entrei na escola no segundo período após as férias do meio do ano, eu dei de cara com vários problemas que conseguiram colocar todo o meu estágio de cabeça para baixo. Devido a diversos feriados durante o ano, eu não contava com o fato da escola ter inúmeros “impensados” na semana, eventos que coincidiam com os meus dias de aula e até problemas inesperados, como falta de água na escola. E aos poucos isso foi me desesperando, pois minha preocupação era se eu conseguiria terminar meu estágio a tempo. Meus pensamentos eram apenas que não ia conseguir, que nada daria certo, que tudo estava atrasado e realmente era essa a minha sensação até o meu último dia na escola. Como solução, acabei assumindo outra turma para suprir meus horários e foi ali



Joanny Rayane da Silva Coutinho

Graduanda em Ciências Biológicas pela UFRN, licenciatura. Futura parasitologista. A vida sem ciência é uma espécie de morte.

Orientadora de Estágio: Prof^ª. Dr^ª. Aline de Moura Mattos

que meu sentimento de desistência surgiu, pois eu estava de frente para uma turma que eu não tive contato nenhum e “do nada” eu estava assumindo as aulas. Minha sensação era que tinham jogado um balde de água fria em cima de mim, pois o oitavo ano que eu tinha acabado de assumir era totalmente o oposto do nono. Muitas aulas foram dadas pela metade, porque os alunos eram agitados demais e eu não estava conseguindo terminar um conteúdo como o planejado, sempre deixando para a próxima aula, já que perdia várias horas de aula tentando atrair a atenção deles. Parece que a turma sabia do meu desespero, pois eu só sentia olhares de julgamento e era como se ouvisse seus pensamentos “*ela não devia estar aqui*”, “*ela está nervosa conosco*”, “*será que ela não entende que detestamos estar aqui?*”.

Sempre que saía da escola, eu tinha a sensação de que estava fazendo tudo errado e que não servia para dar aula. Mas eu busquei um último recurso para tentar mais uma vez com o oitavo ano. Na aula seguinte, eu não levei material didático, nem planejei atividade ou jogos, eu simplesmente pedi que eles fizessem uma roda e que me contassem o que eles achavam que eu deveria ensinar na disciplina de ciências ou o que eles tinham mais curiosidade em saber. Pela primeira vez eu vi todos os alunos ficarem em silêncio olhando para mim surpresos com a minha atitude. Nesse momento um aluno olhou para mim e disse: “*Professora, eu sempre tenho muito sono nas aulas, pois passo o dia aqui e*

nunca acho nenhuma aula interessante, eu não sei se você pode falar sobre isso, mas seria legal para mim ter uma aula sobre sono”, e isso foi puxando outros alunos a trazerem ideias do que queriam aprender, como “*porque temos cores diferentes*”, “*como as pessoas se apaixonam*”. Nesse momento a turma voltou toda a atenção para a discussão e, a medida que eu explicava e ensinava sobre cada uma das perguntas feitas, mais interesse eles tinham. Ao invés de eu conseguir a atenção deles, eles estavam conquistando a minha e fazendo com que eu tivesse prazer em estar ali com eles, justamente aquela turma que eu temia tanto quando lembrava que ia dar aula.

Nesse momento, durante essas aulas sobre assuntos que eles queriam saber e eu sempre buscava trazer, eu percebi uma ligação com aquela turma que me fazia sentir o que era ser professor. Que não é só passar conteúdo, nem ser o dono da sala, nem aquele que sempre tem razão e o senhor de todo o conhecimento, mas sim aquele que está disposto a ouvir seus alunos e entender o porquê que as aulas não estavam funcionando, buscar ouvir mais e impor menos. Depois desse dia, as aulas de regência foram fluindo em ambas as turmas, apesar de eu ter passado noites em claro planejando experimentos de física para o nono ano das aulas de Newton, temperatura e calor, eletricidade, e tentando equilibrar com aulas diversas no oitavo, que muitas vezes escolhíamos na aula anterior para ser ministrada.

Quando eu buscava ir atrás dos melhores procedimentos de



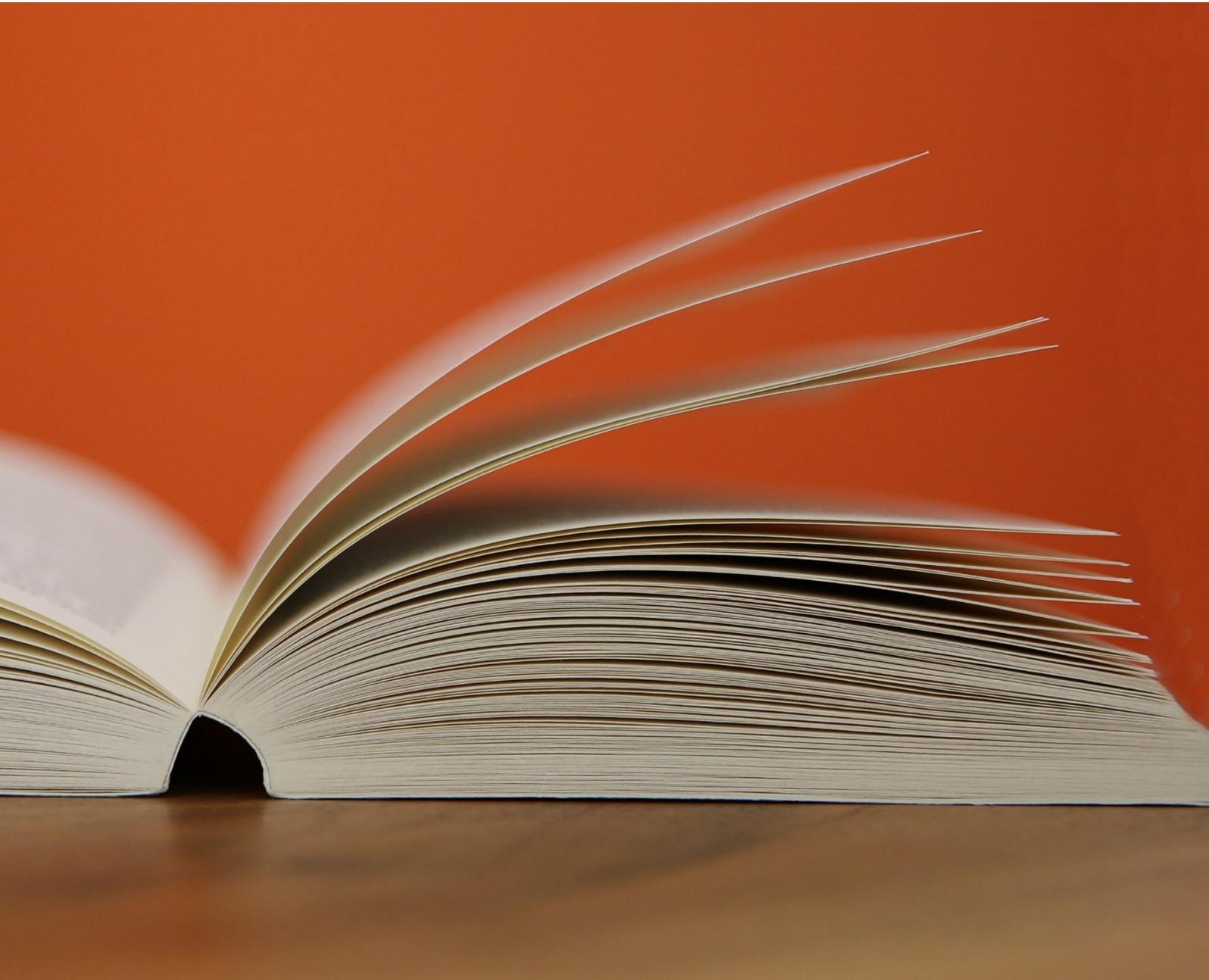
“Eu percebi uma ligação com aquela turma que me fazia sentir o que era ser professor”

ensino para turmas totalmente diferentes e com conteúdos diversos, eu tive um grande apoio da minha supervisora de estágio, que sempre estava disposta a me ajudar e auxiliar em qualquer coisa que eu precisasse como material didático, livros e até mesmo quando procurávamos juntas a melhor forma de trabalhar com as turmas. Sou completamente agradecida a ela, pois eu não sei se teria conseguido terminar esse estágio se não fosse a sua presença. Além disso, ela sempre me deixava à vontade na sala de aula, me confiando a responsabilidade pela turma. Na minha última aula, eu fiz um “dia de conversa” com ambas as turmas. O oitavo foi muito comunicativo, contaram como foi para eles a experiência do estágio e se eles mudariam algo se pudessem, e eles me surpreenderam com a seguinte resposta: “*Ouçá seus alunos*”. E isso me marcou, pois mudou totalmente a minha visão de sala de aula, pois aqueles alunos que considerei desinteressados, podem



estar só precisando de alguém que os escute e os entenda. E essa sensação eu vou levar até o fim da minha formação como professora. Já com o nono ano, a conversa foi um pouco mais focada no resultado da seleção do IFRN, pois muitos estavam desmotivados por não terem conseguido a aprovação. Nossa última aula foi baseada no EU POSSO, EU CONSIGO, EU SEMPRE SEREI MELHOR DO QUE SOU HOJE. Apesar de eu ter me apaixonado de primeira pelo nono ano, foi com o oitavo que eu senti todos aqueles sentimentos diversos de raiva, desespero, frustração, alegria, amor e satisfação. Eu conquistei o nono e o oitavo me conquistou. Ambas foram as melhores turmas que eu tive em todos os meus estágios, pois eu tive experiências diferentes em cada uma delas. Elas foram responsáveis por trazer a certeza de que eu realmente estou fazendo aquilo que quero e que gosto, e é possível ressignificar nossas primeiras impressões.

*“Eu realmente
estou fazendo
aquilo que
quero e que
gosto”*





O universo numa casca de (nós)

Parto desde o princípio a procura de mim mesmo, questionando-me sobre algumas perguntas que vagam perante a minha alma: “Qual o sentido da vida? Como e por que estamos aqui? Sendo que mal consigo respirar este ar imundo, asqueroso e cheio de cinzas. Se a sacies que paira a minha alma não consegue encontrar o seu ímpeto. Uma vez que esse chão desproporcional ao redor da escola segue o mesmo caminho do córego da vala. Como tornar significativo para essas crianças que vale a pena ler ou escrever sobre biologia ou qualquer outro tipo de ciência, sendo que a mudança “aparentemente” não está na escola ou em seus arredores? Como mudar a vida dessas crianças? Qual o meu destino? Qual seria o meu propósito neste lugar?” Sentimentos como os descritos acima eram emanados por mim durante as minhas visitas a Escola Estadual Vigário Bartolomeu. A medida em que caminhava até chegar à escola e quando vagava pelos corredores da mesma, sentia que teria um longo caminho a trilhar naquele local, percebia os alunos aparentemente tímidos com a minha presença e alguns cômicos com uma certa expressão de estupefatos em suas faces, era um tanto quanto engraçado.

Lembrarei para sempre do meu primeiro contato com as crianças do 7º ano. Ao abrir a porta da sala de aula, olhei para os alunos fixamente e os mesmos se assustaram comigo, percebi que estavam curiosos e surpresos pela minha presença. Muitos olharam uns para os outros e cochichavam, como se estivessem loucos para descobrir o porque da minha presença em sua sala. Muitos alunos estavam em pé conversando e se cutucando, brincando uns com os outros de forma violenta, alguns jogando baralhos, ou algum tipo de card game e os demais simplesmente estavam sentados e enfileirados a espera do professor. Alguns perguntaram de suas cadeiras, quem eu era e o que estava fazendo ali, respondi bravamente aos mesmos: - *Estou aqui para ser um facilitador de vidas.*

A expressão dos alunos era de se esperar, uma reação de espanto e de dúvidas se instaurou em suas cabeças. Talvez pela dificuldade de entendimento da frase, que acaba não sendo muito coloquial ou pelo tom da minha voz um tanto quanto grave, talvez ambos. Antes de iniciar a aula, pedi ao professor permissão para me apresentar para a turma e assim fiz. Percebi os alunos



João Batista
Barbalho Bezerra
Junior

Graduando em Ciências Biológicas e atuante nas mais demasiadas áreas. Sou um humano apaixonado pela vida, pelos desafios que ela nos propõe, pelos verdadeiros amigos e familiares (mãe, minha maior inspiração).

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Aline de Moura Mattos

motivados com a minha presença e consegui sentir um carinho cujo ao qual não sei explicar. Conversamos durante alguns minutos e percebi que gostaram de mim, inclusive alguns perguntaram se o professor da disciplina iria embora para sempre. Eu não me contive e comecei a rir junto com eles e o professor supervisor, foi um momento de descontração geral.

Por muitas vezes, acreditamos que nossos alunos não possuem conhecimentos específicos para nos ajudar no processo educacional. Por muitas vezes, os professores acreditam que os alunos são apenas uma casca vazia e sem conteúdo, simplesmente a espera de conhecimentos a serem depositados. É preciso esclarecer aos mesmos que os alunos não são cascas vazias. Dentro de cada um reside uma esperança, sob a qual vale a aposta. Em cada casca existe um ser complexo e dotado de saberes, todos com uma essência única e exclusiva, como se possuíssem um pedaço do universo dentro das entranhas de suas cascas existenciais. E por esse motivo devemos ser facilitadores de vidas! Não afirmo em nenhum momento que é fácil compreender as especificidades de cada um, até porque se o fizesse estaria mentindo. Os seres e seus comportamentos são demasiadamente complexos e isso é indiscutível. O que trago de lição nessa minha historinha é a necessidade de frisarmos a obrigatoriedade de um reforço ao entendimento intrínseco de si mesmo. Por muitas vezes nossos sentimentos são tão profundos e confusos, que mesmo depois de anos, às vezes não sabemos os motivos pelos quais estamos

lecionando. E nossos alunos acabam percebendo isso na mais pura essência do nosso olhar e, portanto, não se sentem conectados, impossibilitando o contato conosco.

De todo modo, dias e dias afins passaram-se através de um estalar de dedos, até que finalmente foi chegado o grande dia, um dia pelo qual esperei durante muito tempo, o dia no qual iniciei a minha regência. Minha primeira aula teve o grande objetivo de conhecer as especificidades dos alunos e dar aos mesmos a oportunidade de me conhecer e também os seus próprios colegas de turma. Queria com tal aula que os mesmos se sentissem mais próximos de mim, acolhidos de certa forma, o que acredito ser importante para tornar o ambiente o mais aconchegante e acolhedor para todos. Então, colocando-me diante da turma, pego uma bolinha que trouxe comigo em minha mochila e começo a minha aula. Cumprimento os meus alunos com um belíssimo boa tarde e peço que os mesmos saiam das carteiras, afastando-as para trás e formando um círculo junto a mim.

Primeiramente faço um bom alongamento com os mesmos e posteriormente peço que todos se sentem no chão. Nesse momento todos já estavam animados e ansiosos para o que estaria por vir.

Pedi para que pudéssemos jogar um jogo denominado por mim de "Qual o seu sonho?", em que eles teriam que dizer seu nome, sua idade e o que pretendiam fazer quando crescessem, ou seja, o que eles gostariam de se tornar, evidenciando assim os seus sonhos. A bolinha seria passada por cada um, onde teriam a oportunidade de evidenciar os



“Em cada casca existe um ser complexo e dotado de saberes, todos com uma essência única e exclusiva”

seus sonhos e pretensões. A principal lição e propósito dessa atividade foi gerar empatia entre os colegas e ajudar a conhecê-los melhor, respeitando a diversidade presente dentro da sala de aula. A dinâmica foi muito divertida e proveitosa, sendo incrível perceber aqueles alunos como seres dotados de sonhos e perseverança.

Nesse mesmo momento, eu tive a oportunidade de perguntar-lhes o que eles esperavam da disciplina e a resposta foi UNÂNIME. Eles praticamente clamaram por aulas diferenciadas e que tivessem dinâmicas como a desse dia. Pediram muito para que fosse levado para a aula animais diferenciados, vivos ou não, como por exemplo: Jacaré, cobras e macacos, além de dinossauros, e assim o fiz. Em todas as minhas aulas, eu levava diferentes exemplares de animais para a aula prática com os meus alunos e eles adoravam. Era incrível perceber o quanto eles gostavam das aulas e ver que eles se debruçaram diante dos animais, nesses momentos pude

entender o quanto uma simples aula prática pode mudar a vida de uma criança. As dinâmicas também foram essenciais. Pude perceber que todos eles gostaram muito de todas as dinâmicas, e se divertiam muito as realizando. Creio que seja extremamente importante aqui ressaltar o respeito sobre o “querer do aluno”. É essencial nos colocarmos no lugar do outro, tentando ver a realidade deles e compreendê-los. É esse diferencial de cada um que faz com que nós façamos história, fazendo com que esses alunos se sintam respeitados. Essa vivência e essência deles é o que move o mundo e proporciona aos indivíduos a oportunidade de enxergar o outro de uma forma diferente. E talvez esse respeito mútuo seja uma das formas de tornar significativo a ciência para uma criança.

Descobrimo-nos como indivíduo e como professor, além de compreender os motivos pelo qual você está ensinando, é um passo que deve ser dado todos os dias. Entender o seu destino e quais são os objetivos a serem alcançados ao longo de sua jornada é um fator essencial para conseguir causar impactos positivos na vida dos indivíduos. É necessário compreender os alunos como um todo, tal como o ambiente no qual ele está inserido e passar a vê-los como indivíduos dotados de sentimentos, angústias, tristezas, alegrias e emoções, não apenas como um depósito de saberes. É preciso conhecer as suas dificuldades e limitações, histórias e especificidades, luz e trevas. Por muitas vezes focamos apenas nas metodologias de ensino, crendo com toda fé que apenas isso é possuir um diferencial, mas elas apenas e por si só não bastam. Encontrar-se como facilitador de conhecimento, mostrando de forma prática ao aluno a

importância dos saberes e as mais diversas formas de se aplicá-lo no mundo e sociedade, demonstrando ser possível melhorar o processo de desenvolvimento humano e, portanto, promover o bem-estar, a saúde, a segurança e a solução de problemas que circundam as nossas comunidades e não menos o dia-a-dia deles, isso sim, meus caros, na minha mais modesta e humilde opinião, é ser um diferencial e, sobretudo, é a poção para tornar significativo os conhecimentos ao aluno, sendo este um bom caminho para fazer do mundo um lugar melhor.

Por razões que talvez nunca saibamos, estamos aqui, presentes nesse pedaço de universo presos dentro de uma simples, porém complexa, casca de nós mesmos. Cada ser humano possui sua casca existencial e cada aluno suas especificidades. Acredito ser necessário que saibamos os motivos que nos levaram a busca pela docência e que nos fizeram trilhar tal jornada desafiadora, tornando-se mais fácil evoluir de um educador para um facilitador de vidas, que contribui diariamente para a evolução da casca de nossos jovens e caminham na expectativa de causar uma mudança positiva em suas vidas, tornando seu universo o caminho para fazer desse mundo um lugar de esperanças. Não tenho nada a reclamar sobre esse estágio, apenas a agradecer. Gostaria de mostrar minha imensa gratidão pela jornada que foi me proporcionada pelo 7º ano da E. E. Vigário Bartolomeu. Pelo grandiosíssimo acolhimento, agradeço ao meu supervisor e a todos os membros dessa belíssima instituição. Por todos os conselhos e orientações, agradeço a ilustríssima Profa. Dra. Aline de Moura Mattos, que me guiou lindamente durante tal jornada

“É essencial nos colocarmos no lugar do outro, tentando ver a realidade deles e compreendê-los”

desafiadora. E por fim, aos meus alunos do 7º ano, queria que soubessem que todos estarão para sempre no meu coração, fazendo-o vibrar nos dias em que me sentirei só e aquecendo-o todos os dias em que me sentir triste. Vocês alegrarão para sempre a minha vida através das lembranças de tudo o que vivemos. Os levarei em minha trajetória, onde sempre procurarei por vocês dentro de mim. Talvez você, meu caro leitor, ainda não tenha percebido o que está sob sua face enrugada e sobre os seus olhos esbugalhados. Provavelmente não compreendeu, os motivos cujo aos quais levam-me a mais profunda solidão de minha psique. Aparentemente você ainda não sabe, mas sou apenas um louco, a procura de mim mesmo.





Carta aos futuros estagiários

A Escola municipal Brigadeiro Eduardo Gomes está localizada no município de Parnamirim-RN, em uma região tranquila e pouco movimentada no bairro de Nova Parnamirim. A escola possui um certo “capricho a mais” por parte da gestão em relação aos cuidados com a escola. O espaço da escola possui plantas com muitas flores, bem como materiais recicláveis e coloridos, o que torna o ambiente simples e convidativo. A professora Supervisora trouxe exemplos diversos e bem explicados do dia a dia para os alunos durante as primeiras aulas. Além disso, a professora mostrou-se muito atenciosa durante todo o processo, demonstrando apoio em cada semana do estágio e fazendo questão de explicar os detalhes da rotina de um profissional da educação. A minha relação com os estudantes foi melhor do que eu esperava, tendo em vista os muitos comentários negativos a respeito dos alunos e escolas.

A turma era do 6º ano, com 33 alunos que gostavam bastante de conversar mas que, ao mesmo tempo, respeitavam a professora e o estagiário. A sala de aula não era muito diferente do que eu esperava: vários objetos jogados no chão como tiras de papel, borrachas e canetas, porta quebrada e sem maçaneta, cartolinas com desenhos e quatro ventiladores. Em sala era possível ver uma certa preocupação por parte dos alunos em relação ao silêncio que devia fazer-se necessário durante as aulas ministradas por mim e uma certa curiosidade em relação a mim durante os primeiros dias de estágio. Em relação às limitações, não houveram muitas, além da famosa insegurança que muitos estagiários possuem antes de iniciar o estágio. Os primeiros dias de visita a E.M. Brigadeiro Eduardo Gomes foram bem prazerosos, com funcionários prestativos e uma gestão organizada. O estágio deu-se de forma tranquila e foi muito melhor do que eu pensava, com muitos momentos marcantes com direito a dinâmica sobre reciclagem, dinâmica da qual pude interagir bastante com os



Lucas da Silva Xavier

Biólogo, pensador, amante de guitarras, baixos, bateria, biologia, planeta Terra, universo e coisas nerds.

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Aline de Moura Mattos

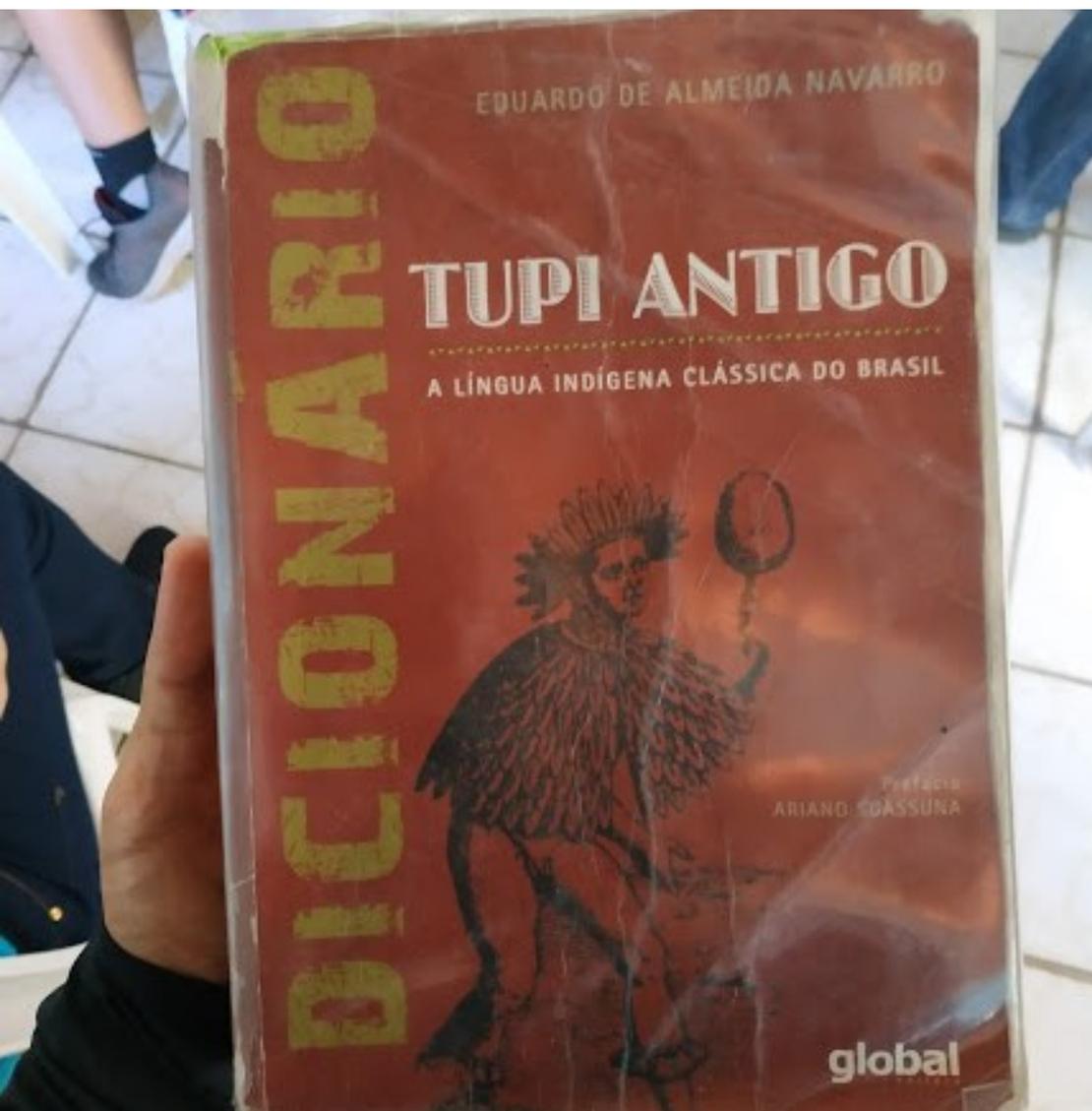
.....

alunos, onde conversamos sobre o lixo produzido pelas sociedades e seu local de destino. Outro momento marcante foi o passeio à uma comunidade indígena, onde pude observar que existem escolas indígenas no RN que ensinam tupi e etnohistória e que proporcionam um aprendizado rico em tradições indígenas.

Em uma das aulas sobre Solo e Agricultura aprendi e revisei muitos assuntos que não lembrava mais e que pude reaprender ampliando meus horizontes. Um dos momentos de aprendizado ocorreu quando uma das alunas comentou que seu pai utilizava pó de ossos para reduzir a acidez do solo, rapidamente lembrando as aulas de fisiologia comentei que no nosso corpo os ossos também serviam como reserva de cálcio, que é o composto responsável por reduzir a acidez do solo.

Muitos momentos são breves, outros momentos são ricos em aprendizado e a cada dia do estágio eu aprendia com os alunos e outros profissionais da escola. Aprendi que ser professor é uma experiência única na vida e é algo que traz uma reflexão sobre o sentido de tudo, docência, educação, universo e tudo mais. Para os futuros professores e estagiários: não se preocupem com os questionamentos que são comuns a todos os estagiários. Apenas façam planejamentos, estudem, se preparem, deem o seu melhor e aproveitem que as respostas virão com o tempo junto com as melhores experiências.

“Aprendi que ser professor é uma experiência única na vida e é algo que traz uma reflexão sobre o sentido de tudo, docência, educação, universo e tudo mais”



.....



Criança não, professora! Pré-adolescente

Agora que já nos conhecemos, vou apresentar o local onde fiz o estágio, foi na escola Municipal Prof. Nazaré de Andrade Duarte, localizada em Goianinha-RN, uma cidade que fica a 60 km de Natal. Nesse momento você deve estar entendendo o motivo do título "Criança não, professora! Pré-adolescente", essa foi uma frase muitas vezes dita pelos meus alunos e foi nessa fase de transição onde eles já são "velhos" demais para ser criança e "novos" demais para serem adolescentes que eu os conheci. Nunca tinha tido experiência com crianças e uma vez vendo um vídeo do historiador Leandro Karnal, escuto a seguinte frase: "Quem já deu aula para sexto ano é capaz de fazer qualquer coisa no planeta terra". E foi com esse pensamento que eu entrei naquela sala de aula, quente e muito desconfortável. No primeiro dia, eles estavam agitados e curiosos, mas aos poucos fui aprendendo a lidar com tanta energia, conversei com alguns e me fizeram várias perguntas, queriam saber da minha idade, o que eu fazia, o que estava fazendo ali. Eu expliquei que era um estágio e fiz

algumas perguntas sobre eles, a maioria me contou seus sonhos para o futuro, qual profissão desejariam seguir, naquela sala fui apresentada ao futuro neurocirurgião, algumas advogadas; uma aluna queria ser juíza e modelo, era bonito ver quantos sonhos eles carregavam e me fez lembrar quantos eu já tinha deixado para atrás. Depois do período de observação, tivemos as nossas primeiras aulas, a grande maioria foi na sala de vídeo, onde ficava o único projetor que funcionava na escola, e era a única sala climatizada, isso tornou tudo mais confortável. A parte negativa dessa sala é o espaço, ela é formada por bancadas e os alunos acabam ficando muito próximos o que aumenta a conversa. Nossas primeiras aulas foram sobre lixo e para mim foi muito animador ver a concentração de cada um deles: discutimos os problemas ambientais causados pelo lixo, falamos sobre consumo e fizemos atividades. A minha favorita foi a produção de brinquedos partir do material reciclado, meus alunos ficaram bem animados ao apresentar os brinquedos, depois eles tiveram um tempo para brincar com o que foi produzido. Depois falamos sobre propriedades da



Marianna Barros Silva

Olá, caro leitor. Primeiro quero me apresentar, meu nome é Marianna Barros Silva, mas pode me chamar Mari, tenho 23 anos, libriana, curso Ciências Biológicas na UFRN, sou apaixonada por bioquímica, adoro praticar esportes.

Orientadora de Estágio: Prof^ª. Dr^ª. Aline de Moura Mattos



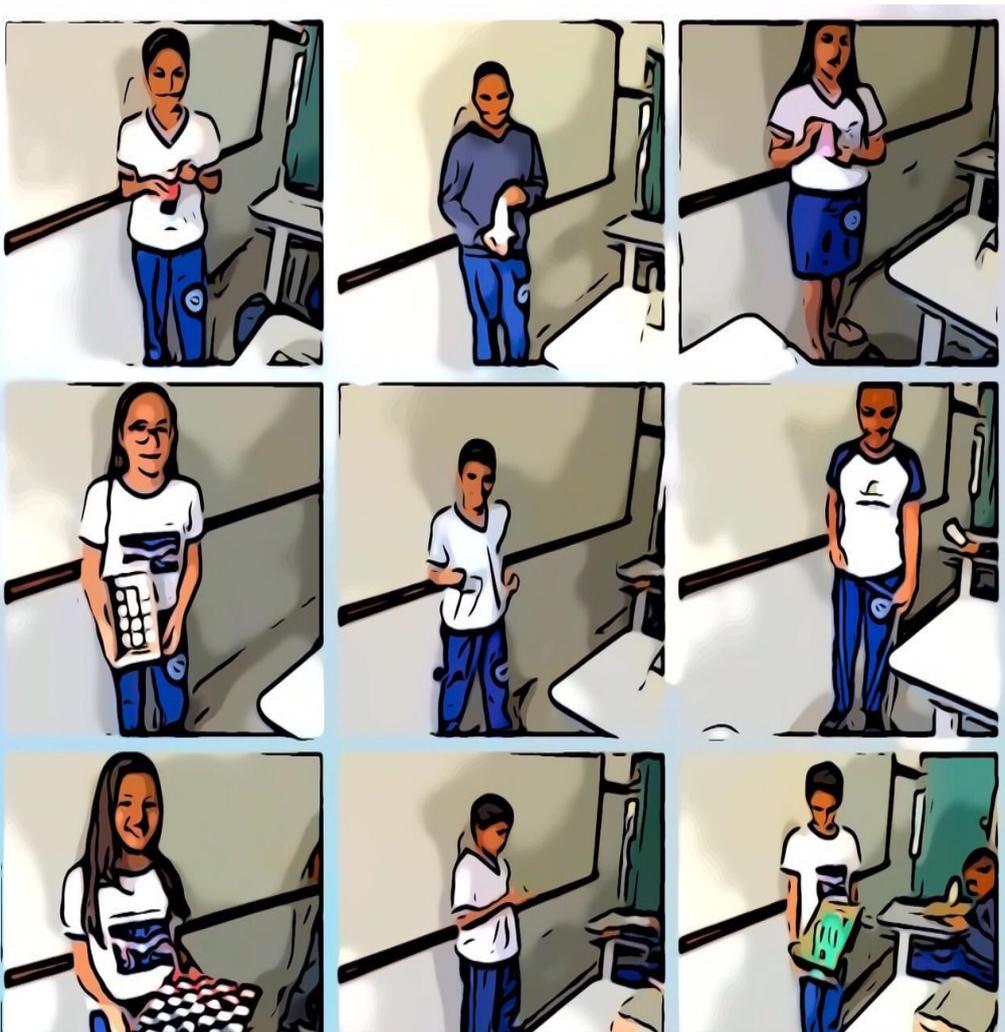
matéria. Algumas aulas foram canceladas por ter festas na escola, feriados, reunião pedagógica, toda semana tinha alguma coisa, foi nesse período que eu estive mais desmotivada, pensei que não conseguiria dar todas as aulas programadas. Depois desse período complicado, consegui ministrar o próximo conteúdo programado para a turma, no começo foi complicado, pois é um conteúdo abstrato, além disso a turma é muito agitada e eu tive dificuldades para acompanhar o ritmo deles.

Para melhorar a aprendizagem dos alunos, reservei a sala de vídeo e aulas foram mais tranquilas consegui envolvê-los, eles são ótimos alunos, cheios de energia. Não acredito que gritando eu resolveria alguma coisa, então conversamos muito. Na aula seguinte de propriedades da matéria levei vários experimentos, imagens, gifs. Queria que esse conteúdo se tornasse o menos abstrato possível, os alunos interagiram muito, alguns assistem uma canal chamado manual do mundo, e já sabiam o que era matéria, corpo, objeto, átomo, inércia então deixei que eles falassem, esse momento foi muito animador, sabe aquela luz no fim do túnel? Pois é, era o que precisava, já no final do estágio eu consegui me ver realmente como professora daqueles meninos, criei um laço com eles que eu não esperava.

No nosso último dia, preparei alguns slides para mostrar a eles como eu tinha me sentido durante o estágio e foi uma sensação maravilhosa compartilhar meus sentimentos com

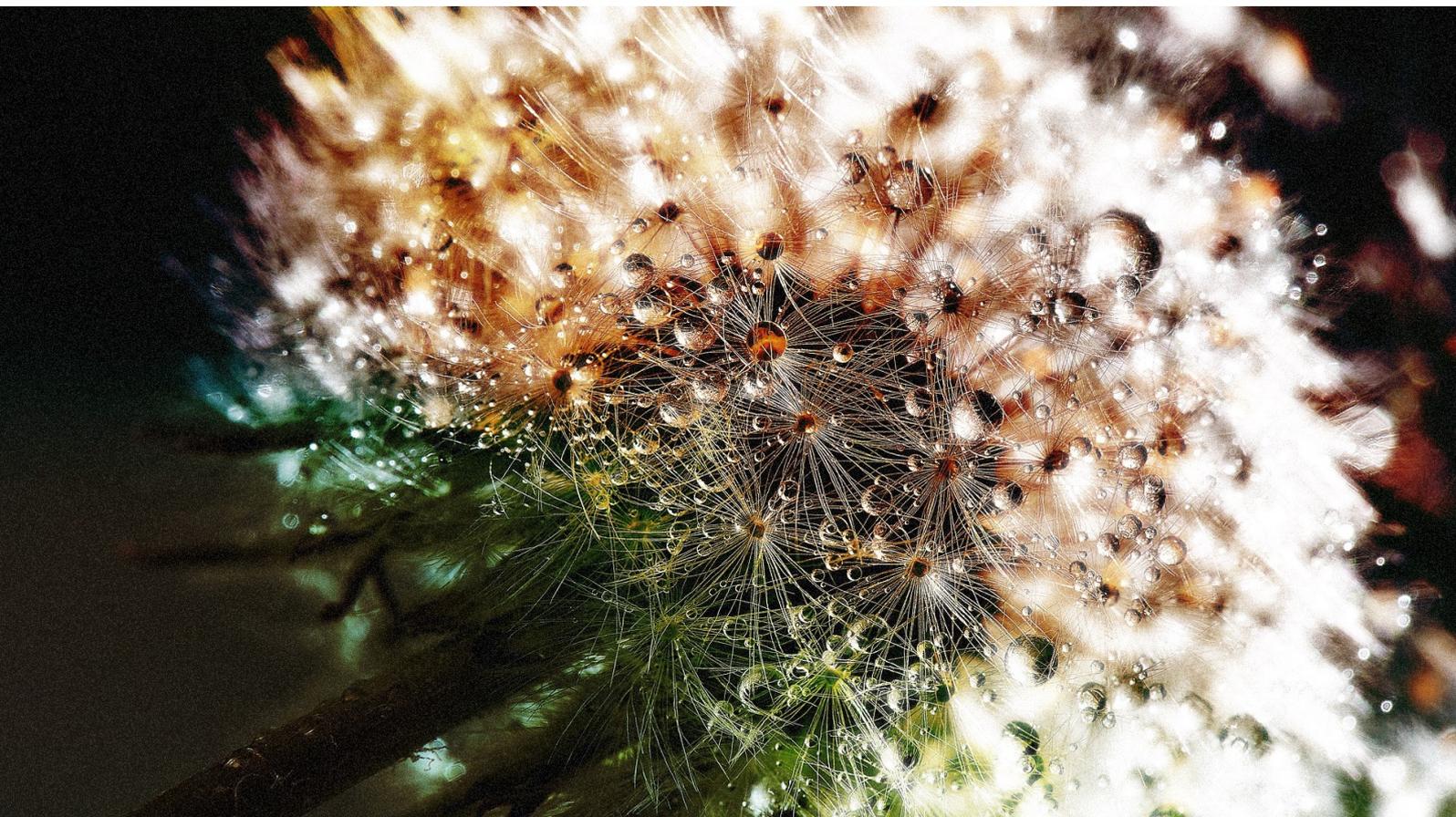
cada um deles. Tive um semestre muito difícil e receber todo aquele carinho sincero vindo deles era o que precisava, foi um momento de calma no meio de uma tempestade. Para finalizar esse relato, deixo a mesma frase que entreguei para eles junto com um chocolate no meu último dia: *“Ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo, todos nós sabemos alguma coisa, todos nós ignoramos alguma coisa, por isso aprendemos sempre”* (Paulo Freire). Escolhi essa frase, pois aprendi muito com esses pré-adolescentes, eles me ensinaram a ensinar, me fizeram mudar a linguagem acadêmica e chegar até eles. Aos trancos e barrancos, acredito que eu tenha conseguido.

Obrigada aos meus pré-adolescentes.



“(...) aprendi muito com esses pré-adolescentes, eles me ensinaram a ensinar, me fizeram mudar a linguagem acadêmica e chegar até eles”





É sobre regar e não podar

Nesse meu estágio, tive o prazer de me fazer professor de ciências na Escola Municipal Iapssara Aguiar, localizada na zona norte de Natal, no bairro Potengi. Meus alunos foram as "sementes" do 6º ano, com eles pude aprender e dividir muito sobre os temas água e ar. A ideia era conseguirmos fazer um momento de troca de informações e reflexões sobre os temas, levando em consideração que as ciências sempre nos cercam e nós podemos/devemos nos apropriar do conhecimento para entender/mudar a nossa realidade.

Abaixo, um poema sobre a minha experiência e reflexão sobre o que é ser PROFESSOR:

É sobre regar e não podar

5:40 da manhã
Sol no canto dos olhos
Segunda com preguiça me chama pra acordar

Um café quente
Na frente da sala,
E eu vejo as sementes do Iapssara Aguiar

Escola ainda em silêncio
Repleto daqueles grupinhos de meninos que na gente morou

Hoje, quase engraçado, às vezes nem creio que me chamam de adulto e também professor
Professor?
Professor?
Professooooor? !!!

"O que você que ser quando crescer?"
"Daria um bom engenheiro ou doutor"
"Aqui na vida a gente tem que fazer dinheiro, eu nunca vi pagar boleto com amor"

E daí se desde de pequeno
Você tem essa inclinação pras artes
Tô vendo aqui você quase acabando essa bendita faculdade

Risos
Eu imagino
Nem vou entrar em detalhes
A verdade é que esse diploma
Não me preenche de verdade

Entro na sala com as sementes enfileiradas com essa ideia
De que apenas valem a nota
Que alcancem daquela matéria



Pedro Victor da Silva Santos

Tenho 22 anos, sou do signo de sagitário e estou cursando o 9º período de Ciências Biológicas na UFRN. Além disso sou artista, trabalho como Drag Performer (QuilombaZu), sou compositor e atualmente ando me descobrindo como cantor.

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Aline de Moura Mattos

É meio rígido, bruto,
Às vezes até pesa o ar
A minha vista uma sala de aula
Cheia
Mas ao mesmo tempo vazia

Por que não tem cor?
Por que ser em quadrados?
Por que esse desespero pra o intervalo?

Se a gente não rega direito
Não importa o tanto de água
Pra plantar o chão também tem que ser bom
E o sol tem que bater na cara

"Vocês acham que tem água dentro dos seres vivos?"
Faça seu aluno correr e pingar
Até pensar "de onde veio isso? "

Quer explicar pra ele como funciona o ar?
Leva uma pipa, uma bexiga,
Faz ele pensar em voar!

Quer discutir com ele sobre o mar poluído?
Mostra pra ele o jornal das praias
Que teve no último domingo

Sempre pergunte, mas sempre escute
As sementes brotam ao falar
Leva pra elas um pouco um pouco de tinta
Não tem problema em se melar

Mas olhe, em nenhum momento vou dizer que vai ser fácil
Ser professor é ser potenciador
E é difícil quando se está cansado

É muita turma, é muita luta
E às vezes sem tempo pra se cuidar
Eu desejo de verdade a você
Que a gente também possa se regar

Regar e não podar
Ver o que tá lá dentro e por pra fora
Dizer pra essas sementes
Que o que ela gosta também importa

Se por um algum momento eu fiz isso
Cumprir com aquilo que eu queria
Foi uma honra ser professor
Mas meu sonho é ser ARTISTA

Pra todos que querem seguir regando
Um abraço de verdade, vocês, PROFESSORES, são a chave
pra liberdade.



*“Regar e não podar
Ver o que tá lá dentro
e por pra fora
Dizer pra essas
sementes
Que o que ela gosta
também importa”*



Sobre ser resiliente

Nem tudo na vida são flores, há bons e maus momentos, e isso inclui a nossa vida profissional também. Tentarei mostrar para vocês como uma experiência negativa pode ainda ser proveitosa de alguma forma. Meu Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Fundamental foi realizado na Escola Estadual União do Povo de Cidade Nova, localizada no bairro de Cidade Nova em Natal-RN. Por não ser uma escola situada em bairros mais centrais da cidade, ela atende majoritariamente a população local, contendo apenas 12 salas de aulas e com mais de 400 alunos matriculados por turno.

Acredito que ensinar para o Ensino Fundamental sempre foi um medo presente nos alunos que fazem licenciatura. Se imaginar incapaz de trabalhar com crianças e pré-adolescentes é um pensamento que normalmente passa pela mente do aluno que irá começar seu primeiro estágio à docência. Eu senti tudo isso e comecei a ficar nervoso por antecipação. Dessa forma, as minhas expectativas para ensinar para o 6º ano do Ensino Fundamental não foram tão boas. Fiquei responsável para fazer o estágio no 6º ano da referida escola, turma com 40 alunos matriculados, embora boa parte desses alunos não costumassem ir para as aulas. Infelizmente, essa turma é composta, em sua maioria, por alunos que já reprovaram algumas vezes, contendo inclusive alunos com 16 e 18 anos.

Por causa do desnivelamento dos alunos, a impressão que eu tive, durante o tempo de observação das aulas do professor e durante as minhas próprias aulas também, foi que muitos dos que compõe a turma já estavam desmotivados para continuar os estudos. Infelizmente essa desmotivação acabou passando também para mim principalmente na reta final do estágio. Por não conseguir trabalhar com eles conforme o meu planejamento, em meio a dificuldade para ensiná-los por não conseguir lidar muito bem com a turma (talvez por não ter planejado uma melhor e mais criativa abordagem que conseguisse os deixar mais interessados), muitas vezes me senti angustiado e simplesmente sem saber o que fazer.

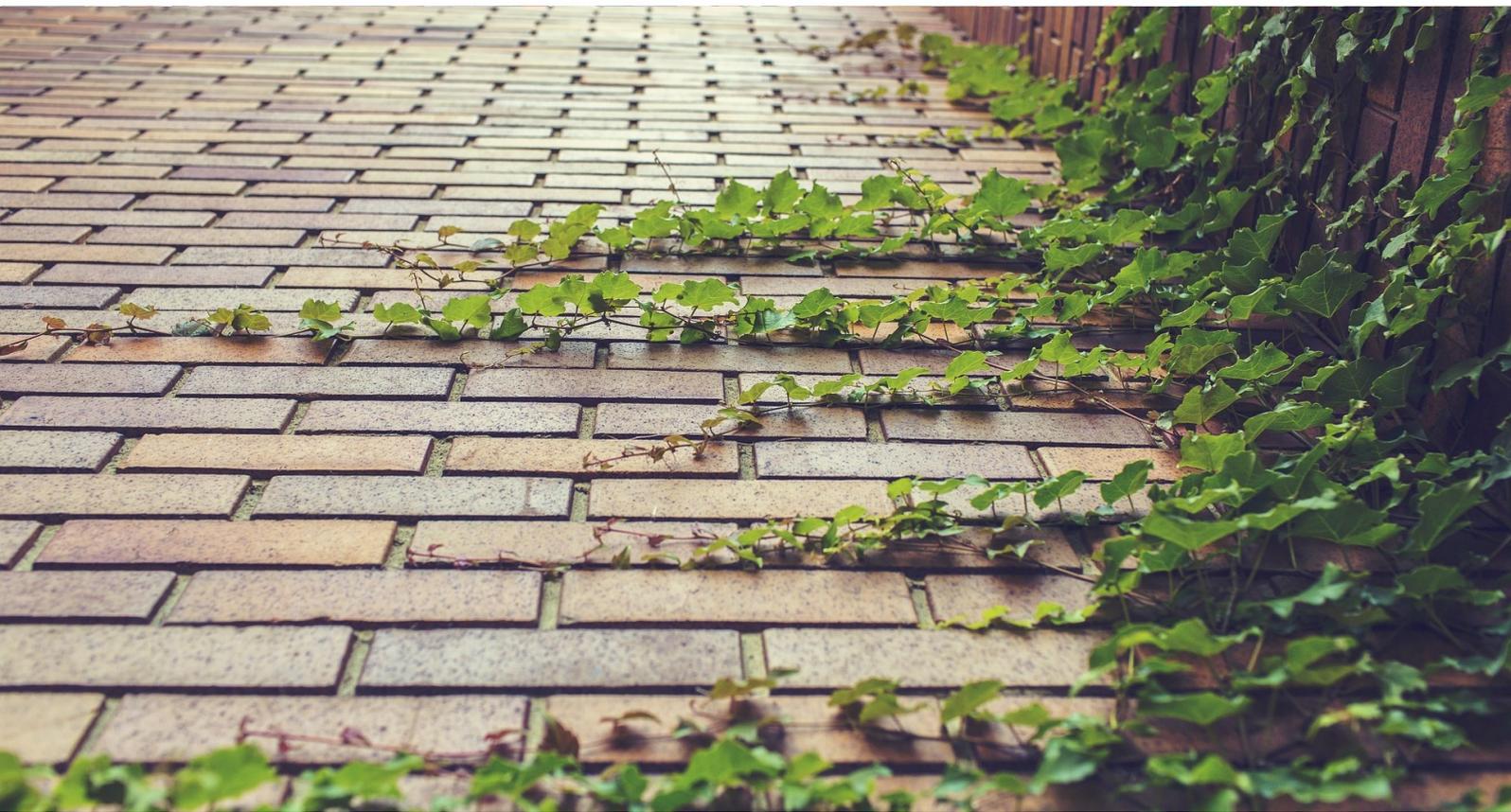
Por mais que esse estágio não tenha sido muito fácil para mim, o vejo como uma oportunidade para crescer, amadurecer e ampliar minha visão sobre o que de fato estou encarando quando decidi ser professor. Viver essa profissão é extremamente gratificante, embora nem tudo sejam flores. Mas descobri que uma característica essencial para a carreira docente é a resiliência, que junto com o amor pelo ensino faz tudo valer a pena. Ademais, não podemos rotular uma simples experiência ruim em um estágio com toda a jornada docente que ainda teremos pela frente, não é? Fica a dica e não desanime!



Rômulo Freire de Albuquerque Lima

Graduando em Ciências Biológicas/Licenciatura pela UFRN, monitor de Bioquímica do Departamento de Bioquímica do Centro de Biociências (DBQ-CB), cristão, amante de jogos eletrônicos e animes, além de ser apaixonado por cachorros.

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Aline de Moura Mattos



Sobre crescer e se reinventar

Gostaria de começar esse relato com um sincero, obrigada! Obrigada Deus, obrigada família, obrigada a minha supervisora, obrigada aos meus amigos e colegas de curso e principalmente aos meus alunos. O sentimento é de gratidão, estar resumindo em poucas páginas essa experiência é a completa realização de um sonho.

Para realizar meu estágio, escolhi a escola Estadual Felizardo Moura que fica localizada no bairro das Quintas (Natal/RN), por ser próxima de onde eu moro e por já ter trabalhado enquanto bolsista do PIBID – Biologia. Muitos dos alunos que compõem o quadro escolar são da redondeza da escola. Algo que já sabia e temia era a poluição sonora que rodeia a escola, por ser localizado em uma rua principal de acesso a várias regiões da cidade de Natal.

Me senti confortável com a escolha dessa escola, pois a minha supervisora além de uma excelente profissional é um amor de pessoa. Em conversa decidimos que iria estagiar com turma do 6º ano.

Após conversarmos sobre minhas aflições, percebi através do olhar da minha supervisora que tudo depende de como eu enxergo as coisas ao meu redor. Estava observando superficialmente e, do lado de cá, parece que está tudo errado, que alguém precisa despertar e virar tudo para o lado correto, pois as coisas estão ao avesso. Só que, quando paramos para analisar como “gente grande”, percebemos que o contexto escolar, juntamente com todas as suas limitações e escassez, vai muito além do que os nossos olhos podem enxergar. Então, minha supervisora me encorajou a dar o meu melhor. Terminado a observação, chegou o dia de dar o meu melhor. Meu melhor? Isso parecia ser fácil se dependesse só de mim. Cheguei achando que iria ser “moleza”, contando com minha experiência do PIBID - Biologia. Mas percebi que a sala de aula é uma caixinha de surpresas, parece assustador e mágico ao mesmo tempo. É uma mistura de emoções que não consigo definir em palavras, sabe? Os primeiros dias foram frustrantes. Foi angustiante ver que nada estava saindo como



Thauana Wuelly Alves Ferreira

Sou estudante do curso de Ciências Biológicas da UFRN.

Orientadora de Estágio: Profª. Drª. Aline de Moura Mattos

planejado. Planejei minhas aulas da forma mais didática possível, de acordo, claro, com meu ponto de vista. Comecei a partir daí a aprender a me reinventar e como é bom poder dizer isso hoje. Aprendi com aqueles pequenos que eu consigo ir ainda mais além da minha sequência didática e que, mesmo que eu não siga o planejado, está tudo bem. Confesso que isso me custou algumas lágrimas na primeira semana. Hoje percebo que fez parte do meu amadurecimento. Planejar é maravilhoso, ter tudo sob controle é ótimo. Mas em uma sala de aula tudo pode acontecer, tudo pode mudar e isso é o que nos torna professores.

Ao longo dessas horas de estágio, percebi que não sou o tipo de professora autoritária. Sabe aquela que levanta o tom da voz? Eu não consigo. E isso parecia me atrapalhar bastante no início, pois os alunos como um todo conversam e esperam o professor chamar a atenção com um sinal de alarme e pedir silêncio. Pensava inocentemente “não vou gritar, educação eles precisam trazer de casa”. Mas que tipo de “educação” eu estava me referindo? Comecei a perceber que, de fato, eles são crianças. O 6º ano, apesar de apresentar alunos que repetiram de ano e que estão desnivelados em relação à grade, ainda assim são crianças. Crianças que muitas vezes, desde cedo, precisam trabalhar para mudar sua realidade. Me emocionei muito com um aluno, que quase sempre chegava atrasado e senti a curiosidade de perguntar porque ele se atrasava tanto. Então

ele abriu o seu coração e me relatou alguns problemas que estava passando com sua família. E eu pensei, “Deus, ele só tem 16 anos e sua maior preocupação deveria ser chegar no horário certo nas escolas”, ao invés de conseguir um emprego para sair de casa. Contive as lágrimas nesse dia, acho que quis me mostrar forte e ser convincente enquanto falava que ele iria conseguir conquistar todos os seus objetivos, pois ele tinha o essencial: força de vontade. Levando em consideração a turma, aos poucos, percebi que eles foram me respeitando e quando menos esperava eu conseguia que eles colaborassem com as atividades, mesmo sem eu precisar gritar com eles. Não estou dizendo que é simples e fácil, pois não é. Afinal, eles são crianças. Assim, conseguimos trabalhar os assuntos sobre “Ar e atmosfera terrestre” ao longo dessas 20 horas/aulas. Houve aulas em que precisei repetir muitas vezes e explicar de formas diferentes, aulas essas que tomaram mais tempo que o programado, e mesmo assim ocorreu tudo bem. Precisei trabalhar isso em mim. Não era no meu tempo, era no tempo dos meus alunos. Eu estava mudando e mudando para melhor. É isso que o estágio proporciona. O estágio nos faz mergulhar em um oceano que pensamos que já conhecemos, só porque ficamos observando por fora. Quando você está lá dentro, é preciso se reinventar a cada momento. Sinto que é isso mesmo. Sei que o oceano em toda sua imensidão é lindo, rico, diverso e às vezes até obscuro.



“Cada aluno com seu jeito, sua forma de ser e de aprender, ensinou-me bem mais do que eu poderia imaginar”

Assim foi a minha sala de aula. Infinitas são as possibilidades e os acontecimentos. Cada aluno com seu jeito, sua forma de ser e de aprender, ensinou-me bem mais do que eu poderia imaginar.

Às vezes eu paro e penso: “Professora?”. Quem diria? A Thauana de anos atrás ficaria muito feliz em saber de como estou hoje. Sempre fui muito confusa e indecisa em relação ao que eu queria ser em termos profissionais. Não escolhi ser professora e estou me tornando uma. Obrigada, vida! Desde cedo, pensei em fazer um curso que pudesse me trazer um retorno em relação a emprego e de forma mais fácil, então escolhi a licenciatura. Infelizmente, minha família não possui histórico positivo de pessoas que através do estudo tornaram a sua realidade diferente, por isso nem sempre ouvi incentivos, não os culpo por isso.



O grande sonho do meu coração era estudar na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e eu não achei que conseguiria. Estando na UFRN e por precisar conciliar tudo com um emprego, confesso que abdiquei de muitas coisas ao longo desses anos para me manter na graduação e o estágio era o meu maior medo desde o início. Muitos me perguntavam “como você vai estagiar?”. E isso me deixava triste. Mas como quase tudo na vida tem um jeito, estou aqui com lágrimas nos olhos e gratidão no coração reconhecendo que tudo valeu a pena. Se eu soubesse que essa experiência não teria preço, eu teria me angustiado menos. Ou talvez não.

Não acho que nascemos professores ou escolhemos ser, nos tornamos professores quando além de contribuir para construção de conhecimentos, também nos importamos com nossos alunos. Lembro me bem que um dia minha professora de História do 9º ano estava comentando com outra professora que eu era uma boa aluna, e ela falou “Thauana? Ah, Thauana vai ser o que ela quiser”. Não me lembro bem do contexto dessa conversa, sei que nunca esqueci dessas palavras e até hoje as guardo no meu coração. Guardo muitos professores no meu coração, também. Quero viver para ser a professora que um dia algum aluno vai se lembrar, seja por algo simples, seja por um assunto que despertou o interesse e se “amarrou”, seja por qualquer coisa. Fico na torcida que essa “coisa” seja boa.

Por fim, gratidão!

“Não acho que nascemos professores ou escolhemos ser, nos tornamos professores”





O estagiário como estrangeiro: alguns estranhamentos que podem guiar o futuro professor “de volta” à escola¹

*En la realidad de cada día,
situarse en la posición ventajosa del
extrangero
es poder mirar con perplejidad e
interrogativamente
el mundo en el que se vive.*

Maxine Greene, El Profesor como
extrangero.

Em nossas trajetórias como professor de Estágios Supervisionados, e outras disciplinas “práticas” ou “pedagógicas”, sempre olhei com curiosidade “as falas” de licenciandos, as vezes em tom provocativo, porém “sinceros”, de que os professores destes componentes na Universidade, desconheceriam o mundo “lá fora” (a escola) ou além do que existe fora de sua “bolha” (a Universidade), explicitando um choque de “realidades” que eles vivenciam enquanto estagiários nas escolas-campo. Estas falas revelam conflitos e tensões existentes, não só entre a universidade e a escola, entre a prática e a teoria, entre uma metodologia/didática “ideal” e uma “real”, mas também de um processo de constituição de uma identidade, de subjetividades e de um “dar sentido” para tudo aquilo que o sujeito “vive” enquanto professor em formação (GREENE, 1995, p. 82).

De todo modo, estas tensões e conflitos só poderão ser externalizadas a partir de um espaço de diálogo e troca de saberes e experiências, dentro de uma concepção de horizontalidade do conhecimento e de um entendimento de que cada sujeito carrega consigo um rico e profundo repertório de saberes e conhecimentos. É neste contexto, que a sala de aula ou a escola, transformam-se em um espaço de estranhamentos, onde o estagiário (e por vezes o professor do Estágio, sensível a este movimento) se coloca como um estrangeiro que retorna ao seu lugar de origem, considerando que um dia também percorreu caminhos semelhantes (ou de forma radical: opostos) em sua formação, implicando assim, um encontro com a alteridade e uma mudança de olhar para si e para o outro². O estranhamento gerado por este encontro poderá se constituir em um caminho para o diálogo, para a troca de ideias, a busca de novos sentidos à formação de professores, e por estes motivos, é que consideramos os Estágios como potência no campo da formação: que se desdobram a partir das escolhas, engajamentos, dos olhares sobre si e sobre o mundo (a escola, o ser professor), enfim, de suas experiências.



Pablo Sebastian
Moreira Fernandez

Paulista, criado nas bordas da Serra da Mantiqueira. Professor de geografia(s). Curioso por cerâmica, fotografia, fenomenologia e pelos diversos Brasis. Pai de Anelis. Orientador de Estágios na Licenciatura em Geografia da UFRN.

¹ Extrato de um texto homônimo publicado no livro “O Estágio Supervisionado e o Professor de Geografia: múltiplos olhares. Organizado por Daniel M. Vallerius (et al). Paco: Jundiá, 2019.

Inspirado neste estrangeiro que retorna à sala de aula, tenho concebido os Estágios Supervisionados como um trajeto que se esboça a partir de uma questão “ponto de partida”: Por que ser professor? Após uma tempestade de ideias e palavras que emergem, reconhecemos: motivações pessoais, sonhos, desejos, idealizações de uma profissão, e até mesmo o que alguns destes futuros professores nomeiam como “vocação”. Este é um momento que pode se tornar um divisor de águas em uma turma, visto que são reveladores de “diversos” pontos de vista: desde falas que indicam uma afeição à certas áreas de conhecimento/disciplinas (Geografia, Ciências,...) mobilizada a partir das memórias de um(a) professor(a) “que os marcaram”, seja pelo olhar crítico, pelo engajamento, pela empatia ou pelo fato de lhes ter apresentado coisas “importantes”, até o oposto, como escolha pela falta de opção, “por ser mais fácil” ou ainda por curiosidade.

² O termo estrangeiro é utilizado de modo recorrente nos relatórios e narrativas destes futuros professores, quando se referem à sua “entrada” na escola, e também para indicar o modo como são “vistos” na escola, não tendo um sentido pejorativo, mas despertando laços de solidariedade e acolhimento, onde, esta imagem de si, se referencia em um “possível” olhar do outro. Greene considera que o olhar do estrangeiro é uma forma de resgatar um sentido de humanidade ao professor (sua história de vida) massificado pelo sistema escolar, e ainda de reconhecer as diversas realidades na qual se insere, de modo que “hacer a esa persona visible para sí misma” (Maxine Greene, 1995, p. 87).

³ Jorge Larrosa. Tremores: escritos sobre experiência, Belo Horizonte: autêntica, 2014, p.28.

É a partir destas falas e narrativas de futuros professores em salas de aula repletas de diversidade, de sujeitos com seus trajetos e trajetórias de vida, produzindo encontros, questionando e repleto de anseios, estranhamentos e afetos que “transcendem a sala de aula” como em um caminho a ser percorrido, imagem que diz de um entendimento da experiência como potência educativa, conforme o filósofo da educação Jorge Larrosa, para quem esta palavra não diz de “um caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem prever nem pré-dizer”³.

A experiência dentro do Estágio não é só um conceito, uma ação ou procedimento objetivo, mas ela pode indicar um modo de habitar o mundo “de um ser que existe” levando ao entendimento de que ela participa de um processo “maior” de construção de si enquanto sujeito, professor e aluno.

Para iniciar “outros” percursos..

O professor estrangeiro retorna ao seu lugar de origem, entendendo que seu caminho (de distanciamento e volta) faz parte de um movimento onde poderia criar a si mesmo (em uma identidade de “ser professor”) e criar um sentido para o encontro com o outro, com a alteridade. Neste retorno, ele vê a escola “além” de sua localização real em um mapa, pois ela adquire outro modo de referenciamento: as experiências dos sujeitos e seus sentidos dados a escola. A sala de aula, o pátio, os corredores, o entorno da escola, se transfiguram em lugares de encontro destes futuros professores, aonde podem expressar seus caminhos (projetos) e compartilhar percursos e trajetórias vividas (que podem agora ser chamadas de experiências), através da “intersubjetividade da linguagem, dos significados acumulados, da história” (GREENE, p.111).

O relato terá papel fundamental no Estágio, pois além de ser uma mediação deste sujeito com os conceitos e teorias, como modo de registrar suas práticas, torna-se também uma possibilidade de comunicação, organização e quem sabe, de expressão e tomada de consciência de si (e do outro).

“(..) tenho concebido os Estágios Supervisionados como um trajeto que se esboça a partir de uma questão “ponto de partida”: Por que ser professor?”

Assim, resta pensar sublevações ao relatório burocrático que se assemelha ao inventário: com a quantificação de mobiliário, salas, equipamentos, com um calhamaço de fotografias em anexo (com legendas que não se conectam com o texto escrito), repleto de afirmações e obviedades. Diante desta “forma”, concluímos com duas tentativas de resignificação. A primeira se dá no estímulo à leitura coletiva e individual de textos literários, contos e crônicas, buscando uma “língua” que fale “do que foi vivido na escola”. A segunda, se dá na apresentação e análise pelo estagiário de uma fotografia que seja “significativa”, junto de uma legenda que diga de sua vivência na escola. Destas imagens repletas de geografia(s), poderia citar: um prato de sopa no chão da sala de aula, uma escola em reformas e destelhada que mesmo na precariedade revela pertencimento, um buraco no meio da quadra, uma parede rabiscada com nomes dentro de um coração em giz a dizer de territorialidades; ambas que interpretadas, ganham potência para fomentar diálogos, afetos e troca de conhecimentos.



Autorxs

.....

- Aléxia Micaella
- Ana Beatriz Lourenço
- Arielly Chanttal
- Arthur Cicero Morais Peixoto
- Charles Santana Torres
- Clara Leticia Canário de Brito
- Dandara Mirhally Santos de Castro
- Diêgo Medeiros, Tio Chico.
- Diego Vinícius Medeiros de Carvalho
- Emerson Tinoco
- Érika Patrícia dos Santos Silva
- Éville Beatriz Cândido Gonçalves
- Frederico Wolfgang Gonzalez Canejo
- Giovana Oliveira do Nascimento
- Giovanne da Costa Silva
- Gláucia Lidiane da Silva
- Hamilton Barroso Mourão Junior
- Heloysa Farias da Silva
- Igor Lima Dantas
- Illany Rossellini Bezerra da Silva
- Jéssica Caroline Medeiros Silva
- Joab Wésley Braga Costa
- Joanny Rayane da Silva Coutinho
- João Batista Barbalho Bezerra Junior
- João Rodrigues da Silva Bisneto
- Jorge Lucas Nascimento Souza
- Lucas da Silva Xavier
- Marcella Marinho Vilela
- Maria Luísa de Medeiros Falcão
- Marianna Barros Silva
- Marsílio Secundo Pereira da Rocha
- Pablo Sebastian Moreira Fernandez
- Paulo Renato de Azevedo
- Pedro Victor da Silva Santos
- Renato Alves de Lima
- Rômulo Freire de Albuquerque Lima
- Tatiane Confessor de Lima
- Tayani Zaniol
- Thauana Wuelly Alves Ferreira
- Wellington Alysson de Araújo

Organizadorxs

.....

Thiago Emmanuel Araújo Severo

Edição, concepção e layout

Mayara Larys Gomes de Assis Nogueira

Diagramação e curadoria

Wilson Elmer Nascimento

Revisão e curadoria

Aline de Moura Mattos

Revisão e curadoria

Pablo Sebastian Moreira Fernandez

Revisão e curadoria

Rute Alves de Sousa

Revisão e curadoria

Josivânia Marisa Dantas

Revisão e curadoria

Vânia Aparecida Costa

Revisão e curadoria

Arielly Chanttal Moreira Soares

Diagramação e revisão

Realização e Agradecimentos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Centro de Educação (CE) da UFRN

Laboratórios Interdisciplinares de Formação de Educadores (LIFE)

Laboratório de Ensino Aprendizagem (LEA)

Grupo de Trabalho de Estágios do CE

Às escolas e suas equipes; estagiárixs; professorxs orientadores e à todos e todas que doaram seus tempos de vida para tornar possível a construção deste documento:

- Muito obrigado!



Revista Cadernos de Estágio
Vol. 1, N. 1 - jul/dez 2019

The background of the entire page is a vibrant sunset sky with orange and red hues. In the lower third, the dark silhouettes of several buildings are visible against the horizon.

UFRN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE